

REVISTA DA SEMANA

N. 31 4-8-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

O OLHAR DOS MORTOS ILUMINA OS VIVOS

MISS UNIVERSO — 1956

LUTA AMERICANA — “O VALETUDO”



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956 ESPORTE 1956

ilustrado

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**

(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**

(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

EM TODO
BRASIL

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Carlson Gracie x Santana	4/7
A nova princesa Margaret	14/16
Eu e os Estadistas	18/21
O olhar dos mortos ilumina os vivos	22/25
Num jardim criado por um rei	31/34
O Metropolitano de Lisboa	40/41
Miss Universo 1956	46/49
Cinéreo 3-D — Novo sistema	59/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	17
Palavras Cruzadas	26
TV na Revista	30
Itinerário do Brasil	35
Por esse mundo de Deus	36/37
Semana Astrológica	38
Literatura e Artes	42/43
Revista há 50 Anos	44
Música	45
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foca (Cyro dos Anjos)	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

Pagaremos Multa (Eneida)	3
O Peregrino da Palestina	10/11
A Bola de Futebol	50/51

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Que sabemos das grandes religiões?	27
Um estranho no paraíso	28

◆ CAPA

Barbara Stanwick

(Kodachrome MGM, especial para a Revista)



PAGAREMOS MULTA

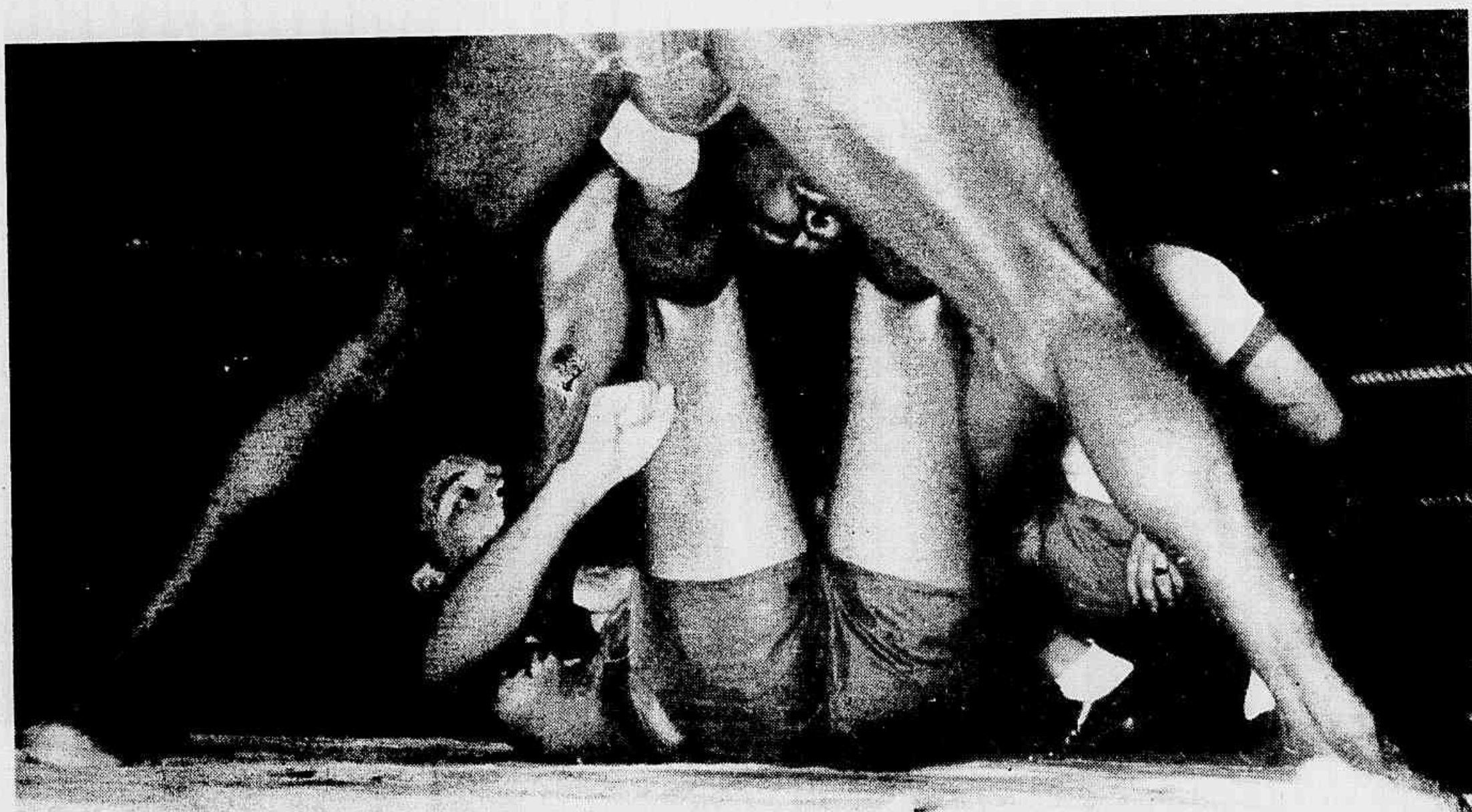
◆ Depois de mais uma campanha educativa de trânsito, nós os pobres e esmagados pedestres vamos começar a pagar multas todas as vezes que infringirmos aquilo que os sinais verdes, amarelos ou vermelhos exigirem de nós. Naturalmente que se essa campanha tivesse como razão fundamental a defesa dos que andam a pé, contra as rodas possantes dos carros que esmagam corpos, triturando ossos, estaríamos todos de acordo. Inteiramente de acordo, prontos a bater palmas e a cumprir na risca nossos deveres de pedestres. Mas assim não acontece. Caminhões, ônibus e carros particulares têm matado gente nas calçadas, dentro de casas, em qualquer momento e todas as horas, porque os rodantes se consideram donos absolutos da cidade. A Inspetoria de Veículos ou outra qualquer repartição destinada a zelar pelo bem estar público devia, antes de mais nada, estudar os pontos de maior movimento e instalar aí postes de sinalização dando ao que anda a pé — geralmente considerado um ser inferior, pois não tem dinheiro para comprar um automóvel — o direito de atravessar a rua livre de perigo.

◆ Falo assim porque conheço muito bem e muito amo minha cidade. Considero voltar para casa um ato tão heróico quanto o de ganhar uma batalha como a de aumento de salário. E que se diga, — apesar de toda a miopia — se é coisa que me apavora é morrer esmagado por um automóvel; respeito os sinais com o mesmo pavor que respeito as contas da Light, pois no mundo só tenho mesmo medo da referida Light (sei como ela é rancorosa) e dos automóveis, o que não impede que esteja sempre à mercê dos últimos (da primeira não; pago sempre e bem adiantadamente as minhas contas com ela). Não sei a que devemos atribuir tantas e tantas mortes diárias por atropelamento. O pedestre pode ser um ser apressado, afoito, principalmente quando, depois de um dia de trabalho, sente necessidade de voltar ao lar. Mas muito mais apressados, afoitos e irresponsáveis são os «chauffeurs», não apenas os de empresas, mas sobretudo os de carros particulares, pequenos e poderosos senhores do mundo do volante e tão displicentes que os sinais não parecem merecer-lhes a menor das atenções. Que importa a um ser motorizado a vida de uma pessoa a pé?

◆ Como conheço também os governantes desta cidade, como sei o quanto aqui funciona o regime do pistolão e o «você sabe com quem está falando?», creio que com essa nova medida vai acontecer uma coisa muito triste: nós pedestres vamos ser multados a torto e a direito por estarmos atropelando os automóveis. Sim. Seremos de agora em diante responsáveis pela nossa própria morte ou pela nossa invalidez. Se um automóvel passar por cima de uma de nossas pernas pagaremos multa, seremos sempre os culpados, pois jamais, em tempo algum, um fiscal de veículos ou uma Inspetoria de Trânsito dará razão ao pobre que nada tem.

Comprar bicicleta não resolve; um ciclista não pode ser igualado ao proprietário de um Cadillac, ultimíssimo modelo. Comprar é verbo difícil nesta hora de vida tão cara. Que faremos então? Nada, irmãos, nada. Vamos assistir agora aos multados a todo momento, vamos chorar na cama que nem sempre é lugar quente, mas vamos ter coragem e continuar vivendo, pois mesmo pedestres como nós, ainda sentimos prazer e amor pela vida por pior que ela seja. Vamos ser muito multados e sempre, irmãos. Azar o nosso que não conseguimos dinheiro para comprar um automóvel. Paguemos pois nossos próprios atropelamentos. Um automóvel — não vos enganeis — tem sempre razão. E o pedestre — tenhamos certeza — é um ser inferior digno portanto de todas as multas.

WALDEMAR VENCIDO, MAS NÃO ABATIDO:



A bexiga é uma das vísceras mais difíceis de atingir. Não obstante, há uma técnica especial na utilização da parte anterior do calcanhar. A pancada deve ser seca e rápida, com os músculos dos pés retesados.

— SÓ SEI QUE FUI E CONTINUO A SER O VENCEDOR DE HÉLIO GRACIE

EUFORIA ENTRE OS GRACIES: "ESTAMOS VINGADOS!" ★ AO CHEFE DE POLÍCIA FORA PROMETIDO QUE A LUTA SERIA BRUTAL, MAS NÃO SELVAGEM... ★ UM PONTAPÉ NA FRONTE E UMA SARAIVADA DE CHUTES NOS RINS, NO ESTÔMAGO E NA BEXIGA INUTILIZARAM WALDEMAR ★ "LUTA AMERICANA"? AUTÊNTICO "VALE-TUDO" MASCARADO... ★ E WALDEMAR SANTANA NÃO PERDEU O CARTAZ

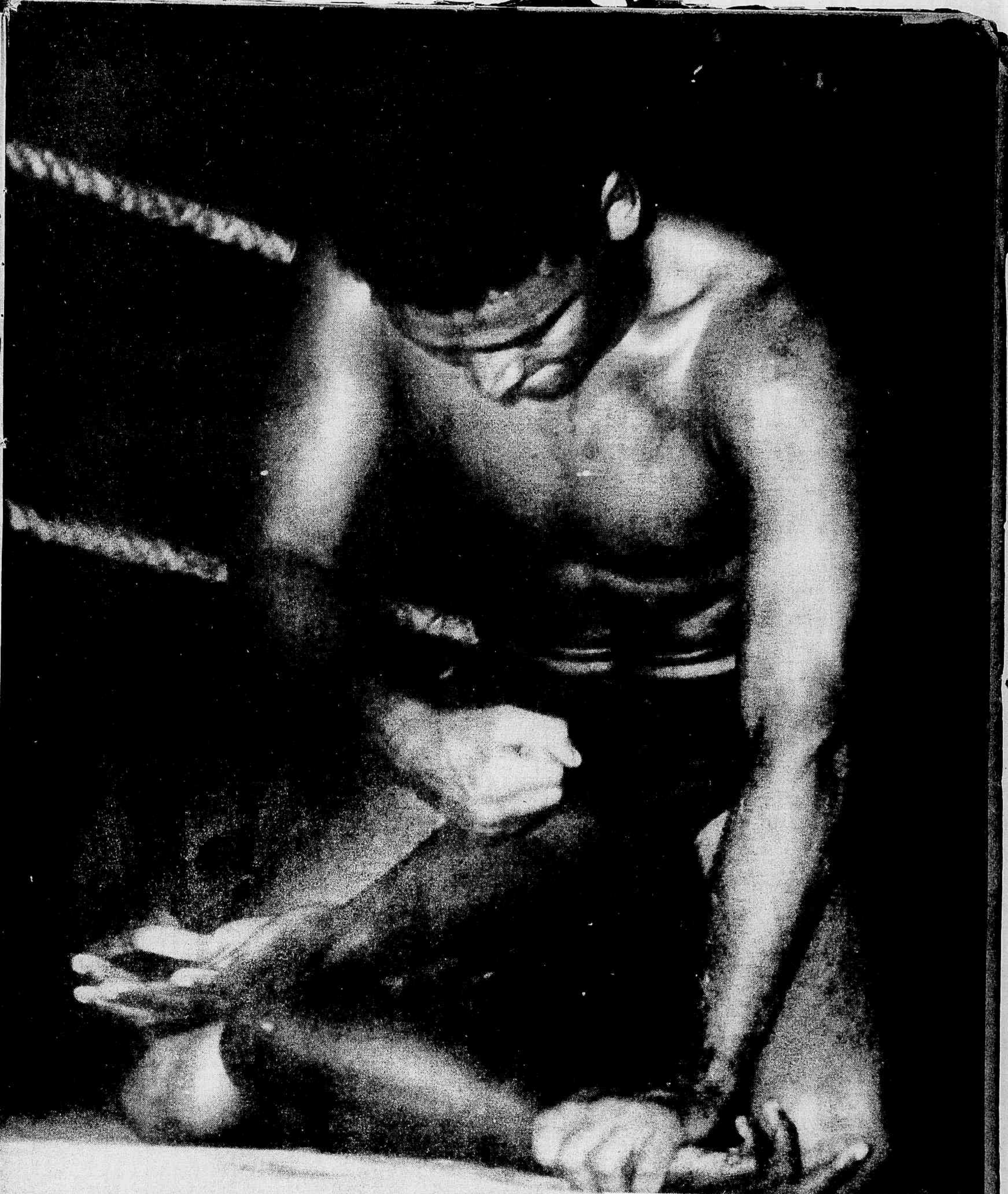
Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA e V. VASCONCELOS

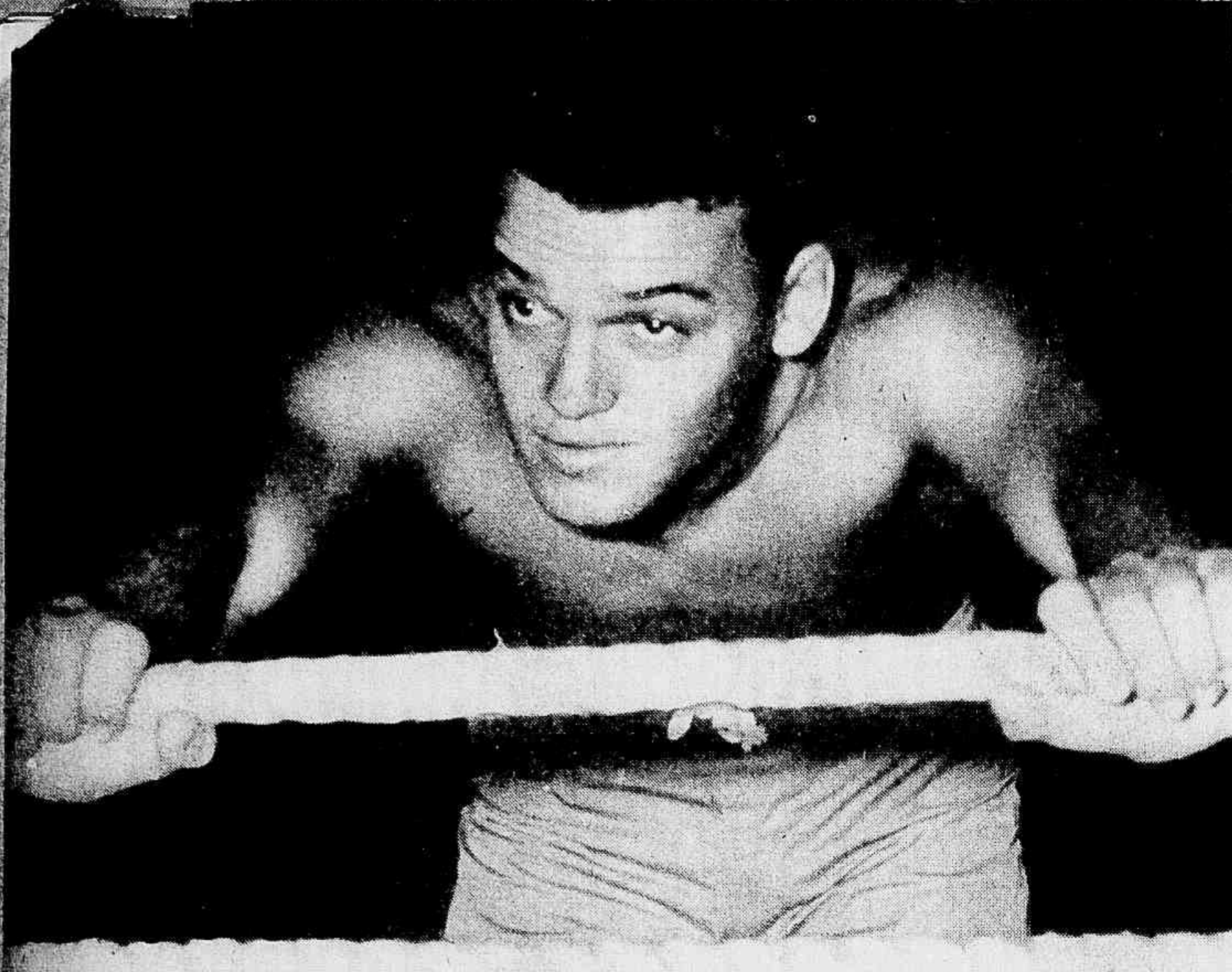
◆ DEPOIMENTO PARA O CHEFE DE POLÍCIA — Nada mais oportuno, quando se reedita o famigerado «vale-tudo», do que ouvir a palavra de dois ex-participantes do primeiro embate, levado a efeito no «ring» de cimento da quadra de basquete do Vasco da Gama, há uns 3 anos.

Wilson de Oliveira — o «Passarito» — primeiro adversário de Carlson Gracie, e cuja luta até hoje não se decidiu na justiça: — Aos que afirmam que não há ódio num «vale-tudo» eu respondo com o testemunho de minha triste experiência. Há mais que ódio — «há vontade de matar o adversário, para que a coisa acabe de uma vez». Eu senti isso. E ainda hoje me arrependo de ter feito o que fiz.

Outro testemunho valioso é o de Rudolf Hermann, que participou das lutas preliminares daquele mesmo espetáculo: — O «vale-tudo» com o rótulo de «luta americana» presta-se admiravelmente para excitar e desenvolver os mais baixos instintos do homem. Dois adversários, encurralados no «ring» lutam desesperadamente pela vida, pois é a sua integridade física que está em jogo. A responsabilidade que assumem perante o público não lhes permite desistir — «ainda que queiram»... Eu mesmo lutei mais de 1 hora, após ter batido com a cabeça no chão de cimento. Por vários meses, fiquei privado do senso de equilíbrio e mal me podia manter de pé. Recuperei-me e... «regenerei-me», felizmente.



Ao leigo parece difícil metodizar uma técnica de ensino capaz de garantir ao aprendiz atingir, com segurança e violência, a fronte do adversário. Mas, já existem escolas especializadas



Que destino aguarda este jovem? O «vale-tudo» apenas começa e ainda não despontaram grandes lutadores da arte de massacrar o próximo. Vai ser o eternamente visado pelos que têm ambição ao «estrelato» dos rings. O «esporte pelo esporte» não será melhor que a «vida pelo vale-tudo»?

EUFORIA ENTRE OS GRACIES

NOSSA Academia é uma academia de briga. Sentimo-nos, portanto, orgulhosos e envidados após essa vitória espetacular de Carlson Gracie contra o negro Waldemar. E outra não poderia ser nossa atitude, pois somos coerentes em tudo. Se nós aqui ensinamos a nossos alunos a técnica de atacar e defender-se, incoerentes seríamos se pretendêssemos, em qualquer momento, negar tal fato, deixando de aceitar os desafios que nos lançam. Desde que o desafiante mereça ser confrontado com um Gracie — nós topamos a parada.

«Mas, com Waldemar Santana nada mais queremos agora — estamos vingados!»

Com palavras marcadas pelo entusiasmo e pela convicção, o veterano Carlos Gracie (irmão de Hélio e tio de Carlson) explica ao repórter o verdadeiro sentido e objetivos de sua organização que se dedica exclusivamente ao ensino e à difusão do chamado «Jiu-Jitsu».

Estamos no 17º andar de um edifício situado no coração da cidade. Móveis modernos, tapetes, espelhos «bisotés», e lustres de cristal dão ao visitante as proporções do luxo e do bom gosto. O ambiente destina-se, evidentemente, a



A família Gracie que prefere arriscar todo um passado de lutas numa única e infernal «cartada». Quem vencer a Carlson, que «monstro» será? Alguém se prepara para a revanche de Santana.

atrair o que de mais seletivo possa existir em matéria de cliente: isto é, as nossas elites.

E de fato: como alunos e seguidores dos ensinamentos da técnica dos Irmãos Gracie podem ali ser encontradas, a qualquer momento, as figuras mais representativas de nosso mais alto escalão social. Frequentam a Academia Gracie inúmeros diplomatas, senadores, deputados, vereadores, médicos, engenheiros, diretores de jornais e... até sacerdotes.

OS INVENTORES DO «VALE-TUDO»

Insatisfeitos, porém, com os sucessos financeiros dos espetáculos esportivos que promoviam — apresentados ao público como **manifestações vandálicas** (luta de vida ou morte, etc.), mas que não passavam, às vezes, de cómodos e inocentes arranjos entre cavalheiros amigos seus — os irmãos Gracie voaram mais longe, impulsionados pela magia do nome que estavam criando. E inventaram o «vale-tudo»; gênero de luta violenta de verdade, em que um membro da família desafiava os «valentes do Rio». Mas, os valentes, nem todos, eram amigos seus... Cessaram os «arranjos»...

As primeiras lutas eram de um primitivismo tão bárbaro que só mesmo o acumpliciamento mercenário de alguns dirigentes irresponsáveis era capaz de admitir. O público consciente ficou pasmo. Mas, o inconsciente estimulava o espetáculo e... pagava as entradas.

O PREÇO DA GLÓRIA

E foi então que o feitiço virou contra o feiticeiro. Bastava vencer-se o «deus-Gracie» uma só vez. Quem o conseguisse, capitalizava em seu favor os 25 anos de propaganda da família. Tão sedutor era o «negócio», que chegou a subverter a própria disciplina doméstica dos Gracie. Um negro obscuro, aprendiz arriado do mestre excelso se rebelou contra o criador. Sólto, endiabrado, resolveu, um dia, provocar a fúria dos deuses.

Para conter o rebelado, novo espetáculo estreou a nação. E ao mestre causou sofrimento atroz: a ponta de um pé irreverente, em horas apenas, destruiu um patrimônio de lustros.

E pelas veias do dono do pé passou a fluir — como em fantasmagórica transfusão — o revigorante elixir dos «campeões». **Waldemar Santana era o novo «deus» da pancada.** Era o preço da Glória.

Mas, mal suportando a «perniciosa anemia» que poderia lhes minar definitivamente o organismo, não tardaram os irmãos Gracie (já agora desesperançados de reinjetar a «heroina» revitalizante nas artérias esclerosadas do deus mais velho), em reincarnar no jovem Carlson a figura do Vingador.

E para vingar um ponta-pé... só mesmo outro ponta-pé.

BRUTAL, MAS NÃO SELVAGEM...

Não havendo maneira de reeditar o espetáculo degradante pois as autoridades policiais não mais permitiriam o «vale-tudo», resolveram os irmãos mobilizar seu exército de influências, pressionando, com habilidade invejável, os cordões do oficialismo dirigente.

Arrancando de uma Federação de inconscientes, a «regulamentação» de espetáculos das chamadas «lutas preparadas», em que apenas **teóricamente** se permite a execução de toda a sorte de golpes mortais — o «vale-tudo mascarado» pôde ressurgir violento.

O próprio general Chefe de Polícia manifestando desconfiança chamou às falas os promotores.

— Pode ficar descansado, general. A luta vai ser brutal, mas, não selvagem...

As aparências estavam salvas. O «vale-tudo mascarado» se fez. E outros se farão, se Deus quiser...

Frente a nós, encontram-se Carlos, Hélio e Carlson. Todos eufóricos. Restabelecida a dignidade de suas condições excelsas erguem a cabeça, sobranceiros:

— **Estamos vingados!**

Isto acontece aos vinte e dois dias do mês de julho do Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1956 — na capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

WALDEMAR SANTANA

ASSIM CAIU O EX-ÍDOLO

— Atingido por um forte pontapé na fronte — no 5º minuto de luta — Waldemar Santana ficou absolutamente inconsciente. E assim combateu durante os 4 outros «rounds» até que resolvi suspender a luta.

Quem faz essa afirmativa é o «manager» e empresário do lutador «colored», o sr. Carlos Renato de Castro, algumas horas após o embate do Maracanãzinho. Estamos numa confortável residência de um subúrbio distante e o «ex-ídolo» ali repousa em frente a nós, de olhar apático. Resguarda-se da imprensa adversa e se retempera do aturdimento que a derrota lhe causou.

— Após atirar Carlson fora do «ring» pela primeira vez — explica o «manager» — quando da volta ao tablado, Waldemar recebeu violento pontapé na fronte. Meio tonto (pois a pancada foi segura e o apanhou com muita violência em região perigosa) continuou a receber em seguida uma saraivada de chutes e socos no queixo, no estômago, nos rins e na bexiga também.

«A partir daquele justo momento, meu pupilo estava inapelavelmente derrotado. Dali por diante não mais reagiria conscientemente».

— E por que não interrompeu a luta imediatamente?

O moço recua numa expressão de pavor.

— Eu?... Já imaginou se resolvo mandar o Waldemar entregar os pontos naquela altura? Com 5 minutos de luta e toda aquela multidão sedenta a nos rodear ameaçadora?

Faz um muchocho de zombaria.

— Seria sem dúvida eu o massacrado... não só pelo público que nos circundava, como também — e disso tenho a certeza — pelos amigos de Santana e... talvez por ele próprio até...

Nessa altura, Waldemar Santana esboça um sorriso que não parece traduzir muita coisa. Dispõe-se a falar. Mas, Carlos Renato toma a dianteira:

— Reafirmo-lhe que Waldemar lutou inconsciente até o fim. As minhas reiteradas instruções durante a luta para que iniciasse o ataque respondia-me num gesto vago com a mão. No intervalo pude então saber a verdade.

— **Eu entendo o que você diz, mas não sou capaz de mexer os braços. Sinto a cabeça pesada, como se estivesse bêbado.**

Foi essa a confissão que Waldemar me fez no primeiro intervalo da luta.

Carlos Renato levanta-se para providenciar um café e logo retorna apressado. Não dá muito tempo para que seu pupilo se articule.

— Durante os 4 «rounds» Carlson Gracie lutou contra um homem «sonado». Era o que os técnicos em pugilismo classificam de «nocaute técnico». Não atacava nem se defendia: limitava-se a se deixar massacrar inconsciente.

«Reproduzia-se a mesma coisa sucedida com Joe Louis na célebre luta contra Max Schmelling. Aliás, o próprio público pôde constatar a desorientação de Waldemar quando do término do primeiro assalto. Meio trôpego, vacilante, dirigiu-se o «colored» para um «corner» que não era o seu...»

Interrompemos o impetuoso rapaz, para saber se da «regulamentação do vale-tudo» nenhuma cláusula constava sobre a obrigatoriedade da interpelação do juiz aos adversários antes do reinício de cada «round» — usual e obrigatório nas competições de box para aferir pelo menos se os lutadores sabem que «round» vai ser disputado a seguir. Em caso de vacilação, quanto à resposta certa, a luta é imediatamente suspensa.

— Ora, não havia nada disso... O negócio era «vale-tudo» mesmo... E nem eu iria suspender a luta como já lhe disse.

MUTISMO LOQUAZ

Santana agora, parece resolvido a sair do mutismo em que se deixara ficar desde a nossa chegada. Anima-se um pouco e parece que vai falar. Mas, o «manager» não lhe dá oportunidade:

— Quem parou a luta fui eu — explica. Waldemar bem que queria continuar lutando.



Pensativo. Waldemar Santana não sabe que destino tomar agora. Arriscou a vida por dinheiro. Dinheiro que acabou antes mesmo de recebê-lo, pois as dívidas que contraiu contando com a vitória não lhe deixam mais que alguns trocados. No «vale-tudo» quando se perde — «é o fim».

Acontece que prefiro um amigo derrotado, mas vivo, a um amigo-herói, porém cadáver.

Olhamos significativamente para o «ex-herói». Ele esboça outro sorriso. Pretende dizer alguma coisa, mas a «metralhadora» não pára:

— Será possível admitir que um lutador da categoria de meu pupilo, em perfeitas condições físicas e técnicas, passe 48 minutos sem dar sequer um sóco no adversário? Nenhuma cabeçada? Nenhum pontapé?

Voltamos a encarar o negro Santana. Desta vez prende os lábios e meneia a cabeça.

— Em várias ocasiões — ainda Carlos Renato com a palavra — Waldemar poderia ter liquidado o valoroso adversário. Por exemplo:

quando estêve, de lado, sobre Carlson. A mão de Waldemar (tenho fotografias que provam o que estou dizendo) estêve a milímetros do rosto de Carlson... E o sóco não saiu... Pudera!

Fêz-se silêncio. Waldemar faz um gesto com a mão pedindo a palavra... Fala, afinal:

A voz vem desanimada. Meio rouca. A expressão do rosto (onde se pode ver algumas equimoses e o olho esquerdo com raios sanguíneos) é de abatimento.

— Só sei que fui e continuo a ser o vencedor de Hélio Gracie...

— E agora, Waldemar? Vai pedir **revanche**? O negro abre os braços e estica o beijo.

— Vou resolver.



Em certas escolas de «jiu-jitsu» os alunos recebem instrução de quimono. Mas, para as lutas verdadeiras, é aconselhável o uso do calção com o corpo desnudo. Localiza-se logo os órgãos vitais.

FALANDO SOBRE a presença do poeta Schmidt, num programa de televisão, assim falou o cronista que se assina Tevente: «Recordamos um trecho de **Fonte Invisível**: «Serei um pássaro / Ou serei uma flor? / Uma flor nascida das trevas / Uma flor de asas frias / Uma flor desesperada e quieta?» Nada disso. A imagem de televisão nos mostra que A.F.S. não é um pássaro nem uma flor: é um homem gordo, que fuma charuto, que fala devagar, que diz que não é rico, que defende a **Orquima**, que se diz membro de uma sociedade que vai criar supermercados...

A TEMPORADA de óperas do Municipal foi inaugurada com o «Boris Godunov», de Modesto Moussorgsky, cantado pelo baixo Boris Christoff.

DESDE O DIA 27 que diversos ciclistas de várias nacionalidades correm como doidos no estadião de Maracanã, transformado em velódromo. Só param para comer, dormir um pouco e logo em seguida continuar.

DEPOIS DO caso dos bondes e do caso bem menor dos ônibus, os táxis também vão ter o seu. Os motoristas andam descontentes com as atuais tarifas, que desejam ver aumentadas.

ESTIVERAM NO Rio de Janeiro o Presidente da Argentina, Aramburu, e o da Bolívia, Zuazo. Só quem não estava mesmo por essas bandas era o nosso J.K., que fazia o seu giro pan-americano sujeito a chuvas e trovoadas...

RECOMEÇOU A TEMPORADA de futebol, em gramados cariocas. Botafogo, Flamengo, Fluminense e América passaram pelos seus oponentes, alguns levando um susto. O Canto do Rio, que segundo alguns ia fazer e acontecer, levou um banho do selecionado brasileiro, quero dizer, do América.

FRASE (DIALÉTICA) de José Américo de Almeida: «Não sou mais o que fui, nem ainda sou o que serei». Tá bom.

JOSÉ BONIFÁCIO, deputado federal, apresentou projeto, já aprovado na Comissão de Economia, que proíbe a cobrança de impostos, taxas ou emolumentos, sobre veículos e mercadorias em trânsito nas rodovias federais. O caso é que a Prefeitura de Petrópolis andava cobrando impostos sobre os caminhões que passavam por aquela cidade, a caminho da Bahia, sob a alegação de que... estavam estragando as ruas. Assim, se estabelecia o paradoxo: um Cadillac, sem pagar impostos, e um caminhão, com preciosa carga, a pagá-los. O prejudicado seria a economia nacional, essa infeliz.

A SEMANA

NACIONAIS

JK, QUE de tanto viajar já começa a ser conhecido por Jota Lá, esteve no Panamá, na celeberrima e desnecessária Conferência do Panamá. Ali, abriu a torneirinha, e disse que o Brasil marcha às mil maravilhas, que a inflação terminará no fim do ano, que o país está em ordem. Tantas disse, que os Estados Unidos, ao invés de financiarem um empréstimo ao Brasil, quase que lhe pediam um...

QUANDO FOI conhecido o resultado do concurso Miss Universo, que terminou com a vitória da representante norte-americana, Miss Brasil, Maria José Cardoso, protestou, em termos moderados. «Entre as latino-americanas, há pelo menos umas três que mereciam ficar entre as cinco finalistas». E o preconceito, menina?

CHEGOU AO Rio de Janeiro o grande porta-aviões «Franklin D. Roosevelt», um dos maiores do mundo. Sua tripulação é de 2.600 oficiais e marinheiros. Desloca sessenta e duas mil toneladas.

UM INDUSTRIAL carioca, tendo ido banhar-se no Recreio dos Bandeirantes, foi devorado pelos tubarões. Pelo menos, essa a conclusão a que chegaram as autoridades policiais, após quase uma semana de buscas infrutíferas.

COM SENSACIONAL vitória, Carlson Gracie acabou de vez com o cartaz do lutar Waldemar Santana. Uma imensa assistência lotou o Maracanãzinho, onde se efetuou a luta. Santana ficou com o rosto inteiramente deformado, devido aos golpes do jovem Gracie. A polícia devia ver essas coisas com mais severidade. Aquilo nunca foi esporte, cá para nós.

O DEPUTADO Newton Carneiro, de volta de sua viagem à União Soviética, está firmemente decidido a pelear pela Criação de um Ministério da Economia, nos moldes daquele que viu, em Moscou. O representante udenista concedeu uma entrevista, sobre a viagem, que está dando o que falar.

COM A VIAGEM de JK ao Panamá, João Goulart teve de interromper as suas, a fim de se tornar, ao menos momentaneamente, Presidente da República. E nos poucos dias que assumiu a chefia do governo recebeu mais de seiscentos pedidos de emprego. A quantos terá atendido?

ZÉ GAMELA, ator do João Caetano, homenageou, com um espetáculo especial, o general Teixeira Lott, na praça Tiradentes. Cala-te, bôca.

DIZEM QUE o general Juarez Távora será o candidato de Jânio Quadros a prefeito de São Paulo. Deputados estaduais do Partido Socialista Brasileiro já apresentaram, na Assembléia

Paulista, o nome do general, que, aliás, não se manifestou ainda a respeito.

O DEPUTADO petebista (mineiro) Ilacir Pereira Lima deu entrevista aos jornais, manifestando-se contrário à orientação seguida pelo Partido em Minas. Em determinado momento da entrevista, afirmou: «É preciso ver se o governo do sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira está prejudicando com a sua política o interesse dos trabalhadores».

A GREVE que atingiu as empresas de aviação brasileiras está praticamente no fim, de vez que empregadores e empregados chegaram a um acordo.

NA PRIMEIRA sessão ordinária da Academia Brasileira de Letras a que compareceu, Alvaro Lins teve de explicar o que havia acontecido na noite da posse. Saiu-se bem, desta vez, conseguindo pôr os pingos nos ii.

E O DÓLAR, que andou baixando esta semana? Dois cruzeiros apenas, mas baixou. Já há quem esteja de orelhas em pé, imaginando a reação que certamente não se fará esperar. Mas o ministro Alkmim diz que a moeda brasileira a pouco e pouco firmar-se-á, para estabilizar-se, o seu valor, ao nível de US\$ 1 = 62 cruzeiros.

SEGUNDO ESTATÍSTICA recente, a primeira cidade do Brasil é São Paulo, com 2.991.773 habitantes. Segue-se o Rio, com 2.852.176, e depois Recife, com 674.821, Salvador, com 514.362, Porto Alegre, com 494.005, e Belo Horizonte, com 482.084.

FRITZ OELLERS, embaixador da Alemanha no Brasil, deixará brevemente seu posto, sendo substituído por Werner Dankwort, que foi até há pouco embaixador em Otava, no Canadá. O ex-embaixador no Brasil foi removido para Ancara, na Turquia.

HOVE UM concurso de frases sobre Música e Amor, patrocinado por uma loja comercial para a sua nova seção de discos. Pois bem: nunca se viu tanta cretinice junta. De mais de três mil frases recebidas, foram selecionadas seis, todas chochinhas, chifrins, bobocas. Sendo que, dos seis finalistas, quatro se chamam Leon Eliachar, Lêda Rau, Magalhães Júnior e Henrique Pongetti...

DORIVAL CAYMMI quase que tinha de pagar mais de 400 mil cruzeiros de multa, por não ter posto, na música «Eu sem Maria», o nome de seu parceiro Pires Vermelho. Porém, tudo se esclareceu, e Caymmi não mais terá que pagar nada.



JUAREZ
Prefeito de S. Paulo?



JUSCELINO
Inflação? Que inflação?



MARIA JOSÉ
Deu a bronca em Long Beach



CAYMMI
Esqueceu o Pires



CARLSON
A coisa andou preta

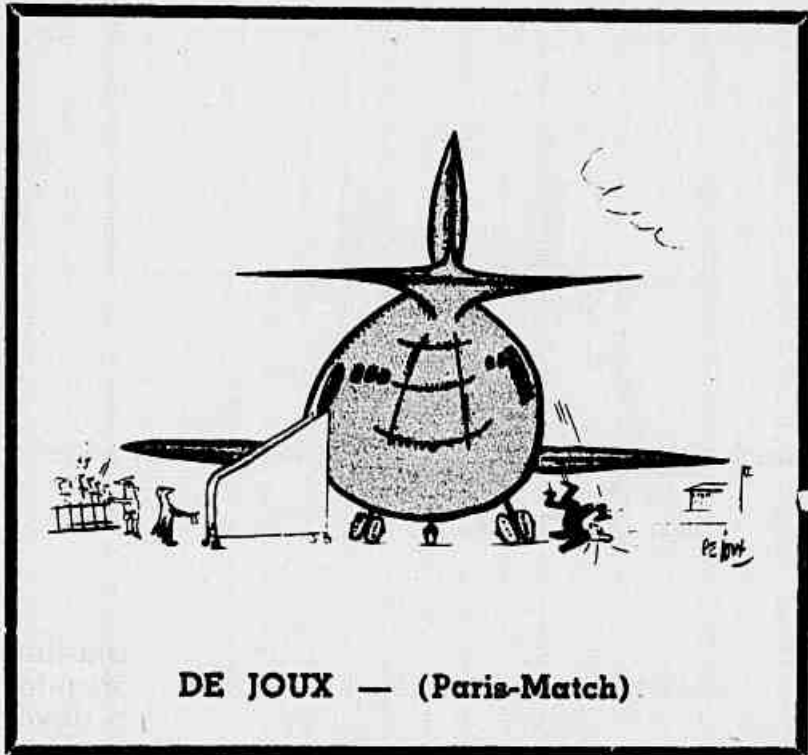
EM REVISTA

INTERNACIONAIS

VERDI E Puccini já estão enchendo, decididamente, em Londres. Talvez por isso, a temporada lírica do Convent Garden tenha apressado, esse ano, um déficit de 350.000 libras esterlinas.

PROIBIDO O ensino das filosofias existencialistas nas Universidades Católicas de Roma.

HUGH THOMAS, diplomata britânico, ao voltar à Inglaterra teve de deixar na Alfândega um exemplar da «Cartuxa de Parma», de Stendhal. Isso porque o pudico funcionário que o atendeu disse que: «na Grã-Bretanha, é proibida a entrada de livros imorais». Coitado.



DE JOUX — (Paris-Match)

BARUCH SPINOSA, grande filósofo holandês, de origem judaica, foi excomungado pela Congregação Judaica, por suas idéias anti-religiosas. Agora, para reparar o erro de seus antepassados, os judeus da Palestina enviaram um grande bloco de basalto, que deverá adornar o túmulo do autor da «Ética», em Haia.

FAMOSO ESPECIALISTA espanhol, que ultimamente examinou Grace Kelly, afirma que o filho da famosa ex-atriz há de nascer a nove de janeiro de 1957.

KRUSHEV SAIU-SE com essa frase, há pouco, quando nos jardins da Embaixada Russa em Londres alguém lhe ofereceu umas cerejas italianas: «A Itália faz parte da NATO, e o que vem da NATO não pode ser grande coisa...»

JOE LOUIS, que devia ao fisco um milhão de dólares, e cuja situação financeira é delicada, não mais terá de pagá-los: um decreto especial do Senado Americano, reconhecendo o quanto fez Louis pelo bom nome dos Estados Unidos, relevou-o da falta.

A EX-RAINHA Elizabeth, mãe da atual, sofreu uma queda, em Londres, e partiu o tornozelo. Tem 56 anos.

RHONDA FLEMING divorciou-se, em Juarez, México, de seu marido, o doutor Lewis Morrill.

OS ESTUDANTES russos acham muito ruim a literatura francesa. «Os escritores modernos da França, Cocteau, Stil e Lafitte, são fracos, francamente». Sem comentários.

LOLLIC PRODUCTIONS, eis como se chama a companhia cinematográfica recentemente criada por Gina Lollobrigida e pelo marido, Miro Skolic. Deixam eu entrar de sócio?

O GOVERNO da França acaba de reafirmar a inabalável decisão que tem, de conservar todos os preços vigentes em fevereiro de 1954. Que inveja...

EM OSAKA, no Japão, os condenados à morte levam para a prisão um pequeno pássaro. No dia em que vão morrer, soltam o pássaro pela janela da cela. A sua alma abandona, assim, o corpo que vai morrer, não passando pelo dissabor da execução. Poéticos, esses japoneses.

PARA GRANJEAR a amizade dos países árabes, a União Soviética facilitou ao máximo a viagem dos muçulmanos residentes na Rússia e nos países soviéticos a Meca.

SEGUNDO SINDICATOS pesqueiros noruegueses, dentro de dez anos, a continuar como está o ritmo da caça aos cetáceos, não haverá mais uma só baleia em todo o Mar do Norte.

A RÚSSIA não adotará o alfabeto latino — é o que vem de proclamar o Soviet Supremo. «Para que mudar nosso alfabeto cirílico, se não há nenhuma necessidade disso?»

OS NAVAJOs acabam de assinar um importante contrato com uma companhia petrolífera americana. No território hoje habitado por aqueles outrora ferozes índios pele-vermelhas, foi descoberto petróleo. A Companhia encarregar-se-á de explorá-lo, e os lucros serão repartidos entre ela e os membros da tribo.

O PADRE AMÉRICO, que fundara em Portugal, próximo a Coimbra, uma cidade para crianças, universalmente conhecida, faleceu na semana passada, em avançada idade.

UM TERREMOTO violentíssimo assolou extensa região da Índia, causando milhares de mortes. O fato se passou à noite, o que contribuiu para estabelecer terror ainda maior. A zona atingida estende-se de Bombaim à fronteira com o Paquistão.

A semaninha

Papai leu com bastante entusiasmo minha última carta. E, quase chorando, me implorou que jamais o deixasse sem notícias. Estas, porém, continuam escassas. Tive assim que recorrer, como tábua de salvação, aos vespertinos da cidade:

O SALARIO JA SAIU",
"SÃO CRISTÓVAO AFUNDOU";
"COMO O MEU CARRO SUMIU"...
"TARIFA AÉREA AUMENTOU"!

Geladeira e bom fogão,
Trocar de móveis também;
E já que o vizinho tem,
Vou comprar televisão!
Assim disse o meu patrão
Que surpreso, proferiu:
— "Então isso já se viu",?
Não há que desanimar,
A vida vai melhorar...
"O SALARIO JA SAIU"!

Isso está uma miséria...
As coisas boas, são fracas:
"Vasco da Gama" em Caracas
Naufragou... será pilhéria?
A "Portuguesa" tão séria
Parece que destoou...
Papai, a quem Deus salvou
Em seus ombros carregando?
Por que andam aqui falando:
"SÃO CRISTÓVAO AFUNDOU"!

Houve até "sagrado nó
No Congresso em Quitandinha";
Temos falta de farinha
De causar imensa dó!
O ladrão andando só
Por que polícia não viu...
No seu tempo esta existiu?
Dê daí seu parecer,
Preciso compreender
"COMO O MEU CARRO SUMIU"!

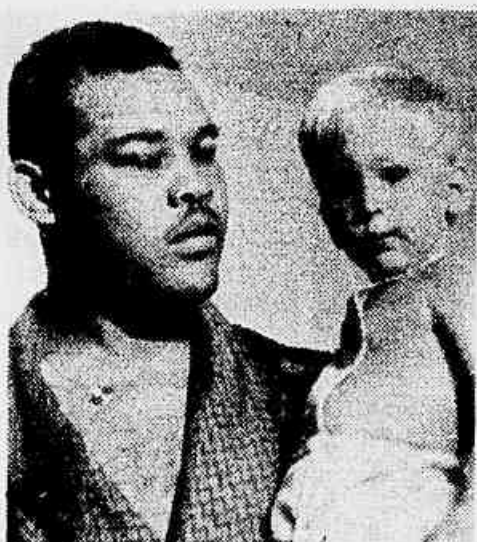
Repare como isto é
Se já esqueceu como foi:
Dizem "haver muito boi",
"Vão multar quem anda a pé";
Fala-se em "Males de café"
Logo o preço melhorou!...
A tal "Greve terminou",
Foi resolvida a questão
Numa simples solução:
TARIFA AÉREA AUMENTOU!

Papai, apenas te peço:
Minhas asneiras ressalves
Se notares que, o mereço...
Abraça-te o

SANTOS ALVES



ROBINSON & ESPÔSA
Casalzinho feio



JOE LOUIS
Foi perdoado



LOLLIBRIGIDA
Vai produzir, agora



RHONDA FLEMING
Crueldade mental ora



RAINHA MÃE-ELIZABETH
Deu uma queda, foi ao chão
REVISTA DA SEMANA — 9

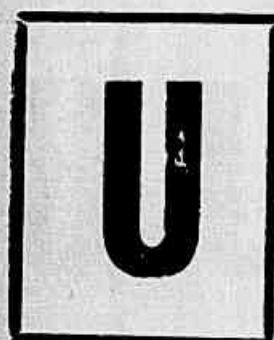
O PEREGRINO DA PALESTINA

Por ISRAEL ZANGWILL

Desenho de RAMÓN

♦ **SÓBRE ZANGWILL** — Entre nós, brasileiros, o nome do escritor inglês, de origem judaica Israel Zangwill é muitíssimo pouco difundido. Zangwill nasceu em 1864 em Londres, tendo partido do nada. Autodidata, desde a juventude pouco feliz, passada no «ghetto», seus dons para a observação foram amadurecendo, até que, chegado à adolescência, a vocação literária se manifestou. Surgiram pouco após os primeiros livros, «Ghetto Tragedies», «Ghetto Comedies», «Children of the Ghetto», «Dreams of the Ghetto», etc., etc. Pequenos judeus humildes e sujos, operários, comerciantes, empregados modestos, cantores de sinagoga, são seus personagens favoritos. Zangwill não é porém apenas um escritor judeu: é homem de ação, e como tal foi uma espécie de líder da comunidade judaica londrina, até ao fim de sua existência.

CAPITULO I



MA multidão heterogênea de judeus e judias pobres acotovelava-se diante das portas da grande sinagoga de Manchester, empurando-se uns aos outros de maneira tão desesperada, que não sentiam sequer o rigor daquela tarde de inverno. Estendia-se, tal multidão, desde o pórtico de largas pilastras até ao outro lado da praça fronteiria, indo comprimir-se contra uma grade de ferro. Os bancos de madeira do edifício sagrado estavam já cobertos por mil pessoas suarentas em desordem, as mulheres misturadas aos homens, e muitos homens ocupando também a galeria reservada habitualmente às mulheres, pela primeira vez ousando desobedecer as determinações que até então os haviam mantido separados, no interior do templo. A hora do sermão chegara afinal, e a polícia se esforçava em vão para fechar as portas, pois a multidão poderosa que do lado de fora esperava a vez de entrar na sinagoga, aos solavancos e empurrões, estava impaciente pela longa espera, e de maneira alguma desejava ficar de fora.

Um policial, que conseguira introduzir-se por uma porta traseira, chegara até perto do responsável por toda aquela desordem, dizendo-lhe que, se não retardasse um pouco a sua pregação, até que toda a imensa quantidade de gente estivesse dentro do templo, provavelmente haveria uma rebelião, ou qualquer coisa semelhante. Só então se permitiu que aquela massa compacta, aquele verdadeiro rio humano, se construísse uma passagem, pela qual penetrou enfim na sinagoga, ocupando-lhe todos os recantos, todos os pedaços úteis do enorme edifício, transformando-se em uma imensa multidão imóvel, estatelada, semelhante às águas do mar Vermelho recuadas para dar passagem a Moisés. E quando afinal as portas foram cerradas, e quando milhares de rostos encardidos, fracamente iluminados pelos candelabros de gás, se voltaram para a alta cátedra no cimo da qual estava postado o orador, mística silhueta que se destacava nítida sobre o fundo austero da cortina da Arca, parecia que o Ghetto de Manchester em péso, toda a população de Strangeways e de Redbank, estava reunida no interior da sinagoga, maré humana reunida por uma dessas estranhas influências que, através de todas as épocas, de quando em quando se fazem sentir sobre o povo judaico.

Entre aquela multidão de miseráveis, atraída pela reputação de um rabino, rabino que não passava de uma espécie de porta-voz de um Messias milionário, o qual se consagrava desde muito à restauração e redenção de Israel, Aaron, vendedor de prestações, não passava de um átomo, feio, baixo, encurvado, trajando uma vestimenta andrajosa. Era um pobre diabo, desconsiderado até mesmo por aqueles seres miseráveis contra os quais estivera comprimido durante tantas horas, enquanto esperava o momento de ingressar no templo. Aaron não tinha o menor valor no mundo, para o qual não contribuía com a mínima parcela de grandeza, e ao qual, afinal de contas, pouco ou nada conhecia. Pois, muito embora ele cobrisse de elogios suas próprias mercadorias, ao expô-las ao público, por mais que fôsse tentar com essas mesmas mercadorias as empregadinhas, às portas das cozinhas, ultrapassava Aaron de muito aos seus irmãos, naquela espécie de vocação irresistível que faz de cada judeu russo, por mais ínfimo que seja, um profeta político. O interesse que Aaron tinha pela política, porém, limitava-se às guerras dos reis de Israel e aos feitos de Tito e de Antioco Epifânio. Para ele, o mundo moderno estava repartido entre judeus, e Pagãos; e a sociedade, dividida em duas classes, ricos e pobres.

— Não estás acaso satisfeito, por passear tanto? perguntaram-lhe certa vez com benevolência um membro da primeira e mais importante classe, pôsto que menos numerosa. E' verdade que no inverno não deve ser muito agradável, porém, no verão e principalmente durante a primavera, o senhor deve presenciar muitas belas paisagens pelos caminhos.

— O senhor se esquece de que meus passeios têm por finalidade o comércio, de modo que não presto nenhuma atenção aos sítios por onde passo. Não tenho tempo para ocupar-me com a beleza do panorama.

O caso é que, muito embora tivesse ficado emocionado com a grande honraria que lhe concedera tão importante personagem ao dirigir-lhe a palavra, o ponto de vista de Aaron era aquele mesmo. Com efeito, vivia ele num estranho mundo de sonhos, sem se aperceber da realidade que o cercava. Para ele, resumia-se o mundo nas mil bugigangas que carregava consigo pelo país agora, e que formavam seu precioso estoque de mercadorias. Estava mais feliz nas ruas sórdidas de Strangeway, por entre aquelas janelas cobertas de papéis, escritos em caracteres hebraicos, à sombra de uma sinagoga sempre presente, como uma guardiã milenar, que quando atravessa as regiões belíssimas que ficavam além das cidades, sob o vasto céu azul, ou quando repousava, usando a mala como travesseiro, à beira de algum poético regato rumorejante. Seus inimigos chamá-lo-iam certamente de estúpido, fôsse ele tão importante a ponto de possuir inimigos; e os amigos (se é que o pequeno número de conhecidos que tinha podiam ser chamados de amigos) consideravam-no simplesmente um «schlemihl», um pobre infeliz, em suma.

— Um homem que ganha apenas uma libra por semana, e que nem é casado! dizia, para um grupo de jovens israelitas, sorridentes, o «shadchau» (agente matrimonial).

— Ora, é um «schlemihl» tão mal acabado, que estou certo de que não havia pai que o quisesse ter por genro, afirmou em tom convicto um tipo que muito se orgulhava de seu prestígio junto ao sexo frágil.

— Não, o homem era casado, na Rússia. Porém, a mulher morreu no momento exato em que ele havia conseguido dinheiro para trazê-la para cá.

— E ainda o chamam de «schlemihl», gritou Moisés, o clínico.

— Sim, porque a família da defunta não devolveu a quantia enviada... E todos se puseram a rir do infortúnio de Aaron.

A história era verdadeira. Após três anos de lutas terríveis e de privações, Aaron preparara um ambiente mais ou menos digno de receber sua Yeuta, na Inglaterra; no entanto, pouco após, quase ao mesmo tempo, a jovem morrera. Uma tumba russa guardava-lhe os despojos.

Talvez que seus amigos, tivessem acaso sabido como não lhe fôra possível mandar buscar a esposa antes, mais ainda o chamassem de «schlemihl» nato. Dezoito meses após ter chegado a Londres, Aaron, tendo rapidamente aprendido o inglês e a contabilidade, nos cursos de educação para adultos existentes na Inglaterra para os imigrantes judeus, conseguira um lugar de contador num comerciante de peles, estabelecido em Ratchliffe Highway. Logo, porém, apercebeu-se de que esperava o comerciante que ele lhe falsificasse os livros, onde em letra miúda estava escrita toda a história econômica da firma. Também as faturas deveriam ser falsificadas, sobretudo se os clientes que ali iam a fim de adquirir suas vestimentas e demais pertences estivessem bêbedos.

— Mas claro, nossos preços são tão baixos quanto fôr possível, dizia, àquela espécie de freguês, o esperto comerciante. O paletó, digamos custa dezoito pence. E' ou não um bom negócio?

(Continua no próximo número)



Revermin

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Ilustração de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Ed. P. Horay



O DESCONHECIDO não possui de modo algum a aparência de um engenheiro. No mês de abril de 1938, trava conhecimento, em nossa casa, com Kapitza. Entretanto conversando em inglês. Tanto quanto posso compreender, concluo que se trata unicamente de algum comentário sobre a última partida de bridge jogada entre ambos. Depois de terminarem sua inocente conversa, voltam ambos à casa de Magdessiev. Ali ficam quase duas horas.

Ao sair, Kapitza me pergunta, em voz sumida, se não seria bom que eu examinasse apuradamente cada jogador de xadrez ou de bridge que viesse procurá-lo para uma partida. No dia seguinte, o desconhecido me convida para jogar. Fala muito bem, porém, seu jogo não é lá dos melhores. Não recebe de mim o passaporte que lhe permitiria sentar-se diante do tabuleiro de Kapitza. Alguns dias mais tarde, consegue jogar com o físico uma ótima partida de bilhar. Nota-se que precisa aproximar-se, a qualquer preço, de Kapitza.

Um dia, chega acompanhado de Beria, que o mantém afastado, mas que tem ligações visíveis com ele. Demoram-se alguns momentos na casa de Magdessiev.

Finalmente, sabemos que se chama André Omoutov, e que ministra, na Faculdade de Economia, um curso de Direito Administrativo. Também pertence ao Centro de Erudição, dirigido por Beria. Que fará ali, entre eles?

Dizem que está encarregado de uma missão ultra-confidencial, da qual desicumbir-se-á quando tiver terminado o período de instrução. Para a teoria, é Kapitza quem lhe ensina algo, bem contra a vontade, aliás. Para a prática, é Magdessiev, e isso todos os dias, há duas semanas seguidas.

Breve desaparece o camarada Omoutov. Não mais o vemos. Diz-se que viajou. Muitos anos mais tarde, quando fui aprisionado pelos alemães, tomo conhecimento, ocasionalmente, pela leitura de um jornal, de que Litvinov, nosso embaixador nos Estados Unidos, tinha sido substituído por um certo André Gromyko. Olho para a fotografia que acompanha a notícia, e não tenho dúvidas: é o nosso visitante, o camarada André Omoutov, sob as novas roupagens de diplomata.

Por volta de meados de 1938, o Centro de Erudição envia ao Japão o camarada Ivan Elikov, hoje universalmente conhecido sob o nome de Jacob Malik; Drougine, depois Tsaroubine; e Pimenov, quer dizer, Semionov. Estava assim explicada a finalidade do Centro de Erudição do senhor Beria: formar embaixadores para a União Soviética, embaixadores que fossem especializados em toda uma longa série de táticas e de manobras.

SE O PLANO DÁ CERTO...

— Tudo depende de Kapitza. Ele é quem é o eixo de toda a operação. A fim de libertar os professores Kourtchatov e Dorfman, o físico não quis esperar nem meio minuto, imediatamente se dirigindo para a terrível prisão de Lubianka. Apressadamente, cumpriu sua «descida aos infernos», percorrendo as grandes penitenciárias soviéticas, e delas retirando cerca de seiscentos homens, úteis às suas experiências. A maior parte deles se encontra agora nas O.K.B., onde se lhes confiaram missões mais dignas, enquanto não chega a hora H do plano grandioso. Por solicitação expressa de Kapitza, cerca de 25 sábios se reuniram sob suas ordens. Estavam todos presos, aguardando apenas a hora da execução. Depois da incrível partida de xadrez com Stalin, dezesseis novas O.K.B. foram criadas. O plano está em andamento, finalmente.

Todos os físicos retirados por Kapitza das malhas das penitenciárias russas, são mantidos em diversas ocupações. E custam terrivelmente caro ao Estado, que aguarda somente o momento de utilizá-los. Nada se recusou a Kapitza, de vez que Iegor Malenkov defere sem hesitação todos os seus pedidos. No íntimo, porém, que pensará ele do cientista? Reserva-se para mais tarde o julgar? Quando? Como?

Evidentemente, Kapitza ajudou, embora de maneira indireta, na elaboração do grandioso plano especial de pesquisas atômicas. Porém, recusou-se sempre, e até obstinadamente, a engajar-se, definitivamente, no rol dos membros efetivos da operação. Nunca passou, nem desejou passar, de um colaborador um pouco à margem de tudo.

Várias vezes falou a Beria, e também a Jdanov. Expôs-lhes planos de aguda ousadia, destinados unicamente a serem discutidos, e logo postos de lado, por impraticáveis. Qual o motivo que o impelia a assim agir? E' claro que desejava apenas ganhar tempo.

A Jdanov, por exemplo, confiara o plano de fazer construir uma poderosa estação de energia, toda à base de monstruosos ciclotrons. Com

Beria, que era, na ocasião, chefe da Transcaucásia, várias vezes discutiu o aproveitamento do vale do lago Sevang, que por suas características topográficas, servia-se às maravilhas para as experiências atômicas que ali desejava realizar. Também a Beria dizia que se fizesse outra grande estação atômica próximo a Angara, no rio Baikal. Ali, dispõem de energia (a água) e de minerais.

Ainda foi mais longe, porém, em seus planos mirabolantes: queria dispor do grande deserto que se estende de Karaganda a Semipalatinsk, região riquíssima em minerais, e isolada, totalmente a salvo da curiosidade alheia.

— Podíamos fazer o mesmo também em Dzoungarie. O mineral é abundante, não é verdade?

Kapitza, mais uma vez, refreara seus próprios excessos da imaginação:

— E' claro que são apenas sugestões, idéias pessoais. Ainda seria necessário averiguar se não bons os trunfos com que contamos, presentemente. Por exemplo: precisamos de urânio. Não passamos de pobres pesquisadores, à cata de urânio.



♦ **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — Após regressar à União Soviética, saindo de seu voluntário exílio na Grã-Bretanha, o físico Kapitza é incumbido, por Stalin, de levar a efeito a pesquisa atômica na Rússia. Como chefe geral do empreendimento, percorre o país de ponta a ponta, a procura de técnicos aptos. Ciente da terrível responsabilidade que repousará, de então por diante, em seus ombros, escreve uma carta a Einstein, desculpando-se, antecipadamente, do que irá fazer. Porque suas pesquisas, não ignora, poderão colocar em perigo a raça humana.

Expunha seus planos a Beria e a Jdanov, não sem algum remorso da consciência, esperando que fossem discutidos e abandonados, por impraticáveis. Mas não: eram todos aceitos com respeito, todos deferidos. Kapitza, sonhador por conveniência, inquietava-se então. Haveria de chegar o dia em que, colocado contra a parede, teria de prestar realmente contas do que andara fazendo durante todo aquele tempo. E então, o que aconteceria?

BERIA IMPACIENTE

O problema afinal apresentou-se. A crise estava próxima. Foi a 13 de maio de 1938. Por volta de meia-noite, o professor Ioffe apresentava-se em casa de Kapitza, sem tê-lo avisado quanto à visita.

— Piotr, cheguei ontem a Moscou. É preciso que esteja o quanto antes em Leningrado. Queres conduzir-me até lá?

(Continua no próximo número)





É ASSIM A NOVA

PRINCESA MARGARET

por FRED DOERFLINGER

(Quarto e último artigo de uma série)

RECOMEÇOU O IDÍLIO?

♦ Um telegrama de Londres, que os jornais brasileiros publicaram na segunda-feira, 16 de julho último, provocou desconfianças comentadas: Diz o seu texto que Margaret e Peter Townsend ter-se-iam encontrado no fim de semana anterior... Que seria uma última e derradeira despedida... Que eles formariam parte de uma comitiva hóspede de nossa dama da nobreza britânica, por espaço de quarenta e oito horas... Depois nada mais se publicou a esse respeito. Mas um jornal inglês admitiu a hipótese de Margaret e Peter terem continuado a manter seus encontros, periodicamente, sob o maior sigilo... até quando, agora, eles teriam sido descobertos. E, para evitar o escândalo, fora então publicado que o jovem par se encontrara para se despedir mais uma vez...

Curioso é que esse episódio ocorre justamente quando a REVISTA DA SEMANA chega ao término destas curiosas artigos de Fred Doerflinger, um homem que tanto privou com a família real, como com o plebeu que por pouco não passou a ser o marido de Margaret. A verdade é que há uma nova Margaret, disposta a não ligar muito aos preconceitos de trens, libertando-se dos convencionalismos da corte e sem dar importância ao seu número de guias que a certijam. De outro lado, o capitão da RAF está ligando pouco às damas que o cercam, como um bom partido. E quando se pensava que um tivesse esquecido o outro, vem o telegrama bomba, admitindo a hipótese de tudo isso ter sido uma farça real... muito bem representada nos bastidores do Palácio de Buckingham... Com o conhecimento do rei e da rainha? Por conta própria, dos dois jovens enamorados? Talvez que ao ser publicado este derradeiro artigo, o mistério esteja um pouco mais desvendado.

(Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA, pela I.N.S.)



Para despistar a reportagem, a princesa não deixa de comparecer às solenidades oficiais, mas nem sempre está presente quando se dão por encerradas. Desaparece como por encanto, durante as cerimônias...

DAS ruínas de seu romance real, a princesa Margaret saiu amadurecida e talvez sofisticada, ao contrário do que muitos poderiam supor. Mas a situação de Peter Townsend é ainda duvidosa, quando estas linhas são escritas. Enquanto a princesa passou a ser uma jovem relativamente emancipada, podendo freqüentar círculos novos de relações aos quais até aí era proibida a sua presença, o antigo capitão da RAF tem que desaparecer da circulação e correm, a seu respeito, múltiplas versões porque a imprensa do mundo inteiro não quer saber de outra coisa, senão que outra mulher terá entrado na vida íntima de Peter; e que outro homem terá, por sua vez, passado a ocupar a vaga deixada por Peter, no coração da princesa...

O homem que logrou um êxito fantástico como oficial da Real Força Aérea, e mais tarde como cortesão, o homem que sacrificou a ambas as carreiras só para amar e finalmente perder a princesa, aparentemente não sabe qual será o seu futuro. Ou se sabe, não quer dizer, nem o pode fazer. Mesmo arredado do cenário romântico, Peter é assediado pelos repórteres que o perseguem pessoalmente, ou pelo telefone, pelo telégrafo, pelo correio, por todos os meios de comunicação, para saber o que pretende fazer. E ele, impedido de se manifestar.

Até agora, Townsend limita-se a declarar, sem que o levem muito a sério:

— Não tenho planos definidos.

Mas que os deve ter, toda a gente sabe, pois nenhum homem da sua idade, que já não é criança, dono de responsabilidades múltiplas, passa a viver meses após meses sem um rumo traçado. Qual é, ao menos, a sua tarefa de rotina, como aviador? Nem isso ele diz.

Sabe-se, apenas, que solicitou e conseguiu um prolongamento do seu «exílio» (voluntário ou não?), como Adjunto Aéreo à Embaixada de Bruxelas. Ali ele se propõe a encontrar alívio para as dolorosas lembranças da sua novela, por meio da rotina de trabalho e pelas diversões mais tranqüilas. Um cinema, um espetáculo de «ballet» vez por outra, uma conferência (massantes as conferências, mas necessárias em casos tais!), e é assim que Peter Townsend procura esquecer a irmã de Elizabeth.

O enérgico piloto-herói da Segunda Grande Guerra, descreveu suas atividades de um dia comum, para uma impertinente repórter norte-americana, nestas palavras:

— Montar a cavalo, trabalhar, comer, ler e dormir.

— Nada mais? indagou a repórter.

— Que eu saiba, não, respondeu Peter.

Geralmente, começa o dia com um giro no seu cavalo predileto, passeio que sem dúvida o levará a gratas recordações dos dez anos venturosos que passou tão perto de Margaret. A equitação era seu desporto favorito. E ambos a praticavam, a princesa e o capitão da RAF, enquanto o romance ia fervilhando. Depois que o escândalo correu mundo, de tudo isso ficou apenas uma lembrança feliz. O que aconteceria nesses passeios? Teriam alguma vez trocado palavras mais afetuosas, porventura algum dia os lábios da princesa teriam sido tocados pelos de Peter Townsend? Ou ambos respeitariam, mesmo dos olhos vigilantes da corte, as conveniências e... o protocolo?

Juntos construíram uma pequena torre de pedras sobre uma colina vizinha ao Castelo de Balmoral, colocando uma pedra cada vez que chegavam ao alto da colina. Tudo muito poético, muito igual ao que fazem os namorados pobres, quando sobem a uma colina e não têm outra maneira de deixar marcada a sua passagem, senão gravando os próprios nomes nos troncos dos carvalhos...

—o—

Depois do seu passeio matinal, Peter toma a primeira refeição e vai trabalhar. Apesar de ser muito atraente e um dos homens mais requisitados na Inglaterra, trata de evitar as reuniões sociais, almoçando a miúdo com o embaixador, assistindo às funções diplomáticas ou reunindo-se em palestras íntimas, com os amigos particulares.



Enfrentando a chuva, as duas irmãs comparecem aos Jogos Olímpicos de Estocolmo, onde o cavalo da rainha, Countryman III, era um dos favoritos.

Em todas as conversações, há sempre um tema proibido: não é preciso dizer qual seja. Quem melhor o conhece diz que Peter Townsend tem cumprido rigorosamente, ao pé da letra, a declaração feita aos jornalistas do mundo inteiro, quando terminou seu romance com a princesa:

— Não posso discutir, nem agora nem nunca, a minha amizade com a princesa Margaret. O assunto passa a ser um livro que se fechou, um livro sagrado, que motivo algum fará seja reaberto em qualquer época.

Recentemente, o capitão tomou parte em uma viagem de três semanas pelas bases aéreas e militares do remoto Congo Belga, em companhia de outros funcionários da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

A maioria de suas horas livres, são passadas entregue à leitura — Peter é muito alicionado à poesia — e em seu estúdio pessoal de arte francesa moderna, encontra muitos motivos para se distrair. Ali poderia ser muitas vezes encontrado... se recebesse alguém, o que nunca acontece.

PRINCESA MARGARET



A PRINCESA deixa o Estádio Olímpico de Estocolmo, após a realização dos jogos eqüestres, tendo ao lado a irmã, Elizabeth Rainha da Inglaterra. Margaret parece ter sobre a cabeça uma coroa, mas em realidade essa coroa é um ornamento dos muros que delimitam o bonito estádio.

Não faz muito tempo, Peter dedicou algumas horas a escrever a introdução de uma biografia de seu camarada belga na batalha da Grã Bretanha, Jean Offenbergh, com quem divide a honra de ter merecido a Cruz dos Serviços Excepcionais.

Tôdas as noites, Peter lê um capítulo da Bíblia. Já leu a Bíblia mais de cem vêzes. É a distração que mais o faz conformado com a vida.

Townsend apressou-se a negar os rumores de um novo romance, do qual seria protagonista, com a condessa Aline Van Limburg-Stirum. Qualificou os informes publicados, como «completamente falsos», «absolutamente falsos» e, «sem nenhum fundamento em tempo algum». Por sua vez a vivaz condessa confirmou êsses desmentidos. Pareciam estar combinados entre si... e estavam mesmo.

Tanto Margaret como Peter, demonstraram sua firme determinação de esquecer o passado.

Entrementes, Peter que teve de sofrer o abandono da espôsa, não mostrou ainda a mesma resolução de Margaret, de enfrentar o futuro sem maiores delongas.

Foi, contudo, o mesmo Townsend que manifestou aos jornalistas o dia em que terminou seu idílio:

— Não estou triste, positivamente não estou triste nem um bocadinho.

Margaret tomou a mesma atitude, começando seu dia como de costume, em seu gabinete particular, sobre o qual por muitos anos permaneceu um vistoso retrato de Townsend em moldura de prata, a velha e boa prata inglesa. No salão havia flores, 48 rosas magníficas de cor e perfume, de fins de verão, enviadas por Townsend.

Essa mesma tarde, a princesa viajou de automóvel até à Catedral de St. Paul e, quando ali chegou, ordenou ao «chauffeur» que acendesse a luz interior do carro. Sorriu e saudou o povo com afabilidade, mostrando de forma convincente de que também não estava triste... nem um bocadinho (A leitora acredita?)

Townsend não fez nenhum comentário sobre os rumores de sua possível retirada das Forças Aéreas.

E nada confirmou, até hoje, suas intenções de aceitar um emprêgo na indústria de aviação. Dizem os amigos que não quis transformar em um verdadeiro lar, o apartamento em que reside em Bruxelas, onde apenas conserva a sua roupa, alguns livros e fotografias dos dois filhos, dando a impressão de ser apenas um visitante temporal daquela região.

Este é o último dos 4 artigos sobre a princesa Margaret da Grã-Bretanha e sobre as mudanças operadas na sua vida desde quando terminou seu romance com o capitão do Grupo da RAF, Peter Townsend. O que acontecerá de futuro, só o tempo poderá dizer. E aqui nos despedimos do leitor, lamentando não lhe poder dar o desfecho deste bonito romance à maneira cinematográfica. Mas alguma coisa nos diz que o último capítulo vai ser tipo «happy end»... De longe, do outro lado do Canal, o tio de Margaret, Duque de Windsor, sorri, fuma e espera.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—A família dos fringílidos pertencem os:
 - sabiás?
 - canários?
 - melros?
- 2—«O melro, eu conheci-o» — assim começa um poema de:
 - Guerra Junqueiro?
 - Fialho de Almeida?
 - Olegário Mariano?
- 3—Que é diáulo:
 - peça de automóvel?
 - termo de medicina?
 - instrumento musical antigo?
- 4—O nome do compositor Cluck era:
 - Johann Sebastian?
 - Wolfgang Amadeus?
 - Christoph Willibald?
- 5—A Península de Goajira fica:
 - na Índia?
 - na Venezuela e Colômbia?
 - na Malaia?
- 6—Filologicamente falando, a língua portuguesa pertence a que grupo:
 - indo-europeu?
 - germânico?
 - hamito-semítico?
- 7—Epaminondas foi herói:
 - ateniense?
 - tebano?
 - espartano?
- 8—O rei persa Assuero, citado na Bíblia, é identificado na História Universal como:
 - Ciro?
 - Xerxes?
 - Cambises?
- 9—Que são «Raios de Röntgen»:
 - O mesmo que raios-X?
 - O mesmo que raios cósmicos?
 - emanções solares?
- 10—Como era o verdadeiro nome do escritor Stendhal:
 - Henry Joseph Beyle?
 - Henry Marie Beyle?
 - Henry Beyle?
- 11—Onde fica o rio Lida:
 - na Lituânia?
 - na Polónia?
 - na Letónia?
- 12—A Primeira Internacional Comunista foi fundada:
 - em 1864?
 - em 1847?
 - em 1917?
- 13—Fêz construir as Termas de Caracala, em Roma:
 - Antonino Pio?
 - Marco Aurélio Antônio?
 - Sétimo Severo?
- 14—Que quer dizer «bernardice»:
 - ação heróica?
 - o mesmo que tolice?
 - uma raiz aquática?
- 15—Saskia foi esposa de que célebre pintor:
 - El Greco?
 - Toulouse-Lautrec?
 - Rembrandt?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — canários; 2 — Guerra Junqueiro; 3 — instrumento musical antigo; 4 — Christoph Willibald; 5 — na Venezuela e Colômbia; 6 — indo-europeu; 7 — tebano; 8 — Xerxes; 9 — o mesmo que raios-X; 10 — Henry Marie Beyle; 11 — na Polónia; 12 — 1864; 13 — Marco Aurélio Antônio; 14 — o mesmo que tolice; 15 — Rembrandt.

Senhora:

Vença Galhardamente A Menopausa



Usando

Regulador Gesteira!

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

*Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!*

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EU E OS ESTADISTAS



COM FOSTER DULLES, em Karachi, a jornalista portuguesa, radicada no Brasil, Ruth Santos, entretém amistosa palestra. O idoso representante norte-americano, numa das reuniões da SEATO, estava cochilando um pouco, quando a jovem repórter o despertou, sem-cerimoniosamente.

TALVEZ lhes pareça estranho que lhes venha falar dos grandes estadistas. Talvez pensem que o assunto é árido, vazio e sem interesse. Também eu pensei assim; depois, convivendo com eles aprendi a apreciá-los. Alguns, sem dúvida, nada nos podem dar em consistência; outros porém são tão humanos, tão homens nos seu reflexos momentâneos, e tão «cogumelos» no dizer de «Saint-Exupéry».

Saí de São Paulo para Nova York com 2 malas, 20 anos e cheia de pretensões: dissecar gentes, levantar no Oriente o «caso de Goa», e conquistar o caminho marítimo para qualquer reino desconhecido. Depois dumas férias de quase três semanas nos E.E.U.U. e em Hawaí, cheguei a Tóquio. Era o Natal. A família real retirara-se para uma fazenda qualquer, e Tóquio estava impregnada dum ar festivo cheirando a Carnaval. Eles festejam o Natal por assimilação dos costumes americanos, sem ter qualquer noção religiosa do mesmo. E' a época mais jovial do ano e a mais propícia ao «otoso» (saque do c).

Hatoyama, o Premier, estava na capital e por intermédio de amigos

consegui vê-lo. Recebeu-me com o seu ar miúdinho, curvou-se numa profunda mesura que lhe dobrou a espinha dorsal num ângulo reto, e disse-se à minha disposição. Porém antes que «in vero» eu dispusesse dêle, bombardeou-me com tantas perguntas sobre os meus contatos com o país, que me deixou sem fôlego; de tal maneira passei à entrevistada que os meus brios de repórter encolheram-se, humilhados. Finalmente consegui interpellá-lo sobre as possíveis relações diplomáticas com a China Vermelha; ao que me respondeu, diria eu, bem levianamente:

— Ah! pois é, estamos à espera de um homem de Pequim...

— Um homem de Pequim???

— E'...

E abanou a cabeça.

Isto teria causado sensação na Casa Branca. Depois, um correspondente do «Newsweek» tranquilizou-me:

— Não publique isso; ele sempre fala umas coisas meio gosadas; às vezes parece inconseqüente, outras parece querer jogar bombinhas de São João. Falta saber se se diverte com a nossa estupefação.

UMA JOVEM JORNALISTA PORTUGUESA, VIVENDO NO BRASIL, FALA COM DESASSOMBRO E IRREVERÊNCIA DOS GRANDES ESTADISTAS COM QUEM PRIVOU ★ BULGANIN, NIKITA KRUSHEV, CHRISTIAN PINEAU, FOSTER DULLES, HATOYAMA, LA INN, SELWIN LLOYD, SIANOUK E VÁRIOS OUTROS HOMENS DE ESTADO EUROPEUS E ASIÁTICOS SEM A MÁSCARA



MENDERES, Premier do Paquistão, e toda uma numerosa comitiva de jornalistas e diplomatas, detém-se em um parque nas imediações da célebre cidade de Dacca. Ali, o primeiro ministro tomou-se de amizade por esse animalzinho. A jornalista Ruth Santos era a única mulher no grupo.

Texto de RUTH SANTOS

Despedi-me do senhor Hatoyama; vabei para Hong-Kong, que agora os americanos que alimentam a prostituição e os «fumatórios», nada mais tem de considerável. Depois fui à Manilha, onde conheci Mag-Sai-Sai, Presidente das Filipinas. Não poderei dizer que espécie de homem ele é realmente; o povo adora-o, dizem-no mais popular entre os seus que o próprio Tio Sam. Pelo que vi, parece que ele desvirtuou a sua tarefa, na conservação do mito que aureola o seu nome. Dizem que o povo chegava a entrar-lhe pelo quarto de dormir. Recebe todo aquele que lhe pede audiência — pouco tempo lhe ficará para tratar dos negócios de estado. No dia em que me recebeu, a sala do seu gabinete estava cheia com uma comitiva de dez personagens, que ele cumprimentou em série. Gosta muito de dançar (como o nosso Juscelino) e como JK é também bem aparentado.

Vietnam — o país encontra-se imerso numa série de lutas internas e intrigas políticas; quanto aos naturais, a guerra da Indochina não lhes esfriou os ímpetos, eles parecem querer matar ainda mais alguns. Ao tentar ver o Presidente Diem, alguém me contou confidencialmente que

estava num hospital, vítima de um atentado por envenenamento. Resolvi despachar-me para regiões menos inóspitas... Perto de Saigon, do lado de lá da fronteira da Cambódia, ficavam as ruínas de Angkor, uma das maravilhas do mundo.

UMA GRANDE PALHOÇA SEM PORTAS NO MEIO DA SELVA

Apresentavam-se enormes dificuldades, pela falta de relações diplomáticas com o Brasil ou Portugal; assim, à falta de melhor, e com a ajuda dos deuses, atravessei a fronteira clandestinamente, estendida sobre o chão do jeep. E fui ter à «La Palqué», uma casa no meio da selva, pertencente a exploradores florestais franceses. Foram eles que me contrabandearam.

Quando chegamos, esperava-nos o ministro La Inn, que em consequência de um novo plano de fomento agrícola, tinha negócios a propor aos meus amigos.

La Inn foi a personagem incrível desta viagem: sentado na varanda, de sampona — traje nacional — e camisa florida de nylon, agarrado a uma dose de uísque, o ministro tinha o ar estúpido dum senhor feudal. Convidou-me na mesma noite para ir com eles caçar um tigre que há dias rondava a casa. Vinha cansada, mas a idéia de ficar naquela grande palhoça sem portas, só com os nativos, torturava-me a mente. Assim de carabina às costas parti com eles; saímos a pé pelo matagal a dentro — ao longo do caminho, pelos carreiros seguiam dois jeeps e alguns criados. Na minha frente dois dos franceses com lanternas na frente, em círculo, iluminavam as árvores, não fôsse o bicho saltar-nos em cima!

Felizmente que ele não apareceu — nunca na minha vida tinha puxado ao gatilho; daquela grande caminhada só me lembro que a vegetação parecia entrar-me pela boca e sair pelos ouvidos. Quando regressamos vinha molhada de suor e respingada de sangue dalguma lebre selvagem; adormeci exausta sem me lembrar que a casa não tinha portas. De manhã acordei ao som dum grito gutural:

— Marriá!!!

— Sim, sr. ministro.

— Não vem fazer o desjejum?

— Que há? Ovos e presunto?

— Não menina — uísque e gelo.

— Ah!

Todos os naturais são budistas e o álcool é praticamente proibido na Cambódia. Sob o controle de La Inn estão a proibição de venda de bebidas e de amor mas o nosso amigo vive em estado eufórico a partir das onze da manhã, e as suas histórias de amor são invariavelmente pagas em cifras...

O MEU ENCONTRO COM O EX-REI SIANOUK — «BRASIL BEAUTIFUL SAMBA!»

No dia seguinte deixei «La Palqué» de jipe, a caminho de Phnom-Penh — a capital. Dirigi-me ao Royal Hotel, que fica dentro dos jardins do antigo palácio real. Trazia uma carta do correspondente do «Time» em Saigon para um delegado da Comissão de Contrôlo; assim, dirigi-me ao senhor, um indiano, que me convidou para um coquetel de despedida ao embaixador polonês, coquetel ao qual Sianouk devia comparecer.

Instalei-me no hotel e fui a um primitivo cabeleireiro francês preparar-me para a noite. Quando voltei, tinha só quinze minutos para aprontar-me. Toquei a campainha e pedi um sabonete. Veio um nativo mascarado de criado:

— Não há...

— Vá buscar lá fora!

— Não pode...

— Não pode??? Então como tomo banho?

— Não sabe...

O homenzinho permanecia apatetadamente em minha frente, soltando uns ruídos silábicos que eu não entendia. O tempo escoava-se. Irritada, afastei-o da minha frente e bati à primeira porta que vi — o 35. Atendeu um senhor em mangas de camisa:

— O senhor tem sabão?

— O quê, minha senhora?

— Sabão! Preciso lavar o rosto e o criado não entende.

O homenzinho, ainda meio confuso, dirigiu-se à mala e trouxe-me um sabonete.

— Obrigada, amanhã devolvo-lhe outro.

EU E OS ESTADISTAS



DIANTE DA mesquita de Lahore, o primeiro ministro Menderes e membros da Comitiva Turca à Conferência da SEATO posam para a máquina de Ruth Santos.

— Já tive treze desastres (contou) e no último eu vinha com uma pequena muito «bomba». A uma dada altura ela disse: «Vamos morrer juntos?» Eu disse que sim, e acontece que ela meteu mesmo o carro contra a parede. Quando acordei, só vi aventais brancos — estava no hospital!

— Pudera, mas... oficialmente, isso foi um escândalo. Em qualquer país o senhor seria convidado a pedir demissão.

— Não, eu e o rei fomos colegas na escola. Mas como ia dizendo, arrebrei-me todo.

As minhas divergências com o ministro cresciam. Além do seu aspecto obeso e repugnante, aliados a uma insolência sem limite, eu não lhe suportava a voz gutural e irritante a chamar-me o dia inteiro:

— Marriá! Marriá! Marriá!

Naquele dia, à hora do jantar, La Inn disse que tinha uma idéia que me agradaria. E à queima roupa ofereceu-me um lugar de adido de imprensa na Comitiva do Rei Sianouk a Pequim.

— Mas eu sou portuguesa, e o meu governo não me dará autorização para entrar na China Comunista. Além disso, na Cambódia não existe Delegação Diplomática do meu país.

— Ah, isso arranja-se! Nem precisará de passaporte para nada.

— E' melhor não me pôr idéias irrealizáveis na cabeça!

— Isso depende de você — sorriu ele clinicamente.

Eu levava uma colher de sopa à boca e instintivamente ergui-a no gesto de lhe atirar à cara; o rapaz que sentava à minha direita, segurou-me a mão no ar, e a sopa respingou a mesa e o rosto do ministro. Ele levantou-se rubicundo, a olhar-me irado, e eu saí da sala para o ar livre.

Finalmente desci aos jardins. Ouviam-se já as sirenes das motocicletas, e minutos depois o príncipe chegou. Chamar-lhe-emos agora Príncipe, pois que há alguns meses atrás Sianouk abdicou da coroa em favor de seus pais — caso raro — e fez-se eleger pelo povo Presidente do Conselho dos Ministros, depois de instituir uma constituição democrática.

O delegado indiano apresentou-me a S. Alteza, notificando que eu era portuguesa e vivia no Brasil.

— Oh Brasil, «beautiful samba» — disse, erguendo a taça de champagne. Ao Brasil!

— E à Cambódia — retorqui.

Quando acabei de brindar, alguém levemente bateu-me nas costas.

— Então lavou-se bem?

Com grande espanto verifiquei que o senhor do 35 era o embaixador polonês. Mururei um **muito bem, muito obrigada, a V. Exa.,** e continuei a conversar.

— Como ia dizendo a V. Alteza...

★

Dois dias depois Sianouk recebeu-me em audiência; com uma vozinha melíflua, saía-se muito bem das coisas de que não lhe interessa falar. Conversamos sobre jazz — S. Alteza compõe e gosta especialmente de David Brubeck; depois falamos sobre a viagem a Pequim, que se realizaria dentro de dois dias, e sugeri-lhe a minha presença como adido de imprensa. Sianouk sorriu e disse-me da inexistência de jornalistas ou de algum estrangeiro na Comissão dos Doze Kmers, no receio

de melindrar Chu-en-Lai. Deixei o palácio depois de ter pedido a S. Alteza dois vistos — o de entrada e o de saída — ou eu iria murchar à sombra das celas de Phnom-Penh.

A S.E.A.T.O. — MINISTROS E MEXERICOS

Karachi — A cidade fervia de exaltação em preparativos para a S.E.A.T.O., a realizar-se em três dias. Estavam representantes da imprensa de todo o mundo. Os hotéis atulhados, e eu hóspede da embaixada do Brasil. A vida social é algo atordoante, porque aparte isso Karachi não oferece nada. Para compensar os desencantos e os maus cheiros da cidade, o povo paquistanês é a gente mais encantadora que já conheci. E mesmo a vida social oferece uma vantagem sobre a nossa: a ausência escarafunchadora dos cronistas sociais. Jornalistas e jornais fumegavam em comentários sobre a questão de Cachemira, e alguns diziam: «Se não se discute Cachemira, de que nos serve a S.E.A.T.O.?»

Os primeiros países a chegar foram Austrália, Nova Zelândia, Filipinas e Tailândia.

Naquela tarde viriam Selwin Lloyd e Pineau, com pequenos intervalos. O secretário inglês vinha de Delhi, e contrariando os princípios básicos da diplomacia, declarou abertamente que Cachemira não seria discutida naquela S.E.A.T.O. Ouviram-se comentários descontentes, e uns diziam que os obséquios de Nehru deviam estar frescos na mente do senhor Lloyd, enquanto outros lembravam que a Inglaterra não era o único componente do tratado.

Entretanto o avião de Cristian Pineau fazia círculos sobre o aeroporto. As tropas formaram novamente, e o ministro da França lá desceu, pálido e cansado. Depois de saudar e ser saudado pelas forças militares, entrou na sala do aeroporto destinada à imprensa. O tradutor oficial tinha desaparecido e de lápis no ar, os rapazes olhavam-se assustados, sem compreender o comunicado de Pineau que imperturbável continuava a falar. E aí alguém me sugeriu aos ouvidos de Chowdry, ministro dos estrangeiros do Paquistão. Obrigada a aceitar o cargo, quase mudei a carta política do mundo: as declarações do sr. Pineau saíam um pouco torturadas pelo meu inglês.

A conferência durou cinco dias; os debates sucediam-se sem novidades, afora os comentários sarcásticos dos jornalistas que maldiziam o tempo perdido em tratados internacionais. A falta de melhor, eu ia anotando a quantidade de gravatas que cada um dos V.I.P. (very important people) apresentava. Os debates eram secretos; um dia escondi-me atrás da cortina da mesa de Chowdry. Cá fora, meus colegas esperavam ansiosos que eu lhes conseguisse um furo de reportagem. Todavia, depois de lidas as preliminares de reabertura, e quando passavam a palavra a Lloyd, o lápis escorregou-me e foi rolando, até chegar ao centro da sala. Viraram-se cabeças na minha direção, e antes que me convidassem a fazê-lo, condignamente abandonei o recinto.

Ahmed Ali, o primeiro ministro, oferece um coquetel aos membros da S.E.A.T.O. Chegaram todos muito alinhados, e o secretário inglês mais reto que nunca nos colarinhos de goma. Estava também presente Suhrawardy — ex-ministro da Justiça e atual chefe da oposição. Durante todo o coquetel Suhrawardy com seu jeito matreiro ia de delegado em delegado, fazendo apologia dos desenvolvidos dotes de exploração dos atuais governantes do país. Era uma situação um pouco incômoda para convidados, e ele era a tal ponto convincente que Casey, o ministro da Austrália chegou quase a desculpar a sua presença. Obrigações da S.E.A.T.O., aquelas convivências!...

No dia seguinte, depois do jantar houve uma parada militar com a presença marcante das gaitas de foles e das saias escocesas — «Rose Tatoo». Estavam presentes todas as delegações e todo o corpo diplomático e ainda o Xá e a Rainha Soraya, mais linda que nunca. Ali Khan chegava de Bombaim e estava sóbriamente sentado ao lado de uma prima da rainha. Naquela jantar eu tivera de atuar as confidências do príncipe Wan — ministro dos negócios estrangeiros da Tailândia. Não sei que efeito lhe causara a minha presença em Karachi, mas ele devia lembrar-se muito bem do nosso incidente em Bangkok. Depois de uma discussão frente a um público de jornalistas, Wan, para não dizer a opinião do governo tailandês sobre as declarações de Dulles quanto a Goa, encerrara a conferência de imprensa. De sujeito esquivo e desatencioso passou a lotes de gentilezas, e quase me contou a sua vida, desde pequenino. Para grande espanto meu disse-me ter 69 anos — eu juro sobre Allah que o príncipe não aparenta mais do que 48. Diz ele ter feito a Sorbonne com Aga Khan, e ao que parece eles introduziram velhos costumes orientais nas noites de Paris. Com efeito, Ali Khan confirmou que o ministro da Tailândia tinha feito a Universidade com «papai».

Passando à parada, o chefe de protocolo tinha tido a infeliz idéia de colocar o sr. Lloyd com o secretário Dulles. Os dois não pareciam ter muito o que dizer e para lhes amenizar o tempo fui-me sentar entre ambos. Dulles estava cansadíssimo e cabeceava cada cinco minutos; a cada soneca eu tinha que lhe dar um tapinha — cotovelo com cotovelo: — Wake up!

Ele estremecia, endireitava o laço e dava-me um sorriso desconfortável.

— O senhor precisa dum despertador de punho que dispare a cada cinco minutos.

— E', em Portugal deve ter bons relógios — respondeu ele a rir.

— Pois é, se não fôsse eu, o senhor teria na próxima semana o seu sono exposto e dissecado em clichês.

Entretanto, na nossa frente dois cavalos amestrados por um árabe faziam piruetas. Vieram depois duas motocicletas em exibições perigosas de equilíbrio. E todos os ministros riam e batiam palmas, como crianças conduzidas para outro brinquedo, esquecidas do pequeno globo que no canto do quarto escuro parou de rodar.

Era o mundo das luzes, dos cumprimentos e dos perfumes — dos elogios repetidos, dos flashes e das câmaras de cinema.

E vemos um, criança grande que sente o momento de fama como o primeiro terno que estreou e que distorce o sorriso de satisfação pessoal numa máscara de músculos retraídos. Ele não é uma criança satisfeita, é um homem de estado que pode mudar a carta política do mundo. Ve-



EM LONDRES, após o discurso pronunciado, Bulganin e seu companheiro Krushchev batem palmas para a assistência que antes os havia aplaudido.

mos outro, que tem medo que o mundo se aperceba que ele já está velho; mantém-se sempre de nariz levantado, rosto distendido e atento aos flashes como papagaio às «deixas». Outro ainda que quer ser estruturalmente político e dar manchetes pelas suas afirmações inesperadas e categóricas — esse vive sempre de abotoaduras à mostra, segurando impecável uma xícara de chá e dando ao olhar lampejos de firmeza. Ainda o ministro asiático que teme que a diferença de cor não o faça acreditado do mundo ocidental e que «descuidadamente» fala das suas últimas conversações com Krushchev com tal ênfase que parece ter no bolso a fórmula da bomba H. Depois, junto a eles o jornalista sorridente que os adula, mas porque já chegou à esfera humana dos grandes estadistas comenta arrogantemente: «Não acredito na consistência política de Dulles, Lloyd é um arrogante snob, Pineau um cerebral restrito, etc., etc.»

Eu nêles acredito, porque são sobretudo seres com defeitos e portanto capazes de considerar e remediar a deficiência dos outros. Não acreditarei nêles desde o momento em que pretendam transformar defeitos humanos em privilégios sobrenaturais.

(Continua na página 58)



SUA ALTEZA o príncipe Sihanouk, pouco depois de uma reunião, posa ao lado da jornalista. Ele abdicou ao trono da Cambódia em favor de seu pai.



O OLHAR DOS MORTOS ILUM



INA OS VIVOS

Os Estados Unidos e a Itália estão resolvendo
o problema da cegueira, transplantando a cór-
nea de mortos em pacientes vivos — Quatro
Bancos de Olhos na América e dois na pe-
nínsula itálica — Constituirá essa maravilha
da cirurgia moderna um ultraje aos mortos?

OLHOS EXTRAIDOS de pessoas recém-falecidas, transplantados para pacientes vivos, produzem resultados maravilhosos. O método já está sendo empregado nos EE.UU. e na Itália com grande aceitação. Essa criança enxergará, graças à um morto.





OS OLHOS, assim que são retirados dos mortos, devem ser guardados em recipientes especiais, e em seguida remetidos a hospitais.

O OLHAR DOS MORTOS ILUMINA OS VIVOS

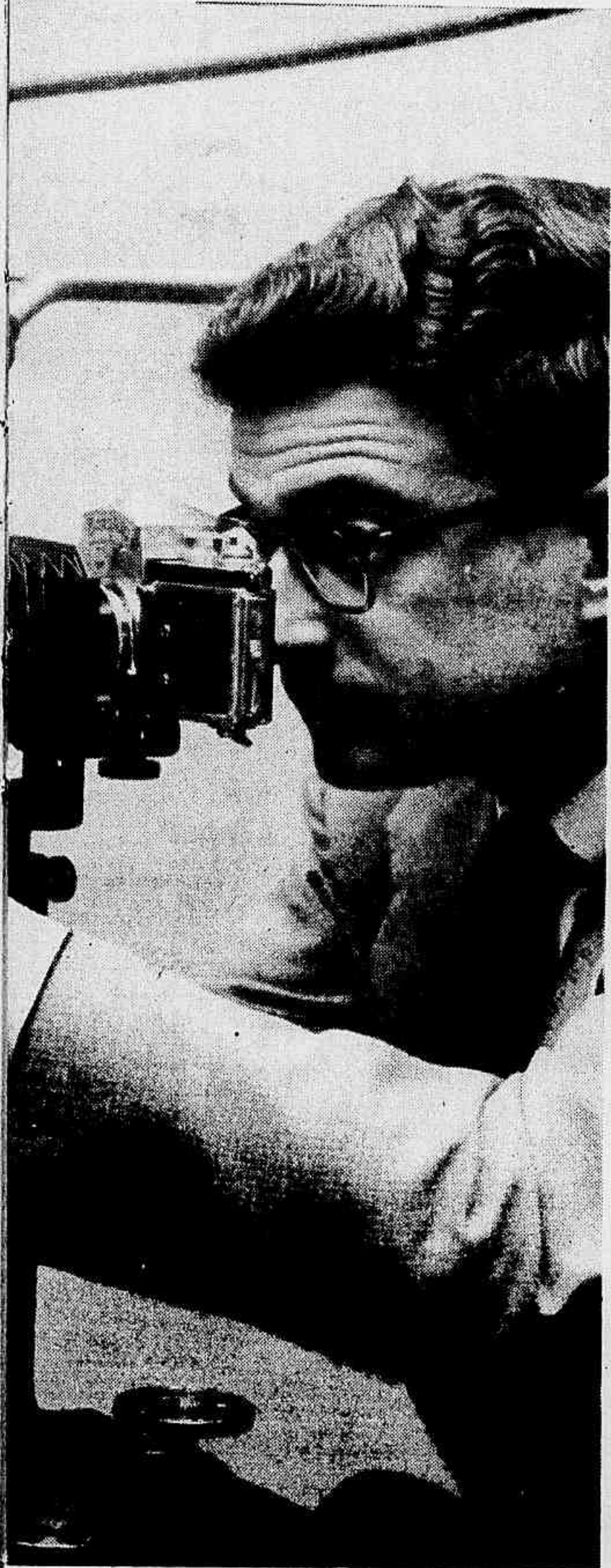
O TRANSPORTE é sempre feito por via aérea. As grandes companhias aeroviárias mantêm um tratado com a Cruz Vermelha, nesse sentido.



MUITAS SÃO as enfermidades dos olhos. Algumas são corrigíveis mediante o uso de lentes, mas outras necessitam de operações ou de transplantações. A transplantação de órgãos visuais de mortos em pacientes atacados de cegueira tem dado excelentes resultados.

ASSIM COMO existem Bancos de Sangue, já agora existem também, em alguns poucos países da América e da Europa, Bancos de Olhos. Nos Estados Unidos, por exemplo, e na Itália, tais Bancos são já coisa corriqueira, muito embora o seu número ainda seja escasso. Foi em 1944, no Manhattan Eye, Ear and Throat Hospital, que surgiu a idéia de se organizar um Banco de Olhos. Notaram, vários cirurgiões, que inúmeras pessoas faleciam, levando para o túmulo seus órgãos visuais perfeitos, enquanto que na terra continuavam existindo cegos aos milhares e milhares. Ora, por que não transplantar a córnea de cadáveres para seres vivos?

A princípio, a idéia chocou um pouco os mais conservadores. Parecia-lhes uma profanação aquela mutilação de cadáveres, e aos próprios pacientes repugnava o estarem a usufruir os privilégios de um sentido que não era o seu original. Na época, vários e acirrados debates de fundo religioso, moral e jurídico, foram realizados. Prevaleceu o bom senso, afinal. De vez que fôssem as córneas doadas em vida por seus possuidores, nenhuma razão havia para se falar em profanação de



segundo declarações de abalizados facultativos, nos vários países em que a técnica vem sendo constantemente aplicada com êxito

A PARTE FINAL da nova técnica é a transplantação, propriamente dita. Aqui, dois cirurgiões especializados fazem a inserção dos olhos de um cadáver num paciente outrora desenganado por vários renomados oftalmologistas. Os cegos chegarão a desaparecer da face da terra?

cadáveres ou em crime de desrespeito aos mortos. Assim o entendeu a legislação americana, e logo depois, a italiana chegava a idênticas conclusões.

Hoje em dia, só nos Estados Unidos existem quatro Bancos de Olhos: em Nova Iorque, em Boston, em Chicago e em Winston Salem. Na Itália, há um em Roma, outro em Milão. A técnica de transplantação da córnea de um morto para um paciente é delicada, e requisitos especiais são exigidos àqueles que a praticam. Por outro lado, a ablação das córneas, após um exame que testifique a excelência das mesmas, claro que antes de ocorrido o óbito, deve ser efetuada num prazo de tempo que não deverá jamais ultrapassar de quarenta e oito horas o passamento. É um verdadeiro milagre da cirurgia, milagre que ainda não está completo, mas que dia a dia se aperfeiçoa. Para que esse prazo não seja jamais ultrapassado, existe um convênio, com as diversas companhias de aviação americanas, pelo qual fica estabelecido que elas se obrigam a promover o imediato transporte dos recipientes contendo córneas a serem transplantadas em vivos, de qualquer ponto dos Estados Unidos, para a sede central do Banco, em

Nova Iorque, ou para uma das filiais, espalhadas pelo país.

É a Cruz Vermelha Americana que está incumbida do Banco de Olhos, o qual tem um nome que diz bem de suas finalidades: "Eye-Bank for Sight Restoration". Que essa finalidade está sendo perfeitamente alcançada, prova-o o fato de até ao presente já cerca de vinte mil pacientes se terem beneficiado de seus serviços, em mais de cento e setenta hospitais dos Estados Unidos. O mesmo Hospital em que pela primeira vez surgiu a idéia de se fundar um Banco de Olhos, fundou há pouco uma Clínica de Córneas, a primeira do mundo em sua especialidade. Destina-se a diagnosticar e, tratar, preventivamente, a cegueira em suas várias manifestações. Os pacientes são examinados e classificados de acordo com o tipo de tratamento que exigem: há os que podem suportar um transplante de córnea, há os que necessitam somente de tratamento, e há também aqueles que precisam de uma reeducação visual.

Com tais medidas, os Estados Unidos puseram-se rapidamente na vanguarda das várias nações que tentam por todos os meios solucionar esse problema enorme, e tão descurado.



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

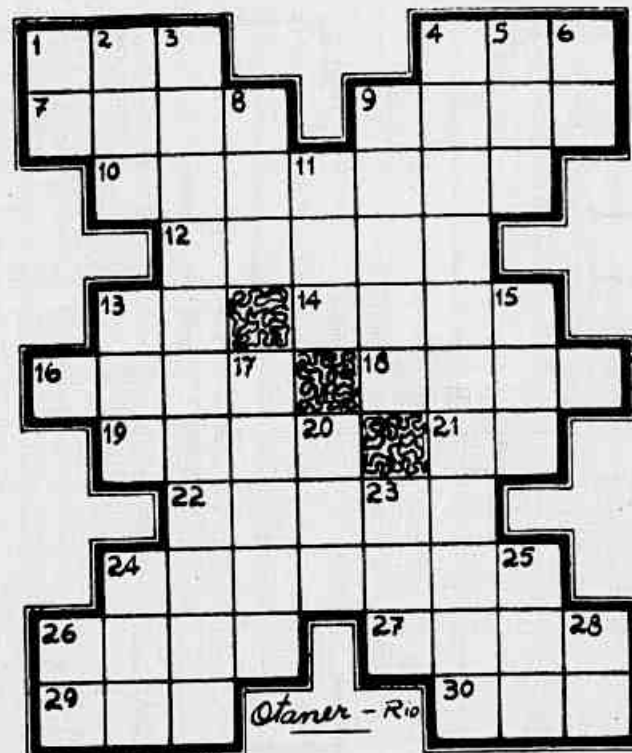
AZASO - EB-1

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 130

PARA VETERANOS

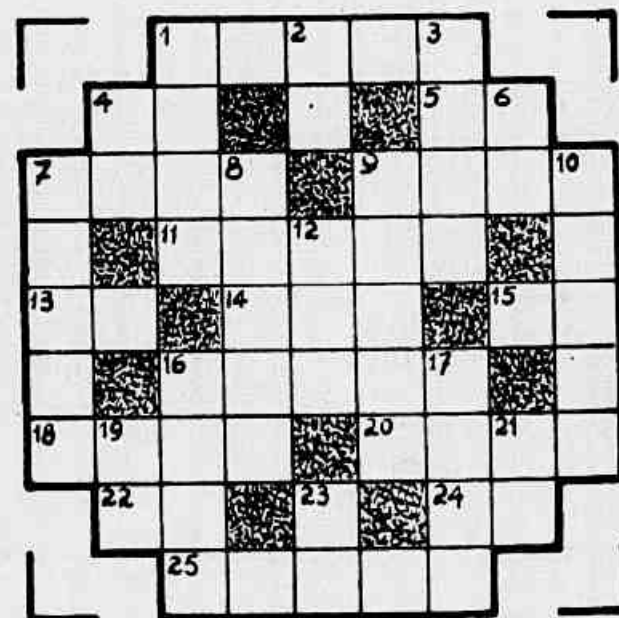
HORIZONTAIS: — 1. Pergaminho — 4. Ave da família dos Larideos — 7. Coisa principal — 9. Povoação da Áustria, na Morávia — 10. Representar com semelhança — 12. Cabrito montês do Himalaia — 13. Símbolo do metal de peso atômico 58,94 — 14. Cordeiro — 16. Bilha para maluco, na Lunda — 18. Piroga — 19. Divino — 21. Nota musical — 22. (James), cirurgião inglês ... (1755-1817) — 24. Fileira de objetos — 26. Peixe abdominal ósseo — 27. Funesto — 29. Embocadura de rio — 30. Cidade dos Estados Unidos.



VERTICAIS: — 1. Ambi — 2. Trincha — 3. Falta de secreção mucosa — 4. Defesa de fortificação — 5. Nome dado às terras negras e vermelhas do Marrocos Ocidental, no litoral atlântico — 6. Ainda (ant.) — 8. Proprietário — 9. Classe — 11. Malha redonda de côr diferente no pêlo da rês — 13. Erva — 15. Índio da tribo que habitava a região situada entre os rios Paranapanema e Peixe — 17. Namorada — 20. Pequena moeda sueca — 23. Nome de mulher — 24. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 25. Nome de homem — 26. Divindade greco-romana — 28. Prefixo que denota serventia, naturalidade.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Venera — 4. Preposição — 5. Pronome pessoal — 7. Lavrar — 9. Rosto — 11. Despontar no horizonte — 13. Artigo plural — 14. Oceano — 15. Isclada — 16. Inocente, pura — 18. Terra — arroteada e própria para cultura — 20. Instrumento de ataque ou de defesa — 22. Outra coisa — 24. Seguir — 25. Fruto da amoreira.



VERTICAIS: — 1. Querer bem — 2. Artigo plural — 3. Ligar — 4. Símbolo químico do érbio — 6. Cidade da Caldéia, pátria de Abraão — 7. Divide em toras — 8. Ramificação — 9. Missiva — 10. Neste momento — 12. Andavam — 16. Emudece — 17. Cantiga — 19. Batráquio — 21. Perversa — 23. Desacompanhado.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 129

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: acá — cal — Vera — cali — irar — aluá — entançar — euresmas — anainho — acometida — roga — onix — Maas — soou — Arl — sui.

VERTICAIS: avie — carne — aratu — calça — aluás — liar — arar — ruamas — caimentos — Ne — acoar — nogal — ié — hinos — odiou — arma — Axui.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ara — sca — tira — frei — amor — iara — astúcia — ema — aviaram — atar — amam — colo — mira — ara — ser.

VERTICAIS: ata — rima — aros — orai — cêra — aia — arteiro — ficaram — uma — ator — vala — amis — maré — aca — mar.

QUE É UM METODISTA?

Por RALPH W. SOCKMAN

Pastor da Igreja Cristã de New York City — Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

A IGREJA METODISTA é uma mistura bem proporcionada de Novo Testamento, ensinamentos de John Wesley e Reforma Protestante. Como afirmou várias vezes o próprio Wesley, metodista é alguém que «traz no coração o amor de Deus, incutido pelas Sagradas Escrituras, alguém que ama ao Senhor seu Deus, com todas as suas forças, de toda a sua alma, de todo o coração».

O movimento metodista principiou na Inglaterra, dentro da Igreja Protestante, e não como uma nova seita. Os Metodistas encaram a Bíblia com Escrituras verdadeiramente «Sagradas». É uma coletânea de livros contendo a revelação da palavra de Deus. Reconhecem vários tipos de literatura, na Bíblia: livros de natureza jurídica, outros poéticos, alegóricos, proféticos, históricos, epistolares, etc., etc. Porém, levando em consideração o fato de que todos esses livros foram traduzidos há muito tempo de suas respectivas línguas, os Metodistas permitem que cada qual empreste aos textos a sua própria interpretação. Não só permitem, como chegam mesmo a incrementar essa interpretação livre das Sagradas Escrituras, acreditando que o espírito Santo guiará, infalivelmente, todo aquele que buscar interpretar a Bíblia de coração puro.

Os Metodistas acreditam também que «as Sagradas Escrituras contêm tudo que é necessário à salvação; de modo que o que ali não está escrito, nem pode ser apoiado em seus textos, não pode ser ensinado a nenhum homem como sendo digno de fé, ou necessário à salvação da alma» (Dos Preceitos de Religião Metodistas).

A Igreja Metodista nasceu na Inglaterra, através da obra de John Wesley. Educado em Oxford, e ordenado pastor anglicano, o jovem Wesley buscou inutilmente satisfazer sua sede religiosa pela observância rigorosa das regras de sua ordem e da sua Igreja. Em 24 de maio de 1738, enquanto predicava, aconteceu algo que lhe marcaria, de então por diante, profundamente a vida: notou ele então, como outrora São Paulo, que não pela obediência a regras e por seus próprios esforços de auto-salvação que o homem consegue a felicidade e a paz, mas sim pela fé na misericórdia divina.

Quando Wesley principiou a anunciar, do púlpito, o resultado de suas meditações, todos aqueles que se sentiam infelizes, apesar de obedecerem aos preceitos religiosos e levarem uma santa vida, voltaram-se para ele. Verdadeiras multidões começaram a solicitá-lo, em diferentes momentos, para que Wesley lhes dirigisse a palavra. O jovem pastor organizou-as, então, em sociedades, «a fim de rezarem juntos, juntos receberem a palavra de exortação, juntos se solidificarem em amor, juntos, enfim, trabalharem na obra da salvação».

Surgiram depois os chefes do movimento, supervisionados por Wesley, que lhes apontou o campo de trabalho e lhes definiu as tarefas. O movimento rapidamente ganhou a Inglaterra, a Irlanda e após passou à América do Norte. Não era porém intenção de Wesley fundar uma nova seita, mas apenas organizar sociedades dentro da Igreja Anglicana. Os predicadores não constituíram um corpo de sacerdotes, e os associados pertenciam, todos, a fé Anglicana. Porém o Bispo de Londres, a cuja diocese Wesley pertencia, não queria que ministros fossem ordenados para fundar sociedades e não desejava consagrar os lugares onde se encontravam, regularmente os associados. Se Wesley quisesse que o seu trabalho frutificasse, teria de encetar os passos da ordenação e da consagração, ele mesmo.

Entrementes, defrontava-se Wesley com o problema de seus seguidores norte-americanos, os quais, com o retorno, à Grã-Bretanha, como «Tories», de quase todo o clero Anglicano da América, viam-se privados de pregadores. Quinze mil deles solicitavam a Wesley alguns pastores, e Wesley, que encaminhara ao Bispo de Londres o apelo dos fiéis norte-americanos, escutou como resposta a mais formal recusa em atendê-los. O que fazer, então? Ordenar, ele mesmo, os clérigos de que necessitava. Foi o que fez, e dois homens cedo partiam, incumbidos por Wesley de «presidir a congregação na América». Foi sob a sua orientação que, a 24 de dezembro de 1784, a Igreja Metodista Episcopal da América foi organizada, tendo como berço a cidade de Baltimore.

A denominação de «Metodistas» dada aos seguidores de Wesley lhes adveio dos hábitos metódicos dos membros do «Holy Club», fundado por John e Charles Wesley na Universidade de Oxford, em que ambos estudaram. Os associados tinham de cumprir certo número de tarefas diárias, estabeleciam horas determinadas para visitar os doentes e os prisioneiros, para rezar e para observar os ofícios religiosos, na Igreja. Rezavam em voz alta três vezes ao dia, e de hora em hora, oravam em silêncio. Todas essas regras severíssimas atraíram a atenção dos demais estudantes, os quais quiseram lançar o ridículo sobre elas e seus seguidores.

Foram esses estudantes, justamente, que deram o nome de «Metodistas» a John Wesley e a seus seguidores.

Os Metodistas não pensam ter decifrado o mistério da Santíssima Trindade. Quem te-lo-á descoberto? Mesmo Santo Agostinho, depois de ter escrito todo um volumoso tratado sobre a matéria, confessava que, para ele, a Trindade continuava um mistério indecifrável... Se Deus pudesse ser inteiramente explicado, deixaria de ser Deus. A doutrina da Santíssima Trindade é a expressão de três aspectos diferentes de Deus, como conhecido por nós. Porque nós achamos que Deus é Criador, Causa Primeira de Todas as Coisas, chamamo-lo de Deus-Padre; porque pensamos que Deus se revelou historicamente na pessoa de Cristo, denominamo-lo Deus-Filho; porque sentimos sua contínua presença e influência em nossas existências, nomeamo-lo Deus-Espírito Santo.

A doutrina da Trindade é também nossa fórmula para entender a personalidade de Deus. Deus é amor, mas antes de criar o Homem e o Universo, a quem amava Deus? Pois o Amor deve ter sempre um objeto. E o objeto do amor divino, antes da criação do mundo, era Cristo, o Filho de Deus, co-eterno com seu Pai. E a atividade divina ligando Deus Pai a Deus Filho foi, e será eternamente Deus-Espírito Santo.

Os preceitos originais da Religião Metodista afirmam que Cristo é o Filho de Deus, o qual «tomou a forma humana no ventre da Virgem Abençoada». Grande maioria dos Metodistas continuam a acreditar nessa fórmula. Outros, porém, separam os aspectos biológicos da virgindade de Maria de seus aspectos teológicos. Acreditam que a divindade de Jesus Cristo não se baseia apenas no fato de seu nascimento ter se dado ou não nas circunstâncias descritas pela Igreja.

Por outras palavras: os Metodistas acreditam que, para a divindade de Jesus, não é preciso que Ele tenha nascido de uma Virgem, sem qualquer pai humano. Acreditam os Metodistas que Cristo é o Filho Primogênito de Deus, não por ter nascido de uma Virgem, mas porque Deus Padre assim o quis.

Os Metodistas não rezam a qualquer espécie de Santo, de vez que acham que Deus é acessível a qualquer pessoa, mesmo às crianças, sem necessidade de intermediários. Deus é amor? Então, mesmo as crianças podem atingi-lo. Crêem os Metodistas, como de modo geral os Protestantes, «no sacerdócio de todos os fiéis».

Contudo, os metodistas acreditam em céu e em inferno. Haverá um juízo, depois da morte, para cada vivente. Os bons serão recompensados, e os maus punidos.

Os conceitos de céu e inferno variam grandemente, porém, de acordo com a educação e a crença de cada fiel. Muitos possuem idéias concretas de ruas de ouro e de fontes de mel no paraíso, e de fogueiras aterradoras no inferno... Mas a maioria dos Metodistas estão emancipados de tais superstições anti-científicas, não mais acreditando numa existência física de um céu, «lá em cima», e de um inferno, «lá em baixo»... Acreditam, unicamente, na palavra de Cristo: «Vou para preparar um lugar para Vós». O céu é somente um lugar espiritual em que os bem-aventurados gozarão da presença eterna de Deus. O Inferno, um lugar de privação da presença divina.

Porém, no Purgatório os Metodistas não crêem. Nem em Purgatório, nem em qualquer outro lugar espiritual que recorde o Purgatório da Igreja Católica Romana. Entre a morte e o castigo ou recompensa merecida por aqueles que morrem, os Metodistas não colocam nenhum estágio. Muitos Metodistas, aliás, acreditam que mesmo a punição divina é uma medida de redenção, pois que o amor divino é infinito.

Quanto aos Sacramentos, os Metodistas apenas reconhecem dois Sacramentos como sendo de origem divina: o Batismo e a Comunhão. O Batismo não é apenas um sinal de fé, mas também uma regeneração, um novo nascimento. E a Comunhão constitui o Sacramento de nossa redenção, através da morte de Cristo, em sinal de amor que os cristãos devem ter uns pelos outros.

Os Metodistas batizam as crianças. «Todos os homens são herdeiros da Vida Eterna, e estão pois sujeitos à graça salvadora do Espírito Santo. O próprio Cristo afirmou: «Venham a mim as criancinhas e não as preibam de fazê-los, pois delas é o Reino dos Céus».

Se a criança não tem ainda maturidade para entender a grandeza do Sacramento a que está sendo submetida, seus pais a possuem — e a eles está confiada a guarda espiritual dos filhos. A Igreja assume a responsabilidade pelo batismo das crianças, e aguarda o tempo em que elas poderão de própria voz confirmar as promessas então efetuadas.

(Continua no próximo número)

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

(KISMET)

ELENCO:

O Poeta	Howard Keel
Marsinah	Ann Blyth
Lalume	Dolores Gray
O Califa	Vic Damone
Omar	Monty Wooley
O Vizir	Sebastian Cabot
Jawan	Jay C. Flippen
Chefe de Polícia	Mike Mazurki
Hassan-Ben	Jack Elam
Subalterno de Polícia	Ted de Corsia
Princesas de Ababu	Reiko Sato
	Patricia Dunn
	Wonci Lui
Zubbediya	Julie Robinson

Argumento de Charles Lederer e Luther Davis
Direção de Vincente Minnelli

(Cortesia da Metro-Goldwyn-Mayer)

★

CAPÍTULO II

N O Grande Bazar das Caravanas, junto às portas da velha Bagdad, o povaréu abre caminho para uma liteira carregada por escravos seminus, os quais, apenas chegaram diante do posto de polícia, estacaram passo e colocaram o transporte no solo. Uma branca e fina mão feminina abriu, por dentro, uma das cortinas e por ela surgiu um atrativo rosto, o da sedutora Lalume, uma das espôsas do Grão Vizir, que a esperava, à cabeça de um grupo de subordinados.

— Salaam, meu reverendo espôso, disse ela, saltando da liteira em passo gracioso.

— Salaam, respondeu o vizir; que a felicidade seja tua no teu regresso. Depois, acercando-se da espôsa, disse-lhe em voz baixa:

— Então? Conquistaste o empréstimo?

— Sim, consegui todo o ouro que dez camelos podem carregar, mas com uma condição: a de que arranjes um honroso casamento para as formosas princesas de Ababu.

— Mas isso é uma rematada tolice! suspirou o vizir. Já tenho suficientes espôsas...

— Sim, meu senhor; ninguém sabe disso melhor que eu, respondeu Lalume. Eu sei de sobra... Afortunadamente, não é convosco que elas querem contrair núpcias, ficai sabendo... O xaque de Ababu deseja que sua filha maior seja a espôsa das espôsas do califa, enquanto suas duas irmãs deverão ser a segunda e a terceira espôsas do mesmo...

— Oh, querem casar-se com o califa... Belo! Mas como podem crer que eu exerça influência junto ao califa? E' demasiado moço para que aceite um suborno... Por outro lado, sim... não poderia ameaçá-lo... enquanto ele não dá, por enquanto, o menor sinal de querer casar-se... Lalume encarou-o compassivamente de alto a baixo.

— Com tua astúcia podes muito bem convencê-lo que necessita casar-se. Lembra-te... de todo o ouro que podem carregar dez camelos... Tentador, não?

—O—

Como de ordinário, o jovem califa cruzava de incógnito as ruas de Bagdad, acompanhado

Disposto a desafiar os próprios elementos, ele jurou que Marsinah seria sua espôsa, ainda que para isso fosse preciso fugir...

por seu amigo Omar, o tendeiro. Omar filosofava sobre os deveres da nobreza real e os usos variados das gentes do mundo, mas logo sentiu que a atenção do califa estava concentrada em outro lugar. E ao acompanhar com os olhos a direção em que estavam fixos os do califa, descobriu a formosa Marsinah que examinava umas peças de tecido de cores vivas, ali perto. O califa não podia despregar os olhos daquela esbelta moça, cujas voluptuosidade e beleza eram realçadas pelas finas peças de tecido que ia experimentando em torno às suas formas bem contornadas. Marsinah por sua vez não retirava os olhos de um carregamento de douradas laranjas que iam sendo retiradas de um camelo, bem à sua frente. Laranjas perfumadas e de uma cor perturbadora...

Súbitamente a moça jogou para o lado as fazendas que o mercador lhe tinha mostrado e correu para as laranjas, apoderando-se de uma. O vendedor gritou:

— Ladra! Roubando as minhas laranjas, ladra!

E correu em sua perseguição; mas nesse momento apareceu o poeta, que se interpôs, no instante exato, e tomando sua filha pela mão, disse-lhe que não fugisse, não era caso para tanto...

— Corre, papai, corre antes que chamem a polícia! gemia a pobrezinha.

— Não, filha. Já não temos necessidade de correr, disse muito calmo o poeta.

— Não? Mas... por que?

— Por isto que vai aqui comigo. E falando assim, mostrou a Marsinah as moedas de ouro, acrescentando:

— Minha filha, agora podes pedir o que quiseres. O que mais desejares no mundo! Qual é, neste momento, a tua maior ambição, querida? Diz e seja o que fôr, por mais difícil e mais caro, eu te darei...

— Dá mesmo, papai?

— Seja o que fôr! Uma jóia... vestidos... sapatos... fantasias... Pedre! O que mais queres, filha?

— Almoçar, papai, respondeu ela inocentemente.

— Minha querida Marsinah... peço-te que me compreendas! implorou o poeta. Já somos ricos! Sabes o que quer dizer isso? Por exemplo, olha: recordas-te daquela bonita casa, próximo da montanha?

— Oh, sim... Aquela casa maravilhosa com que sempre sonhava... Mas... quer dizer que estamos tão ricos assim? Poderíamos comprá-la?

— Mas claro, filha querida! Se ainda estiver à venda, será nossa imediatamente!

Marsinah não tardou em pôr sua nova riqueza a trabalhar ativamente para ela. Percorreu todas as tendas de Bagdad escolhendo, regateando, comprando e rejeitando. Ao cabo desse percurso, seu aspecto havia mudado por completo e mais parecia uma princesa, com lindos adornos e preciosos brilhantes. E sem demora, encaminhou os passos para a casa da montanha.

Estava contemplando o jardim da linda vivenda quando ouviu murmúrios atrás dela. Voltou o rosto e descobriu o jovem califa que a admirava com atenção desvanecida:

— Por favor, senhorita, não grite! implorou ele.

— Mas por que hei de gritar? perguntou assombrada a moça, por sua vez bem impressionada com o bonito aspecto do califa.

— Eu a segui desde o bazar, explicou ele, aproximando-se. E' freqüente ser perseguida pelos homens?

— Sim, algumas vezes... pela polícia...

— Não assenta muito bem em seus lábios essa resposta vulgar, senhorita! Preferia que se limitasse a dizer «não»...

Marsinah deu de ombros e voltou-lhe as costas:

— Estou vendo que o senhor nada entende de humor... Pois então, adeus!

Mas depois de alguns passos, sem voltar o rosto, ajuntou:

Creio que me ia dizer alguma coisa... estarei enganada?

— Eu ia dizer-lhe simplesmente que... também meu pai nada entendia de humor. E' mal de família.

— Bem, nesse caso está perdoado... replicou Marsinah, olhando-o de frente com um sorriso cativante. Como se chama o senhor?



Marsinah sentiu-se atraída pelo jovem califa e ficou apaixonada por ele. Mas o rapaz não se dá conta e não consegue nada...

— Pode chamar-me Haroun...

— Claro! disse ela impacientemente. Posso até chamá-lo de mameluco... Mas afinal, quem é o senhor?

— Não poderei dizê-lo neste instante, senhorita. Perdoe, mas não posso!

— Ah, deve ser então algum criminoso! Um fugitivo da justiça, estou vendo...

— Por quem é, senhorita! Não sou um criminoso... Pelo menos, diante dos olhos de...

— De quem?

— De Alá...

E assim dizendo o califa guardou silêncio, contemplando absorto a formosura de Marsinah. Depois, suspirando profundamente:

— Sabe, senhorita, que é muito bela?

— Os meus vestidos é que o fazem acreditar na minha beleza. E também o fato de que te-

nho o rosto lavado e limpo, e o cabelo penteado. De contrário...

De pleno acôrdo... Tudo isso junto faz realmente a formosura natural de uma jovem.

Ela soltou uma estridente gargalhada.

— Sabe que estou gostando de você forasteiro? disse-lhe à queima-roupa. Quem é, não quer dizer? Que espécie de negócio é o seu?

— Negócio? Oh, sim, que espécie de negócio... Bem, pois... saiba que me encarrego de fazer crescer coisas...

— E' então jardineiro! Acertei?

— Bem... sim... sim, precisamente, jardineiro!

Ambos se olharam por algum tempo. Ele se aproximou ainda mais e tomando-a pelos ombros, a atraiu mais para si:

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Na antiga cidade de Bagdad, um poeta e sua formosa filha, Marsinah, perambulam pelas ruas implorando a caridade pública. Um dia, o poeta é seqüestrado por um grupo de bandoleiros que o confundem com um tal Hajj, líder dos mendigos locais. Na presença do cabecilha Jawan, o poeta é ameaçado se não retirar imediatamente certa maldição que Hajj havia lançado sobre Jawan, alguns anos antes, e devido à qual, segundo todos acreditavam, o filho de Jawan fôra seqüestrado sem que o bandoleiro lograsse encontrá-lo. O poeta, acreditando que sua semelhança com Hajj poderia ser-lhe proveitosa, apressa-se a dizer a Jawan que está disposto a retirar a maldição se lhe fôr paga uma boa quantia. O cabecilha entrega-lhe uma bolsa com ouro e o poeta promete que vai encontrar seu filho em Bagdad, nesse mesmo dia.

TRANSMISSÕES RIO—SÃO PAULO

SPECTATOR

● Sem dúvida durante o último ano a programação das nossas emissoras de TV tem melhorado sensivelmente e o seu desenvolvimento tem sido feito de maneira bastante promissora.

Em meados do ano passado o aparecimento do Canal 13 veio fazer com que os dirigentes da TV-Tupi melhorassem em muito a sua produção, uma vez que estabeleceu-se a concorrência e, com isso, saiu lucrando o telespectador, que passou a ter em sua própria casa divertimento cada vez de melhor qualidade.

Veio depois a ampliação das atividades de ambas as emissoras e a TV-Rio iniciou transmissões para São Paulo, exibindo "shows" e competições esportivas. Igual atitude foi tomada pela TV-Tupi, pouco depois, sendo que atualmente os cariocas têm oportunidade de conhecer diversos elementos do rádio e TV paulistas através de transmissões realizadas diretamente daquela capital.

Com toda essa atividade, bem se pôde imaginar o impulso que daqui por diante poderão tomar as programações televisionadas do Rio e de São Paulo, uma vez que se torna fácil o intercâmbio de artistas e programas, bem como a organização de "shows" que poderão ser dos mais variados e interessantes.

Principalmente, o intercâmbio de artistas deve ser desenvolvido, uma vez que se deve ter em vista nas realizações televisionadas, acima de tudo, o completo agrado por parte do telespectador, pois esse é o principal objetivo da TV, como aliás acontece com todas as atividades que visem diretamente ao público. Artistas que estão presos a contratos com emissoras de rádio e companhias teatrais do Rio e de São Paulo e que portanto se vêem privados de alternar viagens entre as duas capitais, podem agora receber o aplauso e o incentivo de ambas as platéias, através de suas exibições no vídeo, sem no entanto prejudicarem os seus interesses.

Portanto, é dos mais amplos o campo de atividades através da TV. Esse campo já aos poucos vinha sendo alargado, como aconteceu quando da ampliação dos horários de programação da TV-Tupi, ocasião em que essa emissora passou a permanecer no ar durante três etapas diárias, o que deu oportunidade a que os seus dirigentes organizassem programas de acordo com o público de várias idades e diversas classes sociais.

O nível dessas transmissões, feitas em conexão com São Paulo e que agora se iniciam apresentando aspectos bastante interessantes, necessita ser mantido e os produtores devem fazer o máximo para empregar todos os novos recursos de que agora dispõem na organização de atrações de real interesse para o público e que estejam à altura dos fabulosos gastos que tais transmissões acarretam à direção das emissoras.

Vamos melhorar?

Na TV, mais ainda do que no rádio, é bastante importante o papel dos locutores, uma

vez que além da boa dicção e perfeição de linguagem, necessitam eles de boa apresentação pessoal.

Deve haver a maior atenção durante as atuações, pois, qualquer lapsos será notado imediatamente.

Murilo Neri, correto locutor que vem conduzindo com destaque alguns dos programas de maior sucesso no Canal 6, aparece também como mestre de cerimônias orientando os candidatos que concorrem semanalmente à «Grande Pergunta». Em uma das últimas apresentações do programa, Murilo, em meio à audição, dirigiu-se aos espectadores que assistiam ao concurso do palco da TV, pedindo-lhes que se MANTESSEM em silêncio enquanto as perguntas eram formuladas. Esse pequeno tropéço causou bastante admiração entre aqueles que costumam acompanhar as sempre corretas atuações de Murilo Neri frente às câmaras.

x x x

Os programas apresentados através da TV devem ser feitos de maneira a parecerem o mais natural possível. Todo e qualquer artificialismo notado pelo espectador prejudica em muito as exibições. Uma das atuações que mais desagradou ao público é a dos locutores que se apresentam ante às câmaras lendo anúncios ou «script» dos programas. Caso sejam forçados a lançar mão desse recurso, o que no entanto



Por ocasião do concurso para a escolha de «Miss Brasil», a representante do Estado do Rio Grande do Norte compareceu aos estúdios da TV-Rio, a fim de cumprimentar Cauby Peixoto, pelo sucesso que o cantor vem obtendo em suas apresentações através do Canal 13.

x x x

só deve ser feito em último recurso, devem fazê-lo da maneira mais discreta possível.

Lourdes Mayer, elemento de valor e que se destaca todas as vezes em que se exhibe através do Canal 6, e que agora aparece como moradora em «Ciranda ao redor do mundo», durante essas atuações não consegue libertar-se do «script» e, a todo o momento, enquanto fala, lança olhares ansiosos para o que irá ler logo depois, prejudicando dessa maneira as suas descrições. Vamos melhorar?

Grau dez:

... Para Sílvia Autuori, que já prestava ótimos serviços às donas de casa com o seu programa «Lar, doce lar», oferecendo sugestões para a decoração do lar e confecção de pratos saborosos e de fácil execução e que agora, no horário matutino do Canal 6, em «O que vamos fazer para o jantar?» tem sempre um prato interessante, algo de novo e saboroso e que poderá ser preparado poucos minutos antes do jantar, com o mínimo esforço.

x x x

... Para a TV-Rio, que no seu «Teatro de Variedades» tem exibido ao público artistas de destaque de nosso teatro, como Henriette Morineau e Mário Brasini, em trabalhos de valor.

Essas apresentações dominicais constituem um ponto alto na programação do Canal 13.

x x x

... Para Carlos Machado, que com seus luxuosos «shows» exibidos através do Canal 13 tem dado aos tevendo a oportunidade de apreciar todas as maravilhas dos espetáculos que antes só eram conhecidos pelos frequentadores das «boites» em que o empresário tem se apresentado com o seu grande elenco.

Está de parabéns, portanto, a TV-Rio, por essas ótimas apresentações.



FLORES-DE-MAIO, ANTURIUNS E BEGÔNIAS

NO JARDIM CRIADO POR UM REI

TRES ESPÉCIES LINDÍSSIMAS DAS FLORESTAS BRASILEIRAS E SEU CULTIVO NO FAMOSO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO, FUNDADO POR DOM JOÃO VI ★ POR QUE OS CARIOCAS AINDA NÃO SE HABITUARAM A VISITAR O APRAZÍVEL RECANTO DA GÁVEA?



«O céu é o limite» continua emocionando aos concorrentes e espectadores que acompanham as suas audições às segundas-feiras.

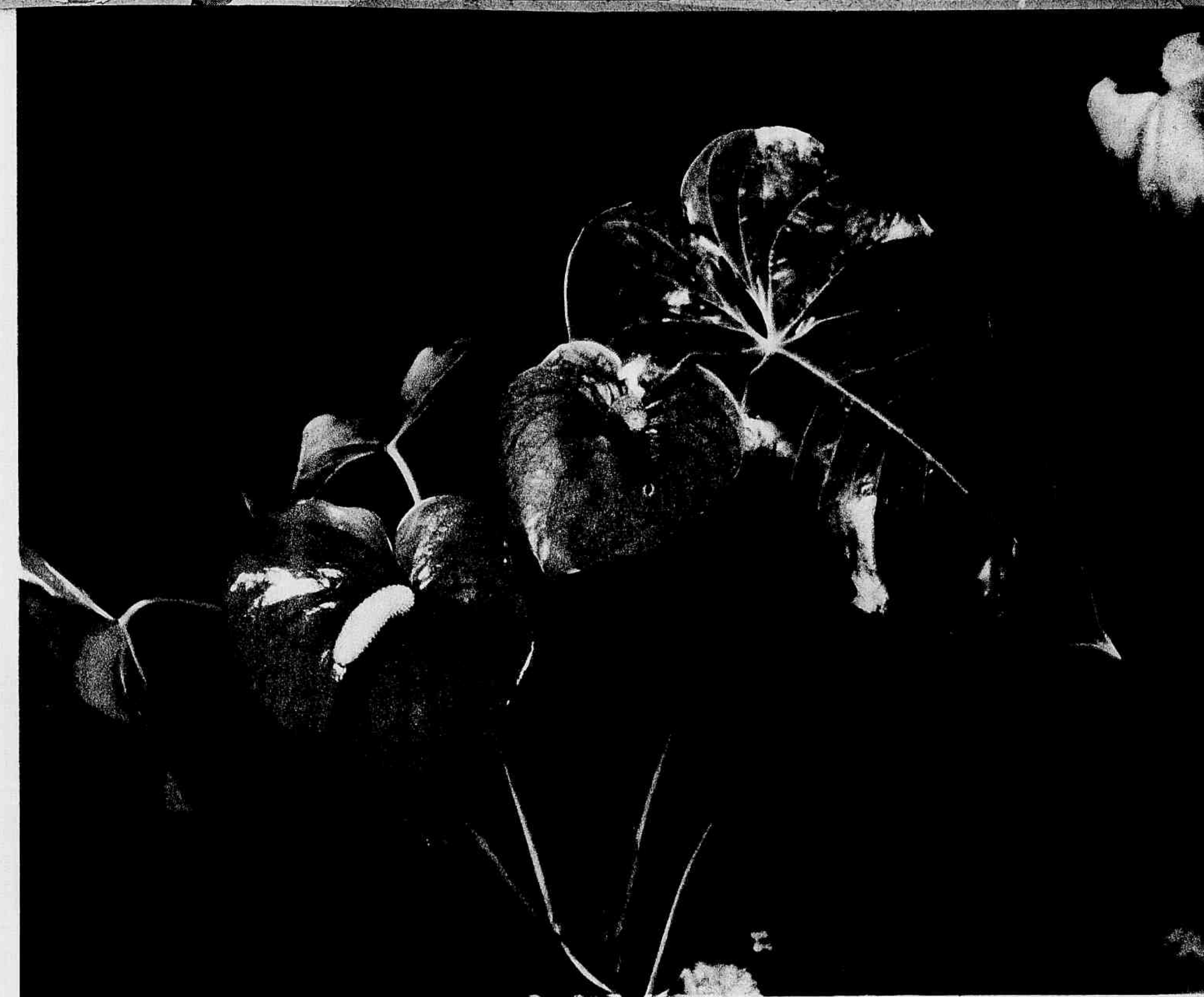
NO JARDIM CRIADO...



O ANTURIUM que aparece ao alto, à esquerda, é um exemplar de grande valor, híbrido, e anômalo (a anomalia consiste em possuir a espiga

♦ VALE A PENA visitar, numa quieta tarde de domingo, o majestoso Jardim Botânico que Dom João VI houve por bem criar, tão logo chegou ao Brasil, obrigado por Junot a abandonar Portugal. Ali, no imenso parque ensombrado, após atravessar uma aprazível avenida, marginada por duas fileiras paralelas de palmeiras plantadas pelas próprias mãos do monarca, poderá o visitante con-

templar, durante todo o tempo que quiser, a maravilhosa flora brasileira, uma das mais ricas e variadas do mundo, apanágio de nossos bosques e florestas, e, desde os primeiros anos após a descoberta, objeto de acurados estudos de inúmeros naturalistas de reputação mundial. Da mais pequenina planta à fabulosa Vitória Régia amazônica, capaz de suportar sobre a folha robusta o peso

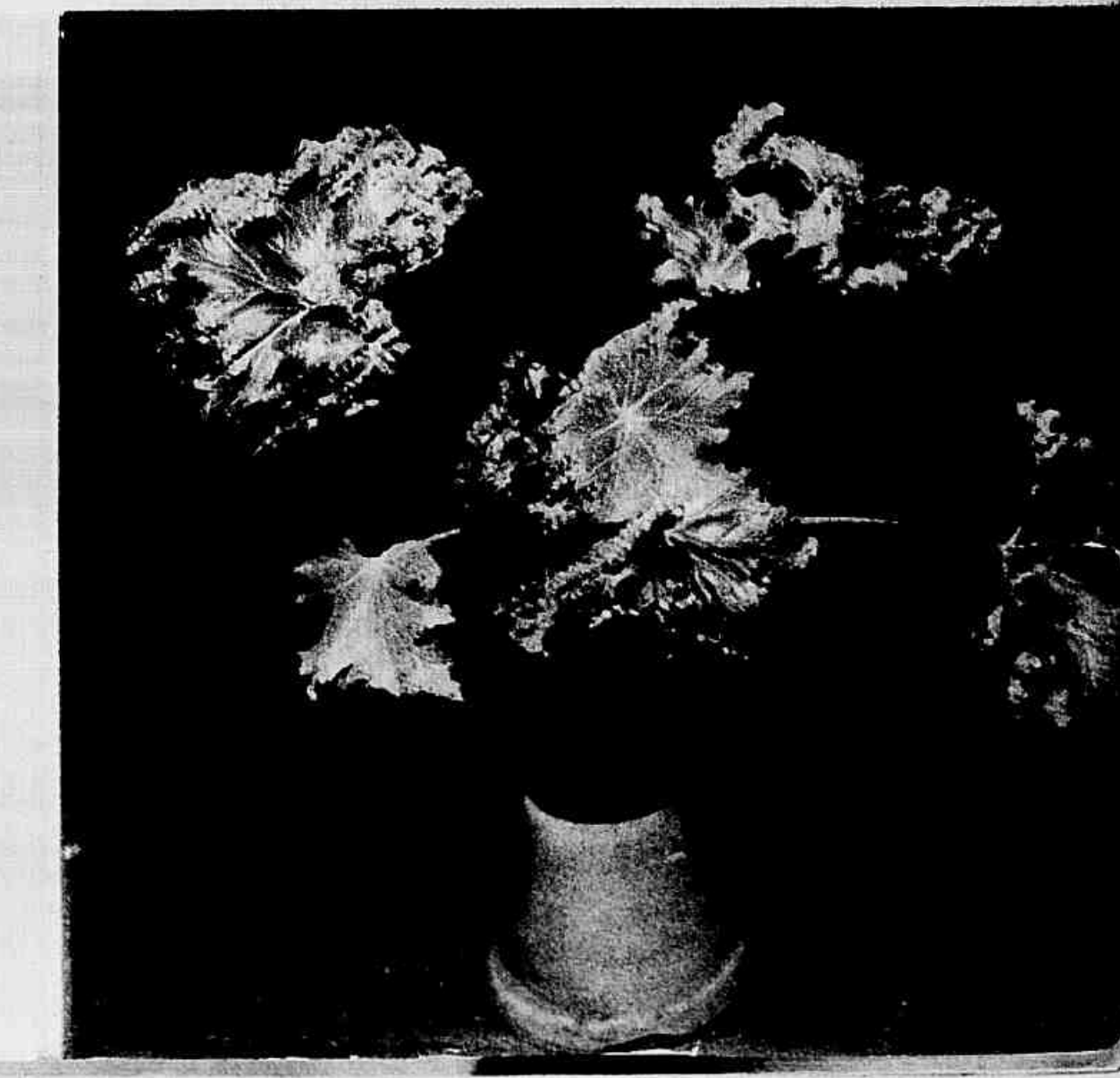


inserida próximo à base do pecíolo); o que vemos à direita, menos valioso que o primeiro, nem por isso deixa de ser uma planta muito bonita.

de uma criança de dez anos, e sob a qual tantas vezes se oculta o terrível jacaré, da florzinha trivial dos campos e jardins à opulenta e aristocrática orquídea, da laranjeira, vergada ao peso dos frutos amarelos, até ao gigantesco carvalho, tudo está representado, explicado e conservado caprichosamente no velho Jardim Botânico, que dentro de mais alguns anos estará completando cento

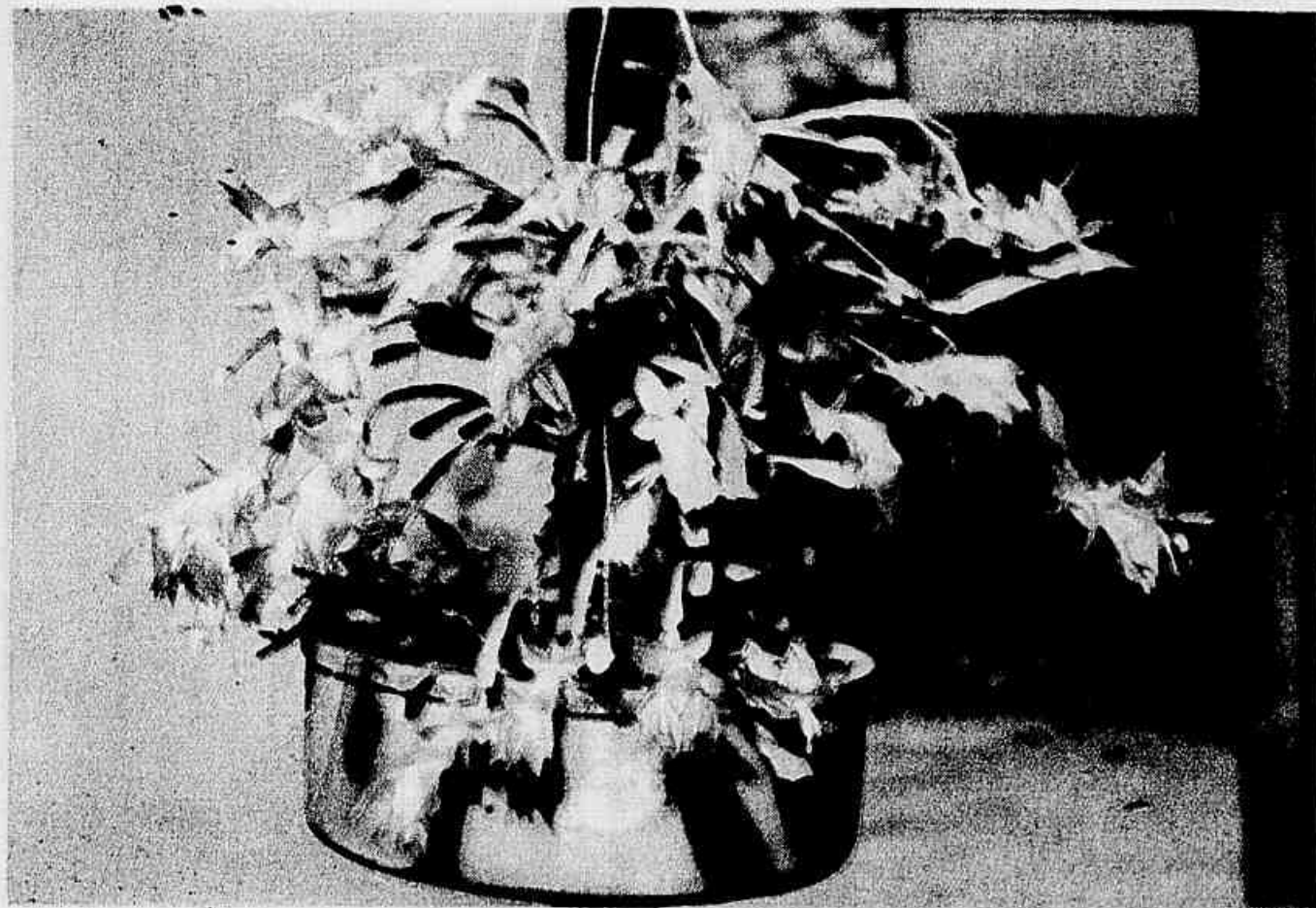
e cinquenta anos de sua fundação. Hoje, porém, apenas desejamos tratar de algumas plantas brasileiras, cuja beleza e fragilidade se tornam especialmente dignas dos carinhos e cuidados dos cultivadores e de todos quantos admiram os vegetais. Falamos das begônias, antúrios e flores-de-maio, plantas exóticas e de difícil cultivo, exigindo quase todas estufas e aposentos especiais para

O JARDIM BOTANICO possui uma linda coleção de begônias. Da esquerda para a direita, alguns exemplares de begônias indígenas. As três pri-



meiras aqui apresentadas pertencem ao tipo «Rex», e a última é designada por «Begônia Manicata». São plantas de estufas e aposentos especiais.

NO JARDIM CRIADO POR UM REI



ACIMA, exemplar de flor-de-Maio; à esq., um espécime soberbo de anturium.

vicejarem. As begônias estão reunidas, no Jardim Botânico, em uma grande e moderna estufa, e atingem a um número elevado, onde não é difícil de ser encontrado um exemplar raríssimo, no meio de outros, mais comuns. Os anturiums e as flôres-de-maio não são tão numerosos, talvez, mas sua beleza ultrapassa, decerto, a das begônias. Tôdas as três espécies fazem as delícias dos frequentadores do magnífico recanto do Rio de Janeiro, o qual, não sabemos porque razão, ainda não é bastante conhecido dos cariocas, embora não haja estrangeiro que aqui aporte que não se mostre entusiasmado com o mesmo. (Ektachromes de **A. Ferreira**).

A FLOR-DE-MAIO, uma das mais belas de nossa extensa e variada flora.



REVOLTAS CONTRA OS JESUÍTAS

EDUARDO TOURINHO

SEM Nóbrega — esclarecendo e fortalecendo a Mem de Sá e, depois, aconselhando a Salvador de Sá e Benevides quando a cidade foi para o Morro do Castelo; sem sua prodigiosa ação na Bahia e em S. Vicente; sem que tivesse destacado Anchieta para acompanhar Estácio no **finca-pé** da Ponta da Cara de Cão, teria sido possível a fundação e povoamento do Rio de Janeiro, pelos portugueses, entre os anos de 1565 e os fins do século XVI? Não teriam os franceses ensejo de formarem um definitivo núcleo da «França Antártica»? Teriam Espírito Santo, São Vicente, S. Paulo de Piratininga resistido aos Tamoios e aos piratas normandos? **Ter-se-ia** mantido a unidade do Brasil? Essas perguntas sem resposta precisa mostram o que a cidade de São Sebastião — como o país todo — deve à memória dos admiráveis varões da Companhia de Jesus aqui chegados com Tomé de Souza. A eles, o visitador Inácio de Azevedo beijava os pés, em 1566, vendo-os regressar do sertão — «descalços, cheios de lama, magoados ou feridos de matos e charnecas» — à frente de um séquito de catecúmenos nus.

E esses santos varões foram Nóbrega, Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Luís da Grã, José de Anchieta, Leonardo do Vale, Diogo Jácome, Brás Lourenço, Antônio Blasquez, Gregório Serrão, Simão de Vasconcelos, Antônio Rodrigues, Manuel de Paiva... Integrados na nossa História e na nossa Geografia, ligaram-se indissolúvelmente ao Brasil — onde viveram, lutaram e morreram.

Em 1567 começaram os inicianos a levantar no Morro do Castelo — que foi Monte do Descanso, Alto da Sé e Monte de S. Januário quando, em 1662, Francisco Dias da Luz **fabricou** o forte — o convento e o Colégio que em poucos anos teve três pavimentos e teve no grande Nóbrega seu primeiro reitor. Quando, em 1624, temia o Rio o ataque dos holandeses donos da Bahia de então, fortificaram os jesuítas sua igreja — que era a de Santo Inácio de Loyola e, por muito tempo foi a única freguesia da cidade. No Colégio estabeleceram os famosos Cursos que os estudantes chamavam **Pátios do Colégio**. Eles — os estudantes — constituíam uma companhia militar com capitão nomeado pela Câmara. Comandava-a — quando da invasão de Duclerc — o bravo Bento do Amaral Gurgel.

Mas, com o tempo, teria a Companhia perdido o abnegado espírito com que a dotara Santo Inácio... — Aqui — como em todo o Brasil — era acusada de ser detentora de imensos bens, monopolizadora da economia da Colônia. Na cidade e na Capitania do Rio de Janeiro tornara-se dona de numerosos prédios e de vastas áreas de terra. Possuía fazendas em São Cristóvão, em Santa Cruz, no Engenho Velho, no Engenho Novo, no Engenho de Dentro. E, ainda, em Campos e Macaé. Cultivava e exportava para Portugal — em navio seu — açúcar, cereais, fumo, algodão, madeiras, óleos... Impedira que se limitasse o contórno da cidade e — numa extrema defesa do indígena preado em

Entradas» e «Bandeiras» pelos colonos ávidos de braços e transbordantes de ambições — desafiava a ira do povo.

Após o terrível assalto dos bandeirantes paulistas, a 3 de dezembro de 1637, à **Redução** de Jesus Maria, no rio Pardo — da qual o heróico padre Montoya deixou-nos o trágico relato — foi o padre Francisco Dias Taño a Roma e, de Urbano VIII, obtem uma bula aplicando ao Brasil a de Paulo III que, em 1537, declarava provirem também os índios de Adão e Eva e, assim, «não podiam ser reduzidos a cativoiro».

Em fins de abril de 1640 chega ao Rio o padre Dias Taño. Traz uma revisão do Coletor Alexandre Castracani a fim de que o Prelado Pedro Homem Albernaz execute nas Capitánias sob sua jurisdição a bula de Urbano VIII.

Ao saberem do fato, os habitantes do Rio extremaram-se. A Câmara opôs embargos à aplicação do instrumento. Em face da agitação ambiente, o Prelado recebeu tais embargos. Mas, por sua vez, não descansavam os inicianos quanto a execução da bula.

A 4 de maio, motins agitaram a cidade. Os jesuítas eram vaiados e apedrejados nas ruas; seus escravos negros e índios eram assaltados; suas propriedades, invadidas e depredadas. Ainda assim, do Colégio onde estavam abrigados insistiam junto ao Administrador Eclesiástico Pedro Homem Albernaz pelo cumprimento da ordem papal.

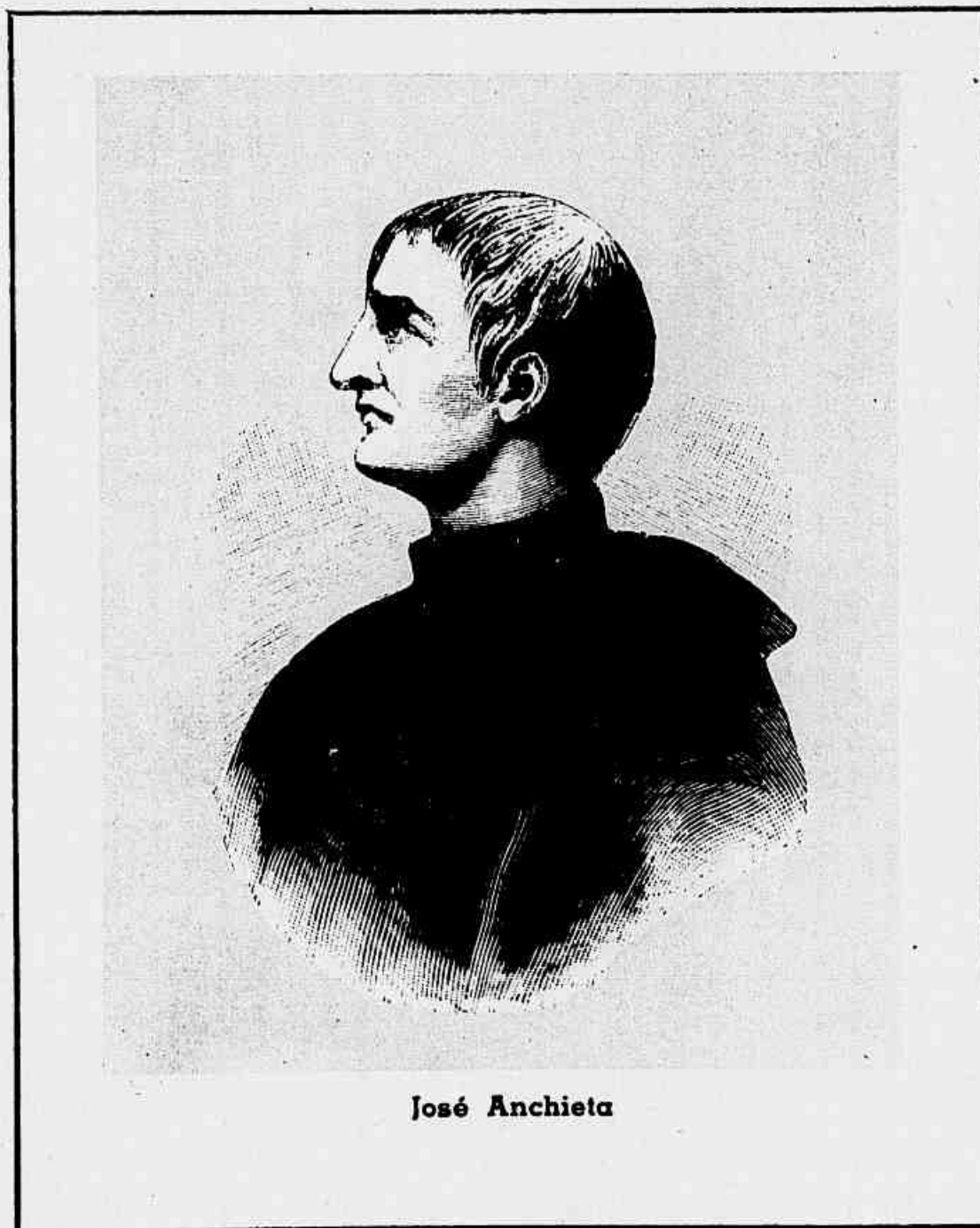
No conhecimento da bula, São Vicente e São Paulo de Piratininga entraram em ebulição...

No dia 19 de junho é o Colégio do Morro do Castelo assaltado pelo povo, disposto a expulsar os inicianos. Foi Salvador Corrêa de Sá e Benevides quem — às portas do Colégio — evitou a grave crise. Para tanto, resignou-se a Companhia de Jesus a assinar uma «escritura de composição» que o tabelião João Antônio Corrêa lavrou. Dessa forma, «desistiam, como de efeito logo desistiram, da procuração, execução e publicação das ditas bulas».

Abriam mão da administração dos índios que estiveram em casa dos moradores, a quem perdoavam os agravos sofridos. Assinaram a escritura o visitador Pedro Moura, o reitor José da Costa, o procurador Mateus Dias, o padre Francisco Dias Taño. Por parte do povo, o sargento-mor João Dantas, os capitães Aleixo Manuel e Diogo d'Ávila, além de João de Zeures e os Oficiais da Câmara.

Em São Vicente e em S. Paulo de Piratininga a revolta popular teve mais violentas conseqüências: a 13 de julho, o povo assaltou e ocupou o Colégio de Piratininga e expulsou os padres da Companhia.

Muito demoradas foram as negociações para que pudessem os inicianos voltar à casa de onde o povo os banira.



José Anchieta



CHAMA-SE EUGENIO Balestra e tem 93 anos esse velhinho, o qual foi, na mocidade, relojoeiro do célebre compositor Giuseppe Verdi. Muitas vezes o autor de «Traviata» e tantas outras óperas famosas ia a Cortemaggiore, onde até hoje vive Balestra, a fim de consultá-lo sobre sua especialidade. Verdi morreu há cinquenta e cinco anos, ou seja em 1901.

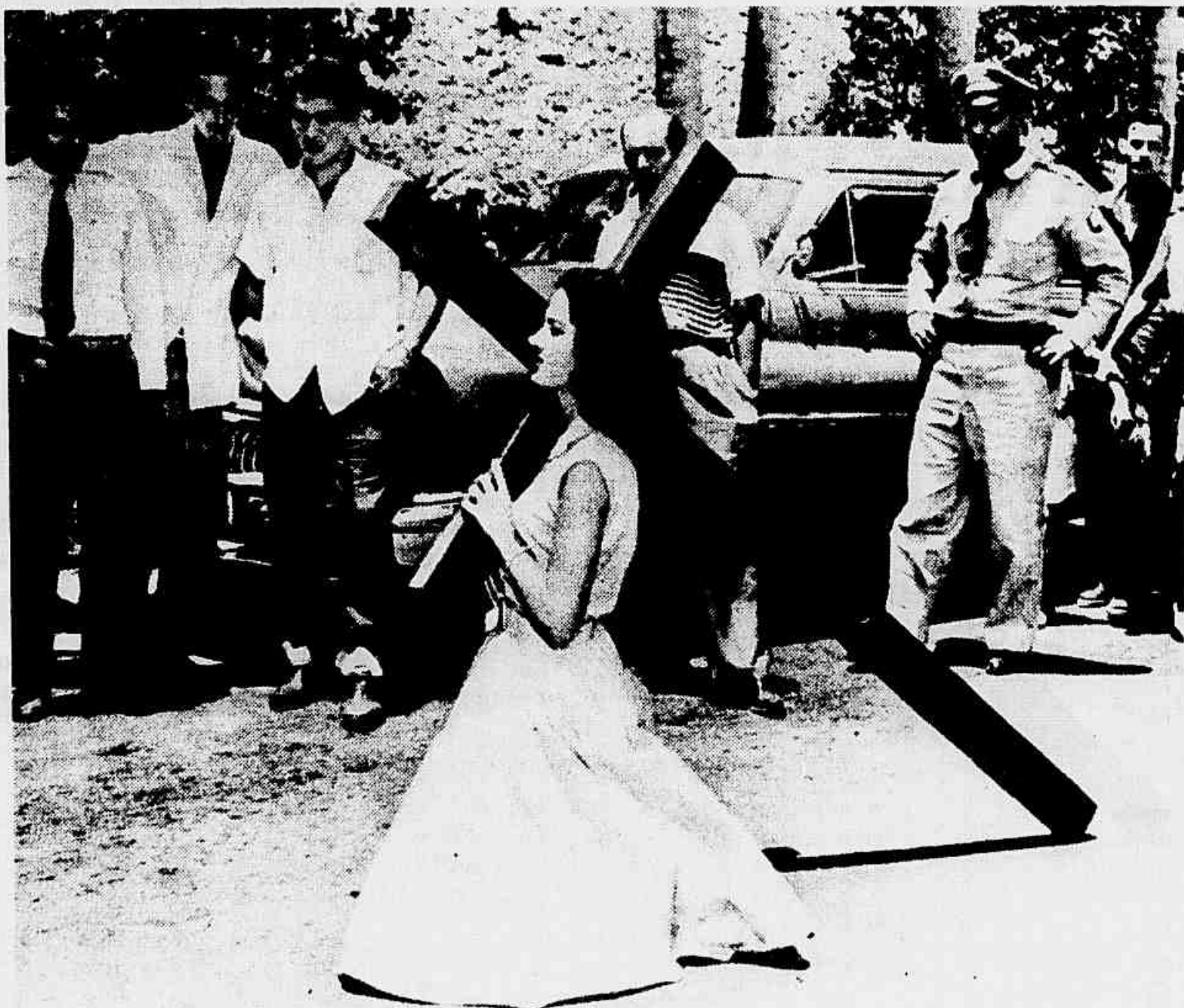
POR ESSE MUNDO DE DEUS

ESSE TIPINHO indigesto é o atual campeão mundial de levantamento de peso. Americano, pesa cento e cinquenta e quatro quilos, apenas... Mas levanta 180, o que ninguém, até hoje, realizara em todo o mundo.



SONJA HENIE pouco após o casamento número quatro, com o norueguês Niels Onstad, que foi seu amigo de infância. Aliás, a infância da célebre patinadora já deve ter entrado nos domínios da arqueologia...

FAZENDO PENITÊNCIA a fim de afastar a guerra do coração dos homens, essa jovem cubana, Irma Izquierdo, saiu de sua casa com uma cruz de trinta quilos às costas, descalça, e foi até ao Santuário del Cobra, a oitocentos quilômetros de distância. A intenção é boa.





JOVENS GREGAS, semelhantes às mulheres helenas de milhares de anos atrás dirigem-se ao Santuário de Olímpia, onde acenderão a tradicional Chama Olímpica, que dentro em breve partirá para a Suécia.



MARJORIE TUBMANN nadava, com o noivo, em uma praia da Inglaterra, quando uma onda mais forte arrebatou-lhe o maiô. O noivo foi buscá-lo e o entregou à pequena. Pudicamente, de olhos bem fechados...



ESSE MENINO estava em um hospital e desejava um pássaro para fazer-lhe companhia. Como nas histórias de fadas, um passarinho entrou-lhe um dia pela janela, e foi pousar em seu peito. Quem quiser que acredite.



TOMOKO NAKABAYSHI era uma meninazinha quando a bomba atômica arrasou Hiroshima, atingindo-a com emanções. Ela agora vem de morrer, num hospital dos Estados Unidos, após sofrer várias sérias operações.



ALEXANDER LAKE. Mike e Peg Carter são três amalucados fotógrafos americanos. Em um carro, eles atravessam a África, a fim de conseguirem fotos arriscadas de feras como essas, que aparecem ao lado do jipão.

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a
RÁDIO RECORD
de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 4 E 10 DE AGOSTO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) O leitor terá uma semana muito propícia às iniciativas, às especulações e conseqüentemente aos negócios. O que for empreendido será facilitado e atingidos os objetivos imediatos.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Uma semana bem movimentada espera o leitor. Essa movimentação se dará tanto na vida profissional como nas atividades sociais ou políticas. Os acontecimentos forçarão atitudes e pronunciamentos.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Adie os projetos de viagem. Os influxos da semana não favorecerão as providências a tal respeito. Uma ausência, agora, do seu meio e das suas atividades, importará em prejuízo de certa monta.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Os resultados da semana dependerão do seu esforço. Não espere pelo concurso de ninguém, nem mesmo das circunstâncias. As desfavorabilidades reinantes criarão dificuldades nas menores coisas.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Os quatro primeiros dias da semana serão muito favoráveis ao leitor. Encontrará no seu meio e no seu trabalho, todas as satisfações. Os dias restantes não serão desfavoráveis, mas não poderão propiciar algo de interesse.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Sua posição será a melhor possível, no curso da semana em face do influxo planetário. Seus negócios correrão animadamente e lhe darão margem a um lucro altamente compensador.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Poderá tomar qualquer iniciativa de vulto ou fechar negócio da maior importância. Não haverá qualquer possibilidade de prejuízo ou de arrependimento. As boas fadas estarão do seu lado.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Aspectos planetários inarmônicos atingirão em cheio a vida sentimental do leitor, provocando os maiores desentendimentos, com perigo, até, de rompimento e separação. Domine os nervos para atenuar a situação.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Dê a maior atenção a tudo o que tiver de fazer. Nos três primeiros dias da semana em pauta o leitor estará sujeito a perigosos enganos e a erros de apreciação.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Evite como puder, o contacto com militares, principalmente em se tratando de negócios. O novo período não favorecerá igualmente, os casos de operação.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — O setor das especulações, no caso do leitor, será o mais propício às atividades. Os chamados negócios de ocasião lhe darão margem para vantajosos lucros. Aproveite bem a oportunidade.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Não haverá nenhum impedimento de natureza planetária, durante a semana, às atividades do leitor, profissionais ou não. Haverá uma espécie de liberação. Faça o que entender.

OS NOMES DA SEMANA

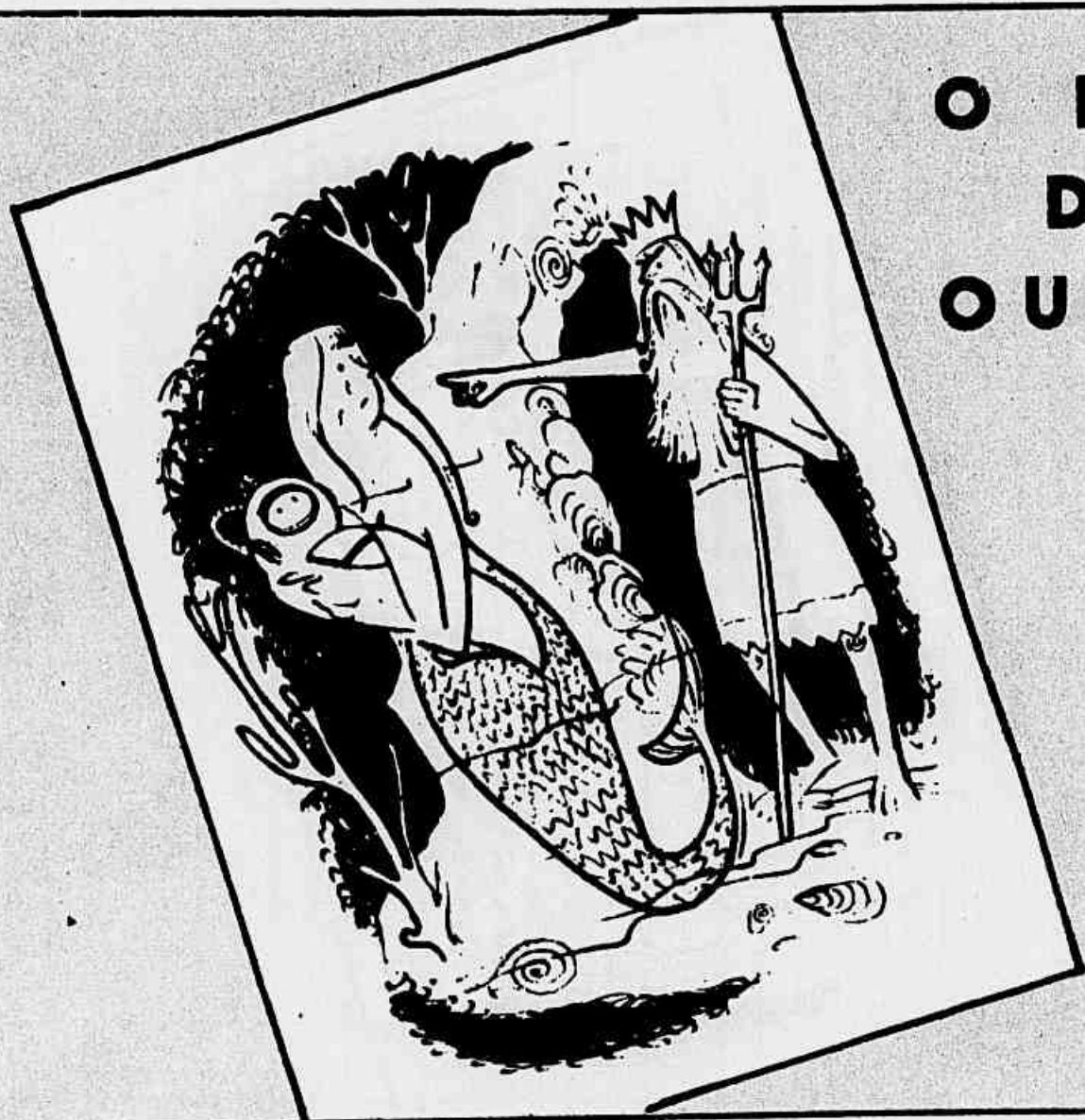
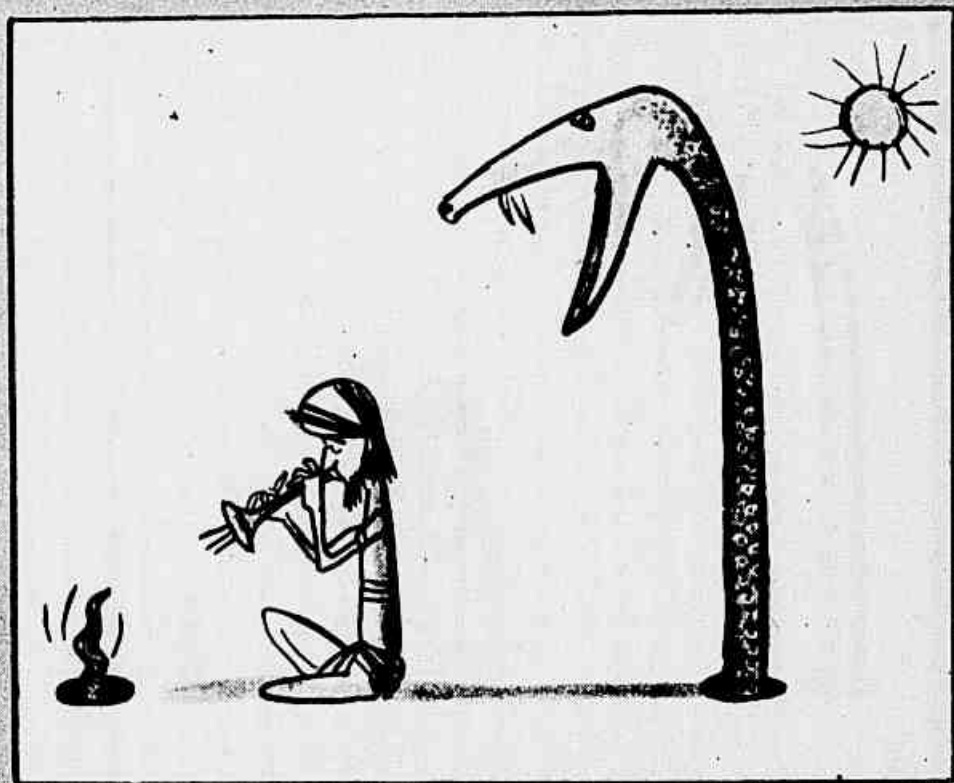
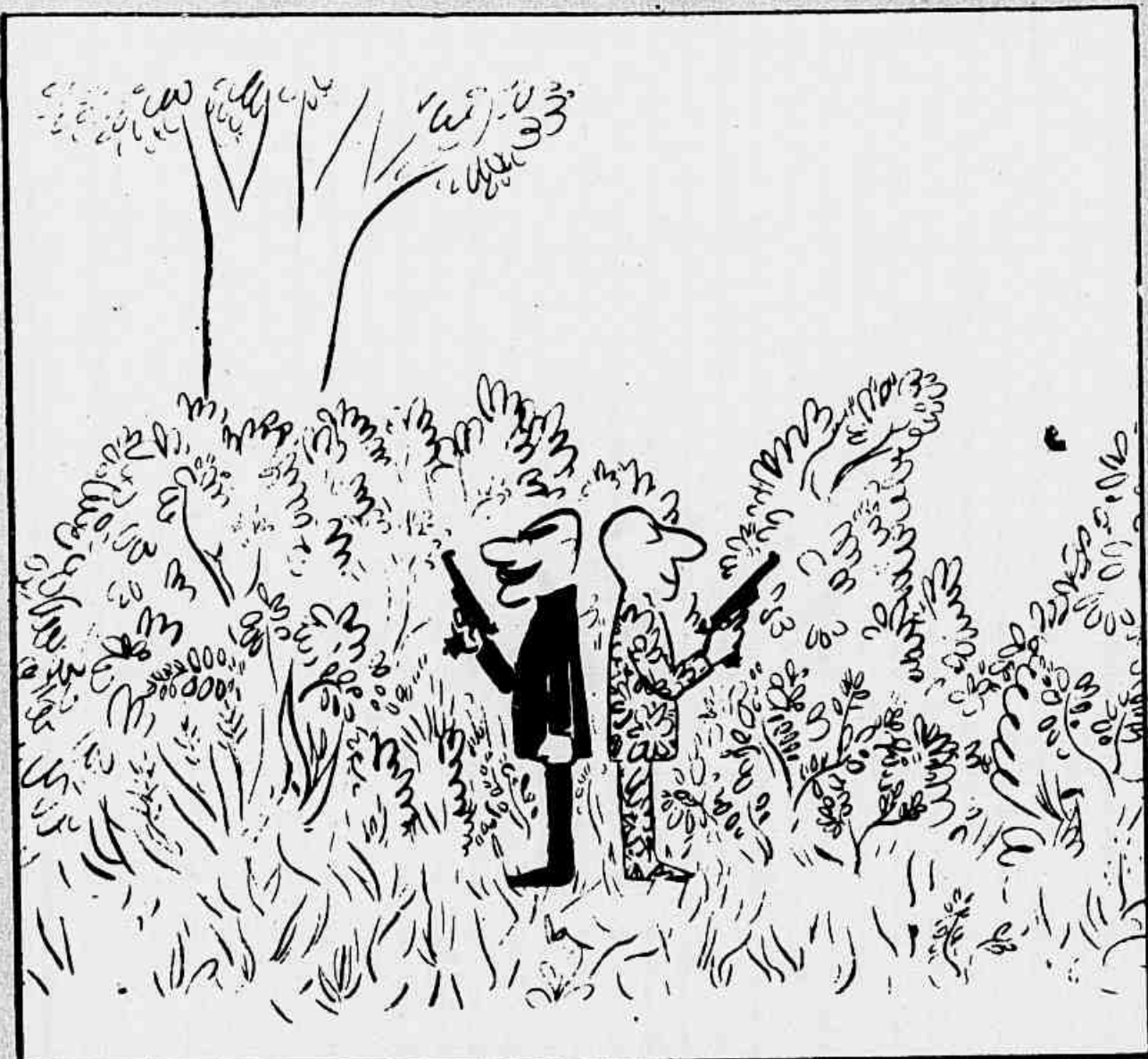
Agosto, 4	—	Péricles	—	Celina.
" 5	—	Sérvulo	—	Omara.
" 6	—	Paulo	—	Estefânia.
" 7	—	Artur	—	Irene.
" 8	—	Laércio	—	Marisa.
" 9	—	Carlos	—	Ivone.
" 10	—	Ney	—	Neusa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

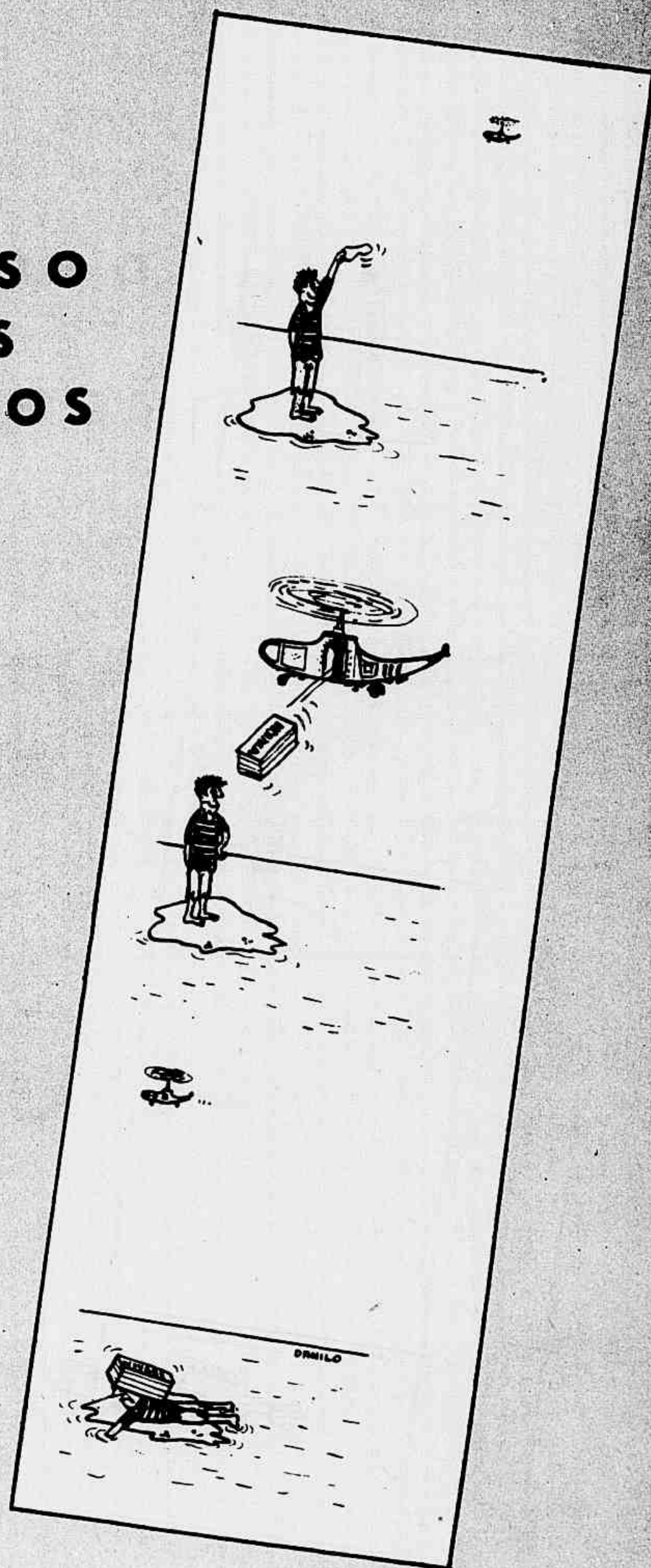
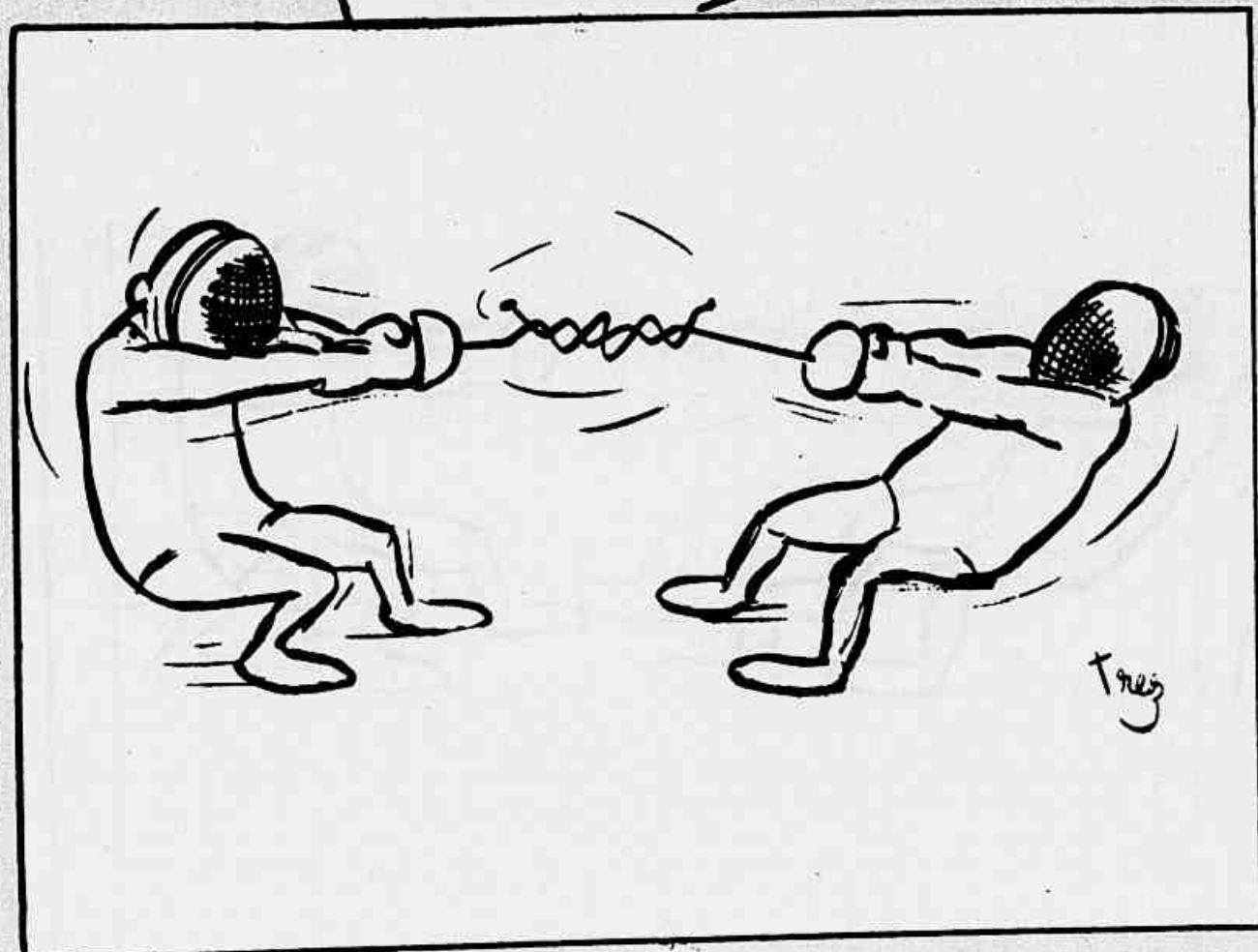
Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Agosto, 4	12°	3'	26"	(Signo do Leão)
" 5	13°	0'	56"	" " "
" 6	13°	58'	26"	" " "
" 7	14°	55'	58"	" " "
" 8	15°	53'	51"	" " "
" 9	16°	51'	4"	" " "
" 10	17°	48'	39"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.



O RISO DOS OUTROS



O METROPOLITANO DE LISBOA

A CAPITAL PORTUGUESA DISPORÁ, ATÉ FINS DO ANO VINDOURO, DA PRIMEIRA LINHA DE TRENS SUBTERRÂNEOS, UNINDO AS ESTAÇÕES DE ENTRE-CAMPOS E SETE RIOS ★ DEPOIS DE CONSTRUÍDA, PERMITIRÁ O TRÂNSITO DE SEIS MIL PASSAGEIROS POR HORA, EM DUAS PISTAS JÁ EM ANDAMENTO ACELERADO OS TRABALHOS, ENTREGUES A EMPRESAS E ENGENHEIROS PORTUGUESES

LISBOA, a bela e antiquíssima capital portuguesa, cuja população atual deve estar rondando a casa do milhão, e que desconhece o problema cruciante do tráfego, tal como no Rio de Janeiro e em São Paulo o conhecemos, disporá, dentro em breve, de um moderníssimo e luxuoso Metropolitano, que possibilitará a todos os lisboetas um método de condução rápido e cômodo, dispensando os antiquados bondes fechados e atenuando, imensamente, o movimento na superfície.

Já estão sendo atacadas, com decisão e firmeza, as obras da vasta rede subterrânea, e um primeiro escalão, compreendendo uma via dupla, saindo da Praça dos Restauradores — coração de Lisboa — e se dirigindo para a Praça Marquês de Pombal, de onde se bifurcará, futuramente, em dois ramais, num total de sete e meio quilômetros de túneis, deverá ficar apto a ser usado em fins do ano que vem, tal a rapidez do trabalho. Presentemente, operários e engenheiros portugueses já aprontaram cerca de um quilômetro de túneis subterrâneos, às vezes lutando com toda a espécie de dificuldades climatéricas.

Também ao longo da Avenida Antônio Augusto de Aguiar — outro ponto de referência da grande cidade lusitana — já estão sendo cavadas as obras, embora em ritmo mais lento, devido às dificuldades que o terreno apresenta. As escavações principiaram em agosto do ano passado, e já contam, por conseguinte, com cerca de um ano de constantes trabalhos. Isso porque os engenheiros e os empreiteiros contam entregar ao menos um grande trecho do «metrô» de Lisboa ao tráfego público dentro do prazo marcado para a sua conclusão, isto é, em fins do ano vindouro.

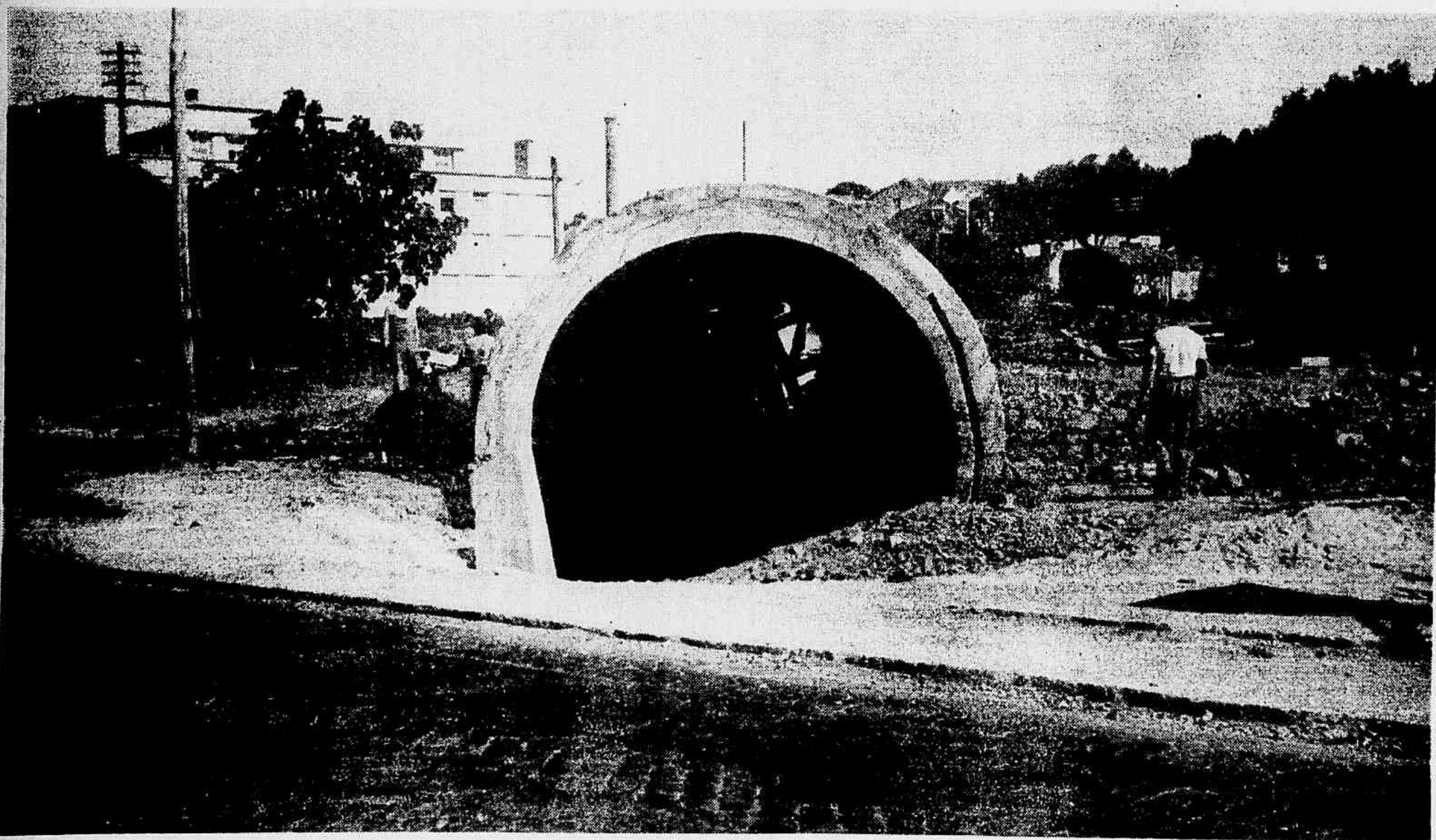
Para que tudo pudesse ser feito a tempo e a hora, e o ritmo das obras não sofresse um decréscimo, foi preciso que se instalasse, mesmo no recinto das escavações, uma Central de Fabrico de betão. Nada menos de 150.000 metros cúbicos de betão serão necessários para forrar o túnel que se estenderá da praça dos Restauradores à Praça Marquês de Pombal.

A medida em que se aproxima do fim o trabalho, no primeiro escalão, já se cogita em principiar a abertura de novos túneis subterrâneos,

em diferentes pontos da cidade. Atualmente, cerca de mil operários, em dois turnos de quinhentos, trabalham, dia e noite, na construção do «metrô». Quando porém for necessário, esse número poderá ser grandemente aumentado. Os operários atuais estão praticamente residindo nos limites da própria área a ser trabalhada, de vez que ali se criou um Bairro Operário, dotado de todos os requisitos de conforto.

Já se pensa igualmente na colocação dos trilhos e nas instalações elétricas do Metropolitano de Lisboa. Uma companhia francesa, a «Société Parisienne pour l'Industrie Elétrique de Paris», e outra inglesa, a «The General Electric Co. Limited», estão incumbidas desta parte da construção imensa. São as únicas firmas estrangeiras que nela tomam parte, de vez que a parte de engenharia, propriamente dita, ficou inteiramente a cargo de técnicos portugueses, e a parte civil da construção está entregue a duas sociedades também portuguesas, a «Opca, Ltda.» e a «Novopca, Ltda.»

A terra escavada vem sendo empregada em abrãs de terraplanagem que se estão a fazer em

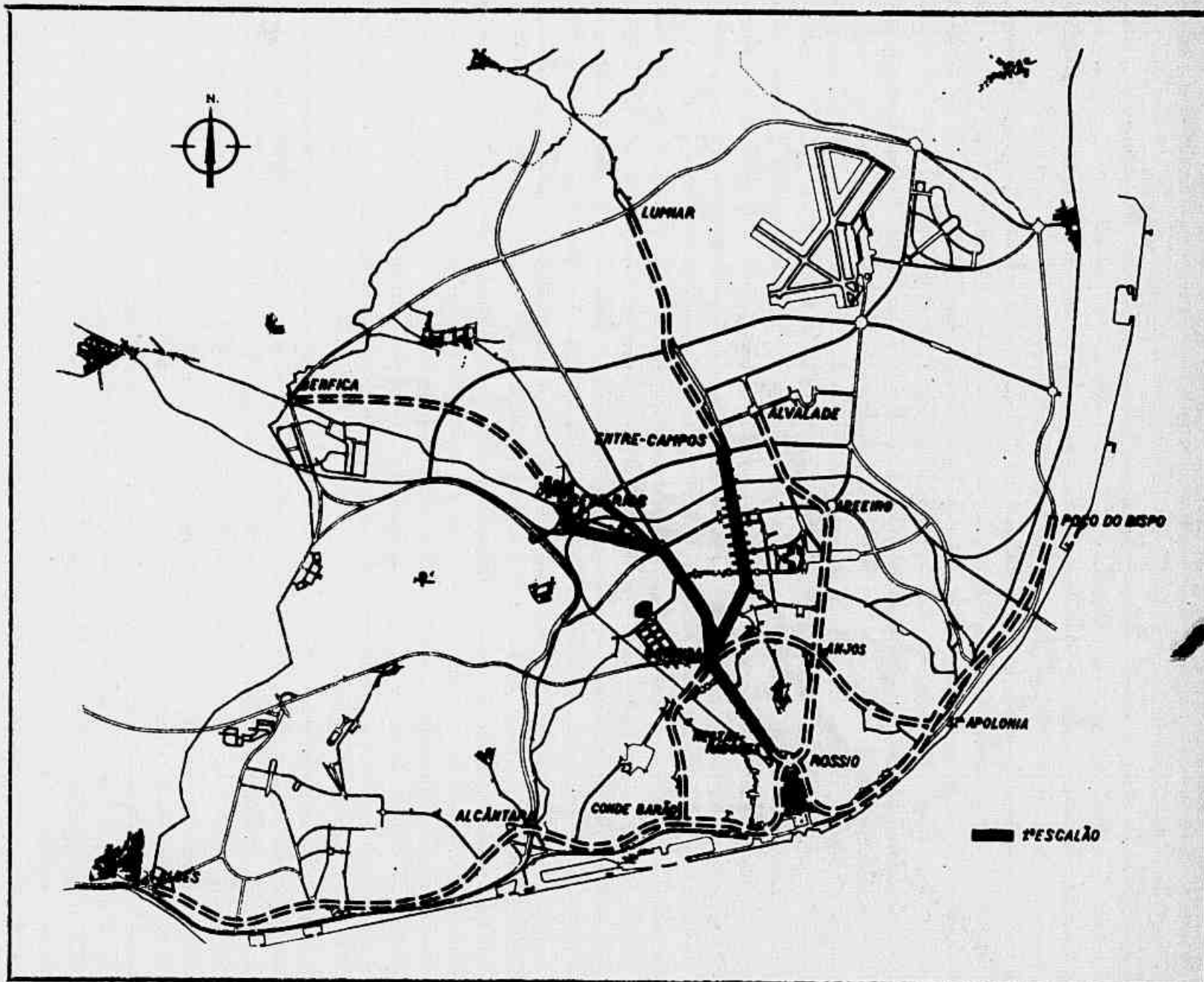


AS OBRAS do «metrô» já foram atacadas, e com disposição. Setecentos e oitenta metros de túneis á estão prontos, e os engenheiros portugueses encarregados da tarefa admitem que as duas pistas paralelas estarão prontas em alguns meses. A obra está orçada em cerca de cem milhões de escudos

tôda a cidade, que assim atenua, em parte, as despesas imensas que lhe estão custando os trabalhos do primeiro escalão da linha subterrânea — nada menos de cem mil contos de réis.

As composições do metropolitano de Lisboa estarão equipadas com motores de corrente contínua, alimentados por uma Central Elétrica já em construção, pela mesma firma, aliás, incumbida da manutenção elétrica do Metropolitano de Londres — um dos maiores do mundo, como se sabe: a «The General Electric Co. Limited». Cada vagão terá dezesseis metros de comprimento, e poderá transportar cerca de 180 passageiros, sendo que cem dêles em pé. Vinte e quatro de tais vagões estão sendo elaborados na Alemanha, pela fábrica de Salzgitter-Watenstedt, «Link-Hoffmann-Busch G.m.b.H.». O acesso ao interior dos vagões será feito por três portas automáticas, controladas pelo condutor. O trecho compreendido entre a Praça dos Restauradores e a Rotunda será feito em apenas dois minutos e vinte segundos. A ventilação e a iluminação nos túneis subterrâneos serão perfeitas. Também um perfeito sistema de sinalização será instalado nas várias linhas do «metrô», que não oferecerá, por conseguinte, àqueles que dêle se utilizarem a mínima periculosidade. Também estão previstos, nas várias estações, aparelhos telefônicos que possibilitem um contacto entre os encarregados da vigilância, em que pontos estiverem êles, com a sede central. O «metrô» de Lisboa não será profundo: apenas em um ou outro percurso, devido às dificuldades do terreno, as linhas estarão construídas através de túneis. Quase todo o trecho agora atacado, por exemplo, vem sendo construído por meio de valas, que depois serão cobertas. Talvez por isso o trabalho esteja indo tão rapidamente.

Seja como fôr, o que interessa é que a linda



ESSE É o plano original do Metropolitano de Lisboa, cuja primeira seção ficará pronta em fins de 1957. Lisboa, cidade de cerca de um milhão de habitantes, disporá de um «metrô» moderno e luxuoso, que acabará de uma vez com o problema da condução de seus habitantes.

capital cuja fundação é atribuída a Ulisses moderniza-se, ganha a cada dia novos melhoramentos, procura estar a par com o progresso da técnica e da ciência atuais. Seu metropolitano deixou de ser mero projeto nas gavetas, para

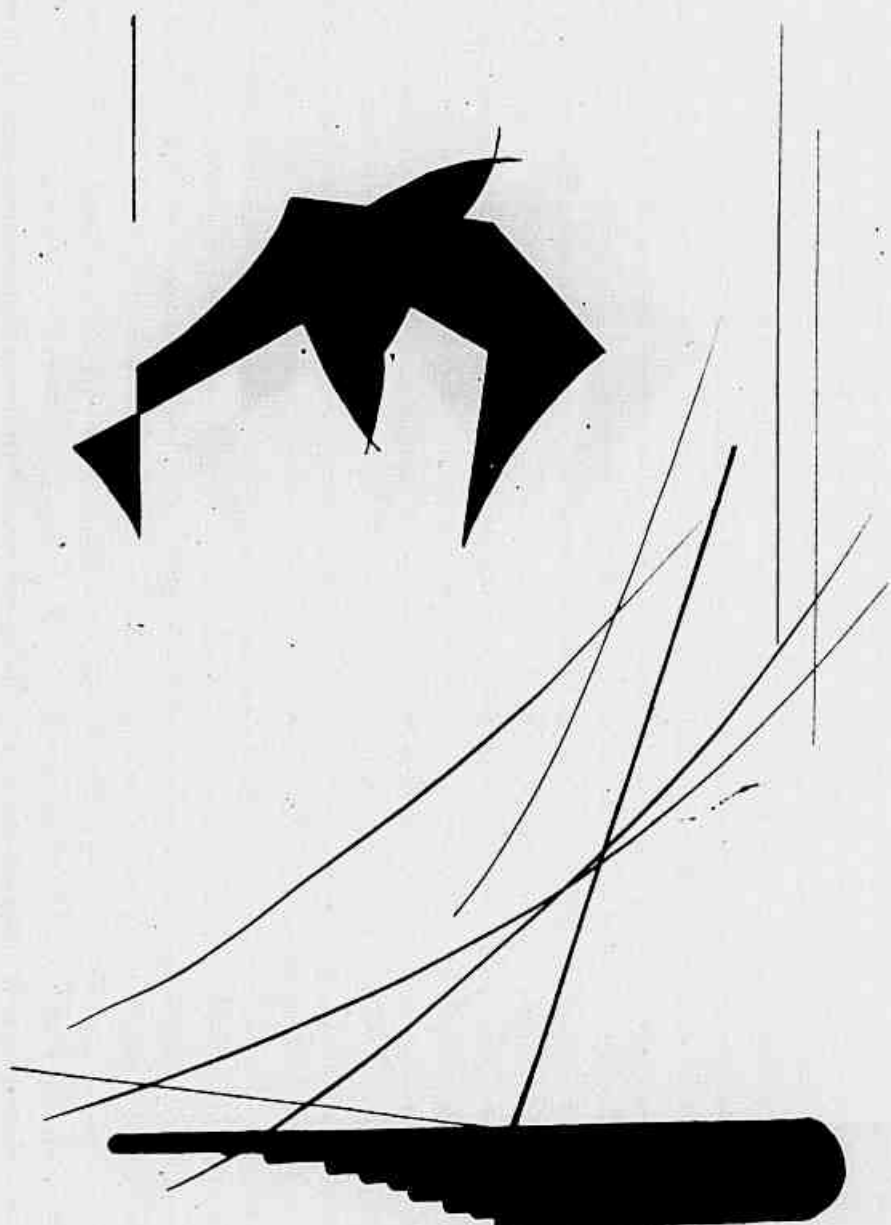
adquirir aparência real. Dentro de um ano ou dois, o lisboeta poderá utilizar as linhas subterrâneas agora em construção. Quando será que nós, cariocas, poderemos fazer o mesmo, no Rio?



ENTRADA DA PRIMEIRA seção do metropolitano de Lisboa, à Avenida Antônio Augusto de Aguiar. Muito menor do que o Rio de Janeiro, e sem conhecer o problema terrível da condução que os cariocas de há muito tempo experimentam, a capital de Portugal constrói o seu metropolitano.

Literatura e arte

J. R. TEIXEIRA LEITE



Exílio

*Tão simples o sono,
Inútil a vida.
Um barco no mar.
Um barco no mar,
E a ilha perdida.*

*Palmeiras curvadas
Bailado de abelhas.
Um corpo na relva
Um corpo na relva,
E gotas vermelhas*

*Além do horizonte.
Paisagem fatal.
O barco que volta.
O barco que volta,
Vazado a punhal.*

João Mesquita Filho (Desenho de Quaglia)

O CLUBE DOS DOZE

♦ EM SETEMBRO vindouro o Clube dos Doze, interessante associação de jovens poetas, atualmente dirigida por Edson Guedes de Moraes, completará um ano. O clube surgiu de um contacto mais íntimo entre doze vencedores do concurso semanal de poesia que o programa «Poesia Viva», de Geir Campos, mantinha pela Rádio Ministério da Educação. Doze vencedores que se chamavam: Ruth Maria Chaves, Marli Santos de Oliveira, Índia Rêgo, Mirtes Riberte, Lia Feitosa de Castro, Maria Teresa Wuillaume, Edson Guedes de Moraes, Alfredo Benvenuto, Albertus Marques, Jorge Cooper, Wilson de Alvarenga Borges e Ivo Barroso. O nome dado ao clube não tem porém sentido de delimitação: seus sócios são doze, presentemente, mas nada estatui que fiquem sendo os únicos componentes do grupo. Não há, propriamente, uma orientação poética, unificando os doze membros; porém, Garcia Lorca e Fernando Pessoa são duas tendências que encontram, no Clube dos Doze, ressonâncias. Lorca, em Ruth Maria Chaves, Pessoa, em Edson Guedes, por exemplo.

Os Doze escolheram um símbolo — um pássaro — que utilizam em todas as suas edições — edições que incluirão, proximamente: «O Silêncio e a Rosa», de Wilson Alvarenga Borges; «Dispersão», de Edson Guedes de Moraes; «Roteiro do Imaginário», de Alfredo Benvenuto da Silva; e «Mansos Acordes», de Mirtes Riberte. Também publicam um jornalzinho, «Fôlhas de Poesia» patrocinam conferências, e não faz muito lançaram uma campanha no sentido de ser dado a uma rua do Distrito Federal o nome do grande poeta (que foi também presidente da Câmara dos Vereadores) Jorge de Lima.



Livros em desfile

SILVA MELO acaba de publicar a quarta edição, bastante aumentada, de seu livro clássico, «Alimentação, Instinto e Cultura», obra em que não se sabe o que mais admirar, se a encantadora fluência do estilo, se a competência do cientista. São dois grossos volumes, nos quais se estuda, até à minúcia, uma série de temas de oportunidade imensa, verdadeiras «perspectivas para uma vida mais feliz», como afirma o próprio Silva Melo, no subtítulo da obra. Alguns dos capítulos da obra: «A Imensidade do Universo e a Insignificância do Homem, etc.»; «O Instinto e a Razão, sua Influência sobre a nossa vida e a nossa Saúde, etc.»; «O vegetarianismo desde a antiguidade até nossos dias, etc.»; «As bebidas alcoólicas e a sua descoberta por todos os povos, desde os tempos mais primitivos, etc.»; «O efeito do jejum sobre o corpo e o espírito, etc.»; «O papel do Homem no Universo, etc.». São, ao todo, vinte e quatro longos capítulos, seguidos por completíssimo índice remissivo, pacientemente elaborado. A obra de A. da Silva Melo é um

livro de ciência, que se lê como se se tratasse de um maravilhoso romance. Verdadeira enciclopédia da vida e da difícil arte de viver (Livraria José Olympio Editôra, 4ª edição, dois volumes. Rio de Janeiro, 1956. 901 páginas).

O SERVIÇO de Documentação do D.A.S.P. vem de publicar, em sua série de «Ensaio de Administração», uma «Pequena Introdução ao Estudo do Comércio Exterior do Brasil», de autoria de Olímpio de Souza Andrade. O tema não poderia ser mais interessante, ou oportuno (D-ASP, S.D., 1956, 87 páginas).

NA COLEÇÃO «Lindolfo Collor», do Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho, dirigido por Joel Silveira, acaba de aparecer «Elementos de Bibliologia», do argentino J. Frédéric Finó, na versão portuguesa de Sílvia do Vale Amaral. É um livro valioso para bibliotecas e para todos aqueles que lidam com livros (Serviço de Documentação do MTIC, 1955, 326 páginas).

REMBRANDT E O MUNDO INTERIOR

♦ A QUINZE de julho de 1606, em Leyden, Holanda, Rembrandt van Rijn via pela primeira vez a luz do mundo. Usamos propositalmente a expressão **ver a luz**, em relação a Rembrandt, porque ninguém, como Rembrandt, soube vê-la, compreendê-la e utilizá-la, plásticamente. Há, no grande artista, em sua vida que se estendeu por sessenta e três anos, dois períodos perfeitamente distintos, embora iguais em extensão: cerca de trinta anos para cada um. O primeiro está cheio de felicidade, e presencia seu casamento com Saskia van Uylenburgh, o aparecimento de obras como «A Lição de Anatomia do doutor Tulp», de 1632, mesmo o início de uma razoável fortuna. É o momento dos infinitos retratos de Saskia, dos retratos encomendados pelos poderosos da terra, época de franco triunfo, em suma. A continuar nesse rumo Rembrandt será mais um pintor holandês, entre as dezenas de paisagistas e retratistas que infestavam, então, as vielas e os becos de Amsterdã.

Saskia morre, porém. E a clientela principia a perceber, nas telas do artista, qualquer coisa de estranho, a que não estava acostumada. É a segunda fase, que agora se inicia. Fase que durará até ao último dia da vida de Rembrandt. Os homens do capitão Frans Bonnicks Cocs haviam encomendado ao pintor uma grande tela — a «Ronda», hoje no Museu de Amsterdã. A obra está pronta, mas não estão contentes. Pediram um grupo onde se pudessem reconhecer, apontar-se uns aos outros, e o artista lhes mostrava, como resultado de sua labuta, uma obra misteriosa, que de modo algum aceitariam. A clientela afasta-se pouco a pouco. E começa, para Rembrandt e para o filho Titus — o único que lhe restara do casamento com Saskia — uma vida de privações.

A partir de 4 de dezembro de 1657, está na mais completa miséria: seus bens são penhorados, os móveis confiscados, os livros, tudo. E é esmagado pela dor e pela decepção que realiza suas melhores, mais perfeitas obras: «São Mateus e os Anjos», em 1661; «O Síndico», no ano seguinte; a «Noiva Judia», em 1668, e «A Volta do Filho Pródigo», em 1669.

Em 1663, Hendrickje Stoffels, criada com quem Rembrandt se unira em 1649, falece, deixando-lhe uma filha, Cornélia; cinco anos após, é a vez de Titus. Sôzinho totalmente, arruinado, desprezado, Rembrandt não tarda em segui-los: a 4 de outubro de 1669, cerca de um ano após a morte do filho, Rembrandt desaparece, deixando-nos um legado artístico de valor inprecável.

TÉCNICA DE REMBRANDT. JUÍZO PSICOLÓGICO

«Comme si leurs corps n'étaient qu'une lanterne transparente, laissant voir la flamme qu'el-

le contient, on devine, à travers leurs traits, le feu interne qui les fait agir, les désirs qui les émeuvent, les passions qui les tourmentent, en un mot: c'est le caractère de chacun d'eux qu'on aperçoit sous les touches colorées qui les représentent; et chacun de ces caractères est si essentiellement humain qui, tant que l'humanité pourra contempler ces pages merveilleuses, elle s'y reconnaîtra avec une émotion indiscutable». Essas palavras, do crítico e historiador Henri Havard (1), bem traduzem a arte sutil de Rembrandt. É aliás um depoimento de alto valor histórico, de vez que em 1881, quando veio a lume a obra de Havard que o contém, a arte de Rembrandt ainda encontrava seus detratores. Fromentin, Burckhardt, muitos outros, em pleno século XIX, lhe negavam qualquer mérito. O pleno reconhecimento do valor do artista de Leyden é relativamente recente: menos de cem anos, sendo que os cinquenta iniciais ainda cheios de controvérsias.

Falemos, porém, sobre a técnica de Rembrandt. O holandês está mais impressionado pela luz e por seus problemas, que pela cor, já o disse Cogniat (2). Influência, talvez, de Caravaggio, por quem desde o início de sua carreira Rembrandt manifestou grande admiração. Com a sua individualidade, porém, Rembrandt dominou o que havia de exuberância, na arte do italiano. Para dominar o caráter dramático de Caravaggio, adotando suas lições mas repudiando-lhe os excessos meridionais, Rembrandt deve ter sido auxiliado por sua religiosidade pudica e recatada. Com efeito, segundo Selden Rodman (3), Rembrandt foi Menonita, seguia os ensinamentos de Meno, o qual tentava uma purificação, uma depuração, do Cristianismo, buscando reencontrar a pureza antiga da religião de Cristo. Talvez por isto, a arte de Caravaggio, pagã, sadia, não sustente a nossa entender, um confronto com a arte infinitamente mais profunda de Rembrandt, para o qual um boi esquartejado, um elmo reluzente, qualquer objeto de uso quotidiano, adquire certa religiosidade cheia de emoção e mistério. A luz não é para Rembrandt um recurso dramático, como foi para Caravaggio: é apenas uma maneira de o homem traduzir o seu íntimo.

Em pinceladas amplas e nervosas, Rembrandt cobria a superfície da tela, lançando mão sobremodo do claro-escuro, que utilizou como ninguém. Como bem afirmou Rodman, o personagem central da «Ronda Noturna» é... a luz. Aliás, esse recurso do claro-escuro rembrandtiano pode melhor ser observado nas inúmeras gravuras que, desde os vinte anos, não cessou de realizar.

Ponte entre o visível e o invisível, assim define Huyghe a obra de Rembrandt (4), surpreendendo-lhe, com raro faro psicológico, o pendor pelo tema do homem de idade mergulhado em



O Síndico dos Tecelões (1662)

meditações. Ou é Aristóteles, tendo diante de si o busto de Homero, ou o próprio poeta da Ilíada, ou ainda Tobias, São Mateus, São Tiago... Não há fauna ou flora, na pintura e na gravura de Rembrandt. Em compensação, nelas abundam estofos, candelabros, todo um mundo de alegorias noturnas; metais reluzentes, espelhos, destinados a refletir, a brilhar no meio das trevas. Trevas que, nas obras derradeiras do artista, ameaçam levar a melhor. A luz concentra-se em um só ponto, tal como na gravura que mostra o «Doutor Fausto», de 1650. Do fundo da escuridão, porém, os olhos do «Auto-Retrato» (executado em 1660) brilham intensamente: estão voltados para o invisível, contemplam, face a face, o mistério que Rembrandt tanto perseguiu, em vida, e que soube, melhor do que qualquer outro, traduzir em obras de perfeição inextinguível.

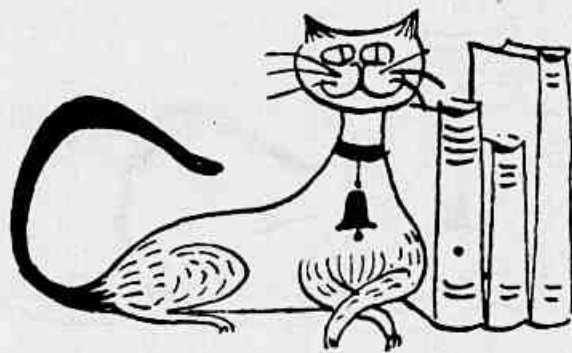
NOTAS:

- (1) Henri Havard — «Histoire de la Peinture Hollandaise» — Paris, 1881. Estudo sobre Rembrandt, páginas 74-94.
- (2) Raymond Cogniat — «Histoire de la Peinture», Fernand Nathan, Paris, 1954, primeiro volume, páginas 155-157.
- (3) Selden Rodman — «The Eye of Man», New York, 1955. Estudo sobre Rembrandt («Rembrandt: the World Within»), páginas 60-64.
- (4) René Huyghe — «Dialogue avec le Visible» — Paris, 1955. Estudo sobre Rembrandt, («Attirance de l'Invisible»), páginas 300-304.

♦ NA SÉRIE «Biblioteca de Divulgação Cultural», iniciada com «Prêto & Branco», de Augusto Meyer, e «A Expressão Dramática», de Rugero Jacobbi, pretende editar o Instituto Nacional do Livro, dentro em pouco: «Biografia Crítica das Letras Mineiras», de Waltensir Dutra e Fausto Cunha; «Da Liberdade de Criação Artística», de Antônio Rangel Bandeira, «Ensaio sobre Gregório de Matos», de Maria de Lourdes Teixeira; «Ensaio Filosófico», de Euríalo Canabrava; «Contribuição à História do Cinema Brasileiro», de Alex Viana, e «Um Ensaio sobre Folclore», de Inesita Barroso. Por sua vez, a «Revista do Livro» (3º e 4º números) deverá circular em fins de outubro.

♦ RAUL LIMA, num dos últimos números do suplemento dominical do «Diário de Notícias», sob o título «Conversa do Redator», pergunta como estão achando os leitores o novo formato e apresentação do suplemento. Por nossa parte, julgamos excelente a nova forma. Bem paginado, cheio de vida, contendo ótima colaboração, é decerto o melhor suplemento literário da cidade, presentemente.

NOTAS & INFORMAÇÕES



♦ MAGALHÃES JÚNIOR autografou, na Livraria São José, seus últimos livros, para um grupo numeroso de amigos e admiradores. A cerimônia, que foi irradiada, foi mais uma iniciativa de Carlos Ribeiro, que nos últimos tempos é uma das mais ativas forças culturais de que dispõe a cidade.

♦ LUIS SANTA CRUZ está escrevendo uma História Literária do Diabo. Será algo no tipo do livro de Papini?

♦ O SUPLEMENTO literário dos sábados, da «Tribuna da Imprensa», que possuía duas páginas, foi agora reduzido à metade. Que foi que houve, sr. Baciú?

♦ A LIVRARIA Martins, de São Paulo, deverá lançar por esses dias os dois primeiros volumes das Obras Completas de Marques Rebelo, «Marafá» e «Cortina de Ferro». Rebelo partirá para São Paulo breve, a fim de autografar alguns volumes.

♦ WALDEMAR CAVALCANTI é o novo redator-chefe de «Jornal de Letras», cujo número 85 está à venda. Aliás, no presente número Tasso da Silveira publicou um comovente poema, «Soldado Ferido», que termina assim: «Que silêncio noite enfora... Já não vejo mais ninguém».

À VENDA EU SEI TUDO

DE AGÔSTO

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

A MINHOCA SALVADORA DA HUMANIDADE

EXISTEM OS VENUSIANOS?

O SOL A SERVIÇO DO HOMEM

PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa

CORREIO DA "REVISTA"



Benjamim Vargas



Ivete Vargas

Recebemos a carta seguinte, do Senador Lourival Fontes:

Rio, 19 de julho de 1956.

Sr. Coelho de Souza
REVISTA DA SEMANA
Nesta

Lendo a publicação da entrevista que lhe concedi e que saiu no último número da «Revista», quero declarar que na referência feita à Vargas, houve uma totalidade que me apraz contestar.

Na enumeração, não podem estar incluídos velhos e bons amigos, como o sr. Benjamim Vargas e a deputada Ivete Vargas.

Na leitura prévia que fiz da citada entrevista, passou-me despercebido esse detalhe (que ganhou maior importância, figurando como manchete) e em homenagem à verdade, desejo fique bem esclarecido, pedindo a publicação desta.

Subscrevo-me cordialmente.

(a) LOURIVAL FONTES — Senador Federal

A BOLA DE FUTEBOL

(Continuação da página 51)

Levantou-se e veio cumprimentar-me. Corei, e a palavra não me saiu da boca.

— Que aconteceu, rapaz? Perdeu a língua?

Indicou-me uma cadeira. Só então pude falar:

— Eu... Eu vim devolver a bola e pedir muitas desculpas...

Riu de minha perturbação e deu outro rumo à conversa. Indagou da oficina, se eu ia bem no serviço, quanto ganhava. Tratou-me com tanta amabilidade, que cheguei a supor me fosse dar a bola de presente. Vã esperança! Ele a recebeu e largou num canto.

— Venha cá amanhã comer uns doces! Vamos dar uma festinha!

Tive pressa em sair dali e despedi-me. Enquanto ele ficasse presente e me visse, eu não correria o risco de ser atacado. Em seguida, o sr. Matias entrou na sala. Parei, sem saber que rumo tomar. Eu conhecia mais ou menos a fazenda. Temendo que alguém me estivesse a esperar de emboscada, na volta, guiei por uma congosta que ia ter num riacho. Depois, seguiria pelo pasto, sem perigo. Não saiu como planejei. De início, um cão enrodilhado à beira da cerca assustou-se com a minha presença, pôs-se a latir e eu tive de correr.

Esqueceu-me que pouco adiante havia um caramanchão atopetado de heras e parasitas, onde crianças costumavam ficar. Quando me lembrei disso, encontrava-me tão perto dele que não pude desandar o caminho. Juquita estava ali, não com os amigos, mas com suas irmãs Mariana e Nilza, que brincavam de "casinha" com grande boneca de louça num berço de madeira envernizada, e faziam "comidinha" num fogão de lata.

Passei de olhos fincados no chão. Juquita gritou:

— Quero a minha bola!

— Ladrão, ladrão! gritaram todos em algazarra.

Eu fui um contempador das leis moral e religiosa e merecia a pecha. Certa vez ouvi a minha mãe dizer que o furto não é tão grave quando praticado em benefício da conservação da vida. Ainda que eu ficasse com a bola, Juquita teria quantas quisesse, e isso amenizava o meu feio procedimento.

Eu precisava controlar-me e piquei o passo. Não contentes com os insultos, atiraram-me cacos de telha, e um me fez galo na cabeça. Imediatamente quis sacar do estilingue, mas temi usá-lo. Furioso, meti-me no meio deles, dei um empurrão em Juquita e, enquanto ele se amparava numa viga para não cair, chutei a boneca, o fogão e tudo ficou de pernas para o ar. Juquita atarracou-me e rolamos na terra. As meninas, em vez de correrem a pedir socorro, pegaram umas varas finas de bambu e sem piedade me açoitaram as costas. Eu insensível esmurrava o meu adversário.

A briga durou pouco. Um colono viu-nos e correu a apartar-nos. Juquita tinha o nariz ensangüentado e eu, o lombo coberto de vergões.

Voltei para casa claudicando. Meu pai saiu de automóvel com Alberto e a noiva para visitarem um nosso parente, numa cidade vizinha. Minha mãe logo me percebeu o andar forçado, achou-me as orelhas vermelhas demais.

— Está doente, Milton?

Obrigou-me a contar-lhe tudo.

Com efeito, meu filho, você fazer isso, justamente quando Alberto está em casa e lhe trouxe uma bola! Ele não deve saber de nada, porque pode ficar muito zangado e castigá-lo...

Em seguida, ela me fez tomar um banho quente e passou-me salmoura no corpo. Doeu tanto e quase chorei.

A noite, antes de dormir, abri temeroso as malas de Alberto. Encontrei a bola de capotão. Seria para mim, de verdade? Desta vez não me trouxe nada de São Paulo! Mas, porque não me deu logo que chegou? Teria sido esquecimento? Andava com a cabeça no ar por causa da noiva... Para mim, que esperei tanto, que eram mais alguns dias?

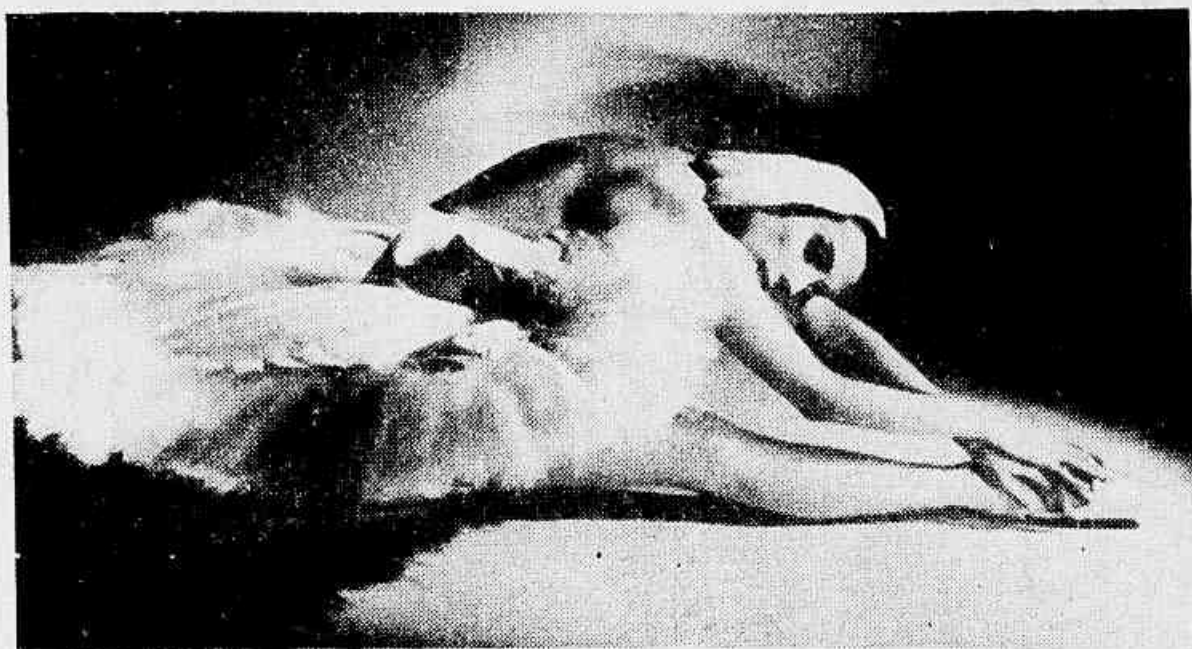
A bola saltou em minha imaginação a noite toda, num campo de gramas e traves novinhas, uma bola que eu podia chutar sem receios, dia, mês e ano.

Na manhã seguinte, desci da cama, ainda de corpo ardendo, pedi a bênção a meu pai e cumprimentei o mano. Tomavam café e conversavam na cozinha. Ao tanque, a lavar o rosto, demorei-me o bastante para ouvi-los. Alberto foi ao quarto e voltou com a bola embrulhada em papel de seda branco.

Segui os seus movimentos, querendo sorrir, ansioso. Ele me olhou indiferente, despediu-se de meu pai e disse-lhe que tencionava passar o dia todo na fazenda.

A porta da rua, acrescentou fleumático:

— Eu comprei esta bola para Milton. Como ele já tem uma, vou dá-la de presente a Juquita, porque hoje é seu aniversário. Creio que ficará tão contente...



A DESPEDIDA DE TOUMANOVA

◆ Em sua sétima programação desta temporada, ABC e Pró-Arte apresentaram Tamara Toumanova, tendo ao seu lado o primeiro bailarino do «ballet» Montecarlo, Wladimir Oukhtomsky. Os números selecionados não tiveram maior interesse. Todos escolhidos a dedo para impressionar mais pelo sempre bem recebido virtuosismo do que pelo valor intrínseco. E' que a expressão simbólica da maior parte dos lances coreográficos, acha-se, em geral, além da capacidade apreensiva do grande público. Eis a razão porque este demonstra suas preferências, às vezes de maneira entusiástica, subordinando, assim, a escolha do programa ao seu gosto, que nos parece injusto, inhumano, mas não absurdo.

Iniciou-se o espetáculo com o «ballet» «L'Epique Romantique», de Chopin, um arranjo sem grande valor, compreendendo dois Noturnos, um Estudo e uma Mazurka. Com coreografia da própria Toumanova, é uma infeliz concepção. Mediocre em seu estilo valseta e de uma vulgaridade que se confunde perfeitamente com os ondulados vaivéns dos Strauss de Viena, esse «ballet» não merece maiores comentários. E como não podia deixar de ser, os dois bailarinos saíram-se às mil maravilhas. Seguiu-se o «Pas de Deus» da suite «Quebra Nozes» de Tchaikowsky, com coreografia de Ivanov-Petipa, número já bastante conhecido do nosso público, mas sempre agradável. Toumanova demonstrou que conserva sua excelente forma. E Oukhtomsky sempre seguro.

Na interessante «Mazurka» de Lalo, o «partner» de Tamara Toumanova expandiu sua agilidade e equilíbrio dentro da magnífica concepção coreográfica de Serge Lifar, imprimindo, todavia, uma maior dose de masculinidade. Mas o ponto alto do espetáculo foi a já apresentada e re-apresentada «Morte do Cisne» de Saint-Saens. Não se pode falar no repertório de qualquer bailarina, grande ou pequena, em que esse «ballet» de Michel Fokine não esteja incluído. E realmente o merece. Todas as suas linhas convergem para um único conceito de dança: expressão, e expressão no sentido mais puro, dentro das limitações do movimento clássico. E Toumanova integrou-se em sua força comunicativa, demonstrando um profundo entendimento desse conceito.

Por último, tivemos a suite do «ballet» Dom Quixote de Minkus, obra mundialmente popular, mas que nos parece simplesmente vazio. Nada mais do que um mero arranjo técnico, uma espécie de estudo coreográfico, sem grandes pretensões.

NOTÍCIAS

O jovem tenor lírico Onofre Schettini deu, no dia 23 de julho, no auditório da ABI, um recital de canto, quando interpretou obras de Haendel, Scarlatti, Gluck, Mozart, Respighi, Vila-Lobos, Lourenço Fernandes, e outros.

x x x

Noticia-se de Tanglewood que o maestro Eleazar de Carvalho voltou a ocupar este ano, a Cadeira de Regência no Berkshire Music Center, cargo que já desempenhou nos tempos do maestro Serge Koussevitzky. Eleazar regerá diversos concertos com a Orquestra Sinfônica de Boston, por ocasião do mundialmente famoso «Berkshire Festival».

x x x

Prosseguindo a sua temporada para o quadro de sócios, a Orques-

tra Sinfônica Brasileira realizou, no dia 21 de julho, no Teatro Municipal, o 10º concerto da presente estação. A direção esteve a cargo do maestro Lamberto Baldi, que contou com a colaboração do pianista Ivi Improta, na execução do «Concerto em Ré Menor» para piano e Orquestra de Mozart. Completaram o programa obras de Manuel de Falla e de Wagner.

x x x

Encerrou-se o Concurso Internacional de Piano Rainha Elisabeth da Bélgica. O grande prêmio de interpretação coube ao jovem pianista russo Wladimir Askenazy, que recebeu do público e da imprensa de todo o mundo os maiores elogios.

O uso do cheque proporciona

CONTRÔLE — SEGURANÇA — EFICIÊNCIA

ABRA UMA CONTA NO

**BANCO FINANCIAL
NOVO MUNDO S. A.**

Enderêço Telegráfico: «MUNBANCO»

MATRIZ: Rua do Ouvidor, 71/73 — Caixa Postal 919 — Telefone: 52-2010 — Rio de Janeiro.

AGÊNCIA: Rua Figueiredo Magalhães, 22 — Telefone: 37-9399 — Copacabana.

AGÊNCIA MEIER: Rua Dias da Cruz, 170 — Loja 1.

FILIAL: Rua João Bricola, 37 — Caixa Postal 8159 — Telefone: 32-6121 — São Paulo.

AGÊNCIA: Rua 15 de Novembro, 142 — Telefone: 2-5110 — Santos.

UM NOVO
tratamento

eficaz e rápido
complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e melanina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
E/C: Rua Santa Luzia 793-13º - fone 220902 - Lab. Alim. São Bento 9087-Niterói



★ AUTOMOVEIS — Mil — ACESSÓRIOS ★



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066

NOVAMENTE UMA
NORTE AMERICANA



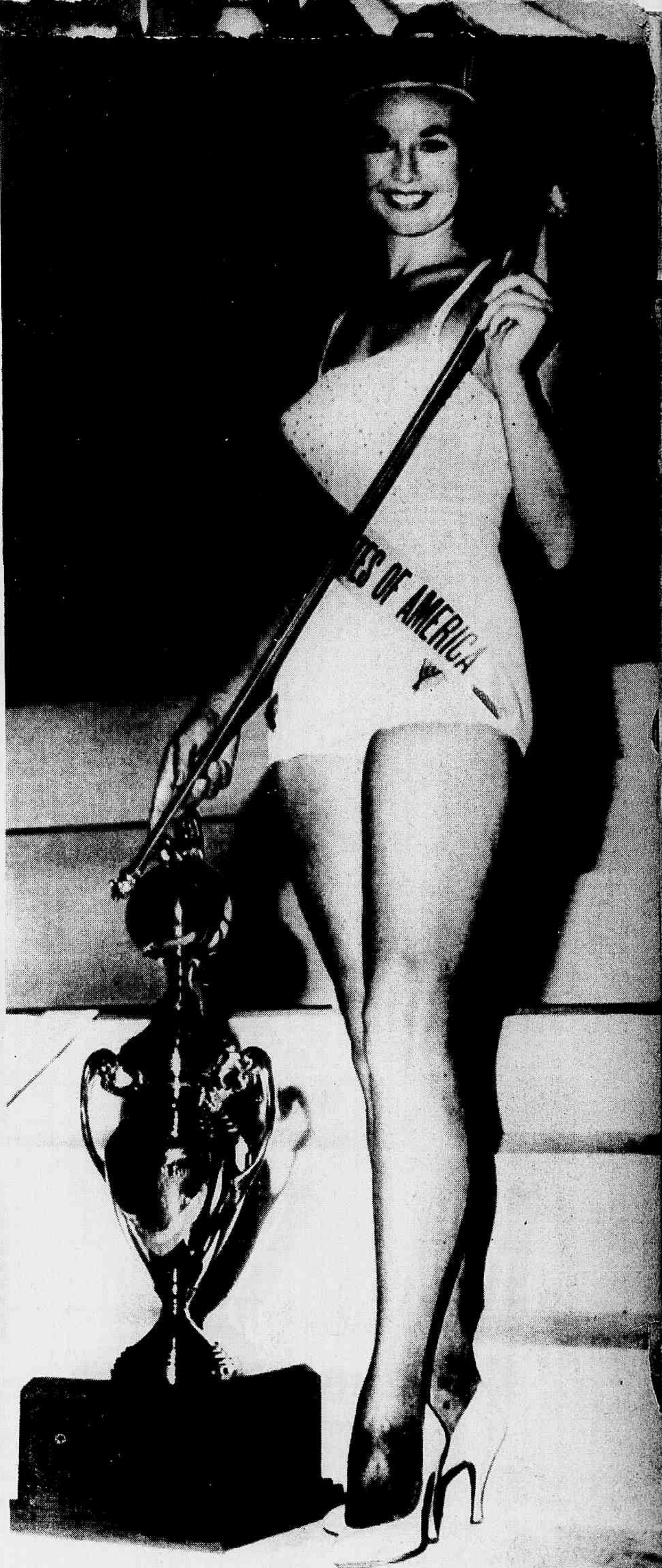
MISS UNIVERSO — 1956

PARECE QUE AS LATINO-AMERICANAS NÃO TÊM MESMO VEZ EM LONG-BEACH ★ PROTESTOS QUASE GERAIS SE ELEVARAM, AO SER CONHECIDO O NOME DAS CINCO FINALISTAS
★ UMA FRASE OPORTUNA DA MÃE DE MISS CUBA E UMA CONCLUSÃO BASTANTE MELANCÓLICA

CAROL MORRIS, de vinte anos de idade, Miss Estados Unidos, é, desde há alguns dias, a Miss Universo de mil novecentos e cinquenta e seis. É morena clara, possui olhos azuis, e suas medidas são: altura, 1,72m; busto, 90; cintura, 62; e quadris, 90. Como vêem, um conjunto harmônico, nada desprezível. Carol foi selecionada entre muitas outras candidatas norte-americanas para representar o seu país no tradicional certame que tem como cenário Long Beach. Veio do longínquo Iowa, e desde que chegou atraiu as atenções gerais. Num primeiro escrutínio, o Júri de Seleção de Miss Universo 1956 escolheu quinze semi-finalistas: a própria Carol Morris, e mais Misses Argentina, Bélgica, Brasil, Cuba, Inglaterra, França, Alemanha, Grécia, Israel, Itália, México, Peru, Suécia e Venezuela. Numa triagem posterior, ficaram apenas cinco finalistas: Misses Itália, Inglaterra, Suécia, Alemanha e Estados Unidos. Após terceira reunião, o resultado do Júri apontava Carol Morris, Miss Estados Unidos, como vencedora; Marina Perschell, Miss Alemanha, em segundo lugar, e nas colocações subseqüentes, Miss Suécia, Ingrid Goude, Miss Inglaterra, Iris Waller, e Miss Itália, Rossanna Galli. Ao ser conhecida a decisão dos juizes, ecoaram manifestações de desagrado, de parte de diversas candidatas latino-americanas, as quais se julgaram, e com toda a razão, injustiçadas. Miss Inglaterra, colocada em quarto lugar, também achou que, entre as candidatas da América Latina, havia pelo menos três que mereciam ter sido classificadas entre as cinco finalistas. Enfim, são coisas que geralmente acontecem.



A NOVA Miss Universo, Carol Morris, em três atitudes: pouco após ser proclamada Miss Universo de 1956, sentada no trono e com os adereços de sua condição; comunicando aos pais sua vitória retumbante, e numa pose especial, tendo ao lado a enorme taça que por direito lhe coube. Carol tem vinte anos, é morena de olhos azuis.



AS LATINO-AMERICANAS FORAM A LONG-BEACH PARA DISPUTAR O TÍTULO OU FAZER NÚMERO !



AS CINCO finalistas do Concurso Miss Universo posam para os fotógrafos: Iris Waller, Miss Inglaterra; Marina Oerschell, Miss Alemanha; Carol Morris (Estados Unidos), Miss Universo; Ingrid Goude, Miss Suécia; e Rossanna Galli, Miss Itália. As latino-americanas sobraram todas.



DAS QUINZE semi-finalistas ao título de Miss Universo, nove eram de raça latina; três, saxônicas; uma escandinava, uma israelita e uma helênica. Veio a segunda seleção, e então foram excluídas: OITO latinas, uma israelita e uma helênica. Coincidência, ou puro preconceito? O certo é que havia jovens representantes de países latino-americanos que mereciam sorte melhor, e que foram desprezadas. Medidas semelhantes contribuem para a desmoralização de um certame, cuja finalidade é escolher a mais bela jovem do universo, mas que, inexplicavelmente, em cinco anos de existência, vem porfiando em classificar para os primeiros postos jovens pertencentes sempre às mesmas nações. Razão tinha a progenitora de Miss Cuba, ao excluir, após os resultados: «Penso que, daqui por diante, não devemos mais enviar moças cubanas ao certame...» (Fotos U.P. e I.N.S.).

TRES TIPOS de beleza: Rossanna Galli, Miss Itália; Marina Oerschell, Miss Alemanha, e Ingrid Goude, Miss Suécia. Todas três se classificaram.



EIS AS QUINZE semi-finalistas do Concurso Miss Universo de 1958: de cima para baixo, e da esquerda para a direita, aparecem Miss Argentina, Ileana Carre; Bélgica, Lucienne Auquier; Brasil, Maria José Cardoso; Cuba, Marcia Rodriguez; Inglaterra, Iris Walker; França, Anita Treyens; Alemanha, Marina Oerschel; Grécia, Rita Gouma; Israel, Sara Tal; Itália, Rossanna Galli; México, Erna Bauman; Peru, Lola Saogall; Suécia, Ingrid Goude; Estados Unidos, Carol Morris, e Venezuela, Blanca Heredia.

0

meu maior desejo quando criança era possuir uma bola que não fôsse de meias velhas nem de borracha, mas de câmara de ar, grande e pesada, que a gente chutasse com prazer, embora os dedos ardessem muitos dias. Nunca tive coragem de pedir a meu pai. Dava sempre o que entender a Alberto, meu irmão mais velho, que trabalhava em São Paulo; nas férias, trazia bolinhas de gude e carrinhos de madeira para mim e Reinaldo, o caçula. O que valia entre a gurizada era saber «driblar», ser um craque, e

causava inveja quem possuísse uma bola de capotão, difícil de encontrar-se nas vendas do lugarejo.

O futebol não me era simples brinquedo infantil, mas uma quase obsessão. Chegou-se a dizer que nasci predestinado a tornar-me um Leônidas da Silva; porém aquele pontapé, três anos depois, na disputa entre o nosso quadro e o do alto da cidade, pôs termo à minha carreira, quebrando-me a perna direita.

Além de nossa casa, no fim de uma rua, seguia a estrada contornando um monte; mais ao longe avistava-se o campo de futebol, gramado, de traves e grades novinhas, da fazenda do sr. Matias. Aos domingos havia partida entre os meninos dali; uns de chuteira, outros de sapatos e a maioria de pés no chão, calças arrepanhadas à altura da canela direita. A bola era de capotão, a única da redondeza, pertencente a Juquita, filho do sr. Matias.

Juquita e suas irmãs, Mariana e Nilza, estudaram comigo no terceiro ano do grupo. As crianças diziam que eu namorava a Nilza, traziam-me recadinhos dela, e toda hora eu recebia um «Nilza mandou lembranças». Juquita vivia atrás da professora d. Zilda, levando-lhe presentes e frutas, convidando-a com insistência para ir à fazenda. Talvez isso pouco influísse nas notas. Nem todos são propensos a aceitar adulações, mas a quase maioria. O certo é que eles eram os primeiros da classe, com merecimento ou sem ele. Às vezes d. Zilda surpreendia Juquita fazendo traquinadas com alguns colegas. Ou ela fingia não ver ou castigava-os, com exceção de seu protegido.

Essa preferência distanciava-nos, e por fim tive ganas de quebrar-lhe a cara. Certo dia brigamos na sala de aula. Não me recordo bem a causa. Creio que nem a houve; apenas um desafogo meu. Após chamar-lhe bajulador da professora, descarreguei-lhe uma trovada de nomes feios. D. Zilda estava de pé à porta e ouviu tudo. Fui suspenso da escola por um mês. Era fim de ano e a reprovação veio certa. Muitas ocasiões depois nos atracamos na rua, à-toa.

Como eu contasse doze anos, meu pai resolveu tirar-me do grupo e meteu-me numa oficina mecânica.

Passado um ano, o sr. Matias construiu o campo e deu a bola a Juquita. A notícia chegou a todos os cantos e me fez crescer água na boca. As crianças alvorçaram-se. Éramos três os que coríamos sempre juntos à fazenda para ver as partidas. Eu ardia por jogar. Empoleirado no barranco, desavergonhadamente interesseiro, gritava, aplaudia os passes de Juquita. Não obstante, eu e meus dois amigos nunca tivemos oportunidade nem de encostar o pé na bola. Tentei reatar nossa amizade. Ele me fitou com descaso, creio que rancoroso.

— Não tem vergonha de falar comigo?

Deprimido, senti renascer o desejo de atacá-lo e fazê-lo patinhar na lama, até destruir seu estulto orgulho. Mas havia em mim uma dose de temor, não dêle, mas da recente situação de nossas famílias. Fazia alguns meses que Alberto ficara noivo de Zuleica, irmã de Juquita. Para mim, isso me era indiferente, namorasse quem ele quisesse. Poucas vezes acompanhei-o à casa da noiva, mais por obediência que por prazer.

A nossa ida ao campo se repetiu sem resultados compensadores. O entusiasmo da rapaziada espicaçava-me. Tive uma idéia e logo a transmiti a meus companheiros: acabar com o jogo a todo o transe. Nosso convênção foi rápido e decisivo — eles ficariam vigiando, escondidos debaixo do pontilhão da estrada de ferro e eu roubaria a bola. O aviso de proximidade de perigo eram três assobios bem fortes. Estudamos os pormenores. Toda a família do sr. Matias assistia à missa das dez aos domingos. Decidimos aproveitar uma dessas ocasiões.

A fazenda parecia deserta. Dois colonos, longe, no vau, terminavam um trabalho. Se acaso alguém aparecesse antes de eu iniciar a aventura, tinha bom pretexto: recado de Alberto a Zuleica ou coisa semelhante. As portas estavam trancadas. Consegui a custo trepar numa janela da frente, suspendi a vidraça e entrei. Sabia que deixavam a bola debaixo da marquês. Apanhei-a tremendo, quase a descontinuar o meu intento. Agucei o ouvido, nenhum aviso. Concluí que tudo estava normal lá fora e poderia sair sem medo. Cheguei ao pontilhão, não encontrei meus parceiros.

— Tratantes de uma figa! A bola agora será só minha! resmunguei colérico.

Esperavam-me ao pé do morro, desculparam-se, alegaram ter visto um soldado aproximar-se e fugiram amedrontados.

— Covardes, mentirosos! Qual soldado qual nada! Assim é que vocês são amigos? Estou de mal de vocês para toda vida!

A inveja e o despeito induziram-me ao furto. Depois dêste, a inquietação dominou-me. Eu não previa que atrás de um fugidio momento de folgar viriam horas e desprazer, porque a felicidade dos pobres consiste em acomodar-se à pobreza.

Em vez de dar sumiço no furto por algum tempo, não resisti à tentação de gozá-lo enquanto pudesse. Não me lembra ter almoçado. Reuni a gurizada que vi perto de casa, fi-los partilhar a minha alegria. Achavam a bola muito parecida com a de Juquita, queriam saber quem ma deu.

Chutei-a até cansar-me, até não poder mais. Eu, admirado, invejado. As crianças reuniam-se, vinham pedir-me os deixasse entrar na «pelada».

— Juguem, juguem à vontade, sapequem o dedão sem dó.

Aquêle trecho de rua se transformou num campo. A bola pulava e, atrás dela, uma onda de meninos, aos trancos. Eu ria, ria naquele domingo ensolarado, tão distante nos anos e claro em minha lembrança.

Alberto e Zuleica passaram por nós, direção à cidade, como para empanar minha alegria. Ele chegara de São Paulo no dia anterior e quase não parava em casa. Todo tempo ao lado da noiva. Dois tagarelas correram a contar-lhe a novidade. Meu mano veio a mim e perguntou-me:

— É sua a bola, Milton?

Lívido, fixei-o sem encontrar resposta. Zuleica, a poucos passos de nós, distraída, não me prestava atenção. Alberto a olhar o jogo repetiu a pergunta. Fui obrigado a mentir:

— É sim. Ganhei ela na oficina! respondi engrolando as palavras.

— Tanto melhor! Uma bola ainda nova... disse ele.

Pegou o braço da noiva e foram-se embora.

Minutos depois, dei com os olhos em meu pai e num pretinho, caminhando em minha direção. Êste, eu logo o reconheci, era da fazenda do sr. Matias. A um grito de meu pai, o jogo parou.

— Quero essa bola aqui! ordenou furibundo.

Um garoto lha entregou trêmulo, e a criançada dispersou-se em poucos segundos.

— Vamos embora, Milton!

Eu soube pelo negrinho que meus companheiros me traíram, contando tudo a Juquita, a trôco de poderem jogar em seu quadro. O rancor agitou-me o sangue. Fiz planos de vingança, enquanto caminhava de cabeça baixa: pegaria um por um, na rua, para um ajuste de contas. Ah! eles me pagariam traidores!

— Pode ir! Daqui a pouco Milton leva a bola!

Em casa, meu pai reprochou-me severamente. Notei que se continha para não surrar-me, que eu bem merecia uma tunda e não me abalancaria a conjurá-la.

— É assim que se vira ladrão, roubando pequenos objetos! Nunca mais faça isso!

Seu olhar, suas palavras de censura feriram-me mais que se tivesse levado uma sova de cabo de vassoura. Haverá maior castigo do que a infelicidade de não se possuir o que se almeja na infância?

— Desta vez eu lhe perdôo! Vá entregar a bola ao sr. Matias e peça-lhe desculpas. Se Alberto souber, que vergonha...

A sua maior preocupação era que Alberto não tivesse conhecimento do ocorrido. Antes de ele sair de casa, tudo natural; agora, parecia mais um estranho. Cercavam-no de cuidados, evitavam discutir em sua presença, ocultavam-lhe desnecessariamente, com tantas desculpas, insignificâncias domésticas. Até à mesa havia distinção. As crianças comíamos quietos na cozinha ou no terreiro, para «não amolar o irmão mais velho», conforme recomendava minha mãe.

A notícia do furto voou. Se eu praticasse uma boa ação, ninguém saberia. Os que por cúmulo a ouvissem procurariam ocultá-la ou mesmo destruí-la, a fim de que se não propalasse.

Não encontrei amigo que me quisesse comboiar à fazenda. Não que eu temesse Juquita, mas porque sua turminha era decidida a lutar por ele. Que poderia eu fazer sozinho contra um punhado de jecas atarracados, de punhos duros que nem cabo de guatambu? Embrulhei a bola num jornal, pus meu estilingue no bolso e fui. Desci ao córrego ao lado da estrada, atochei as algibeiras de pedrinhas redondas. Era cerca de duas horas da tarde.

Caminhava inquieto, até que um colono me alcançou. Puxei conversa com ele e seguimos juntos. Encontrei o sr. Matias, de roupa domingueira, na varanda. Orçava pelos cinquenta anos, antes alto que baixo, faces queimadas do sol. Usava péra, que lhe dava aspecto monacal. Falar verdade, achava-o bastante agradável.

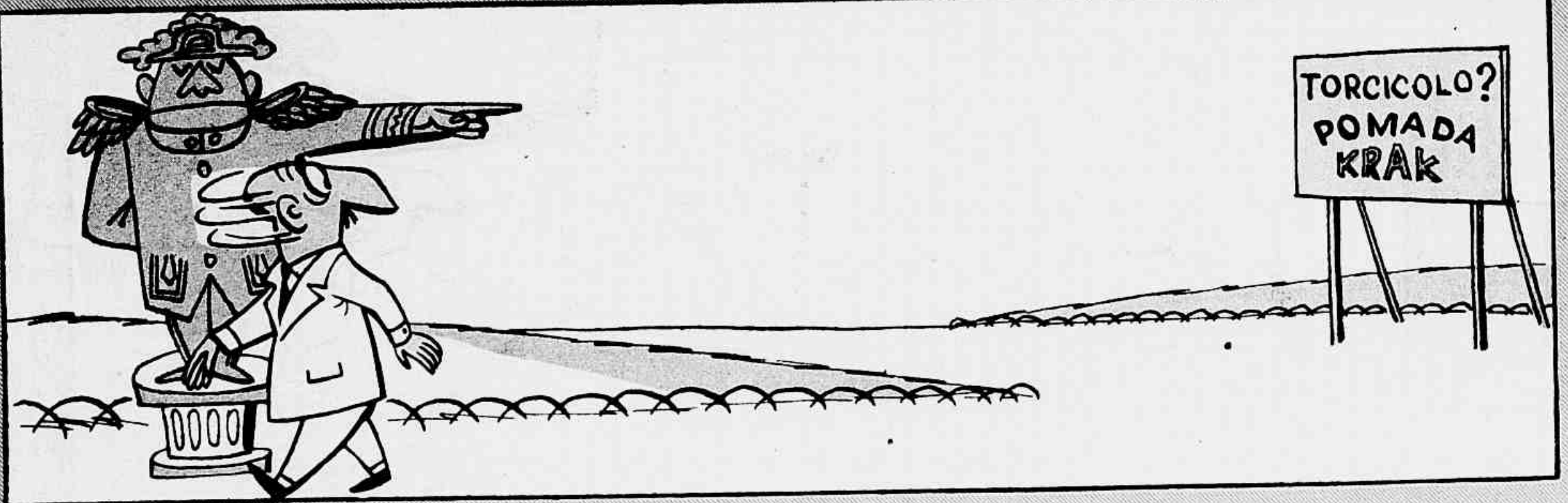
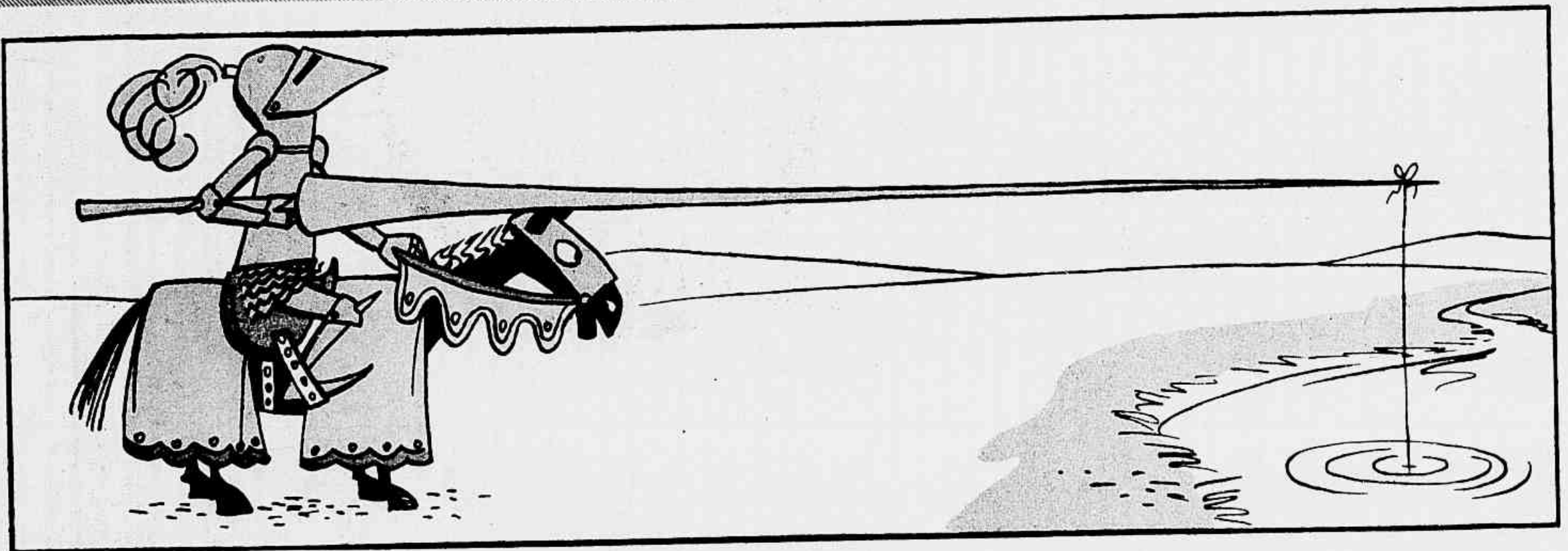
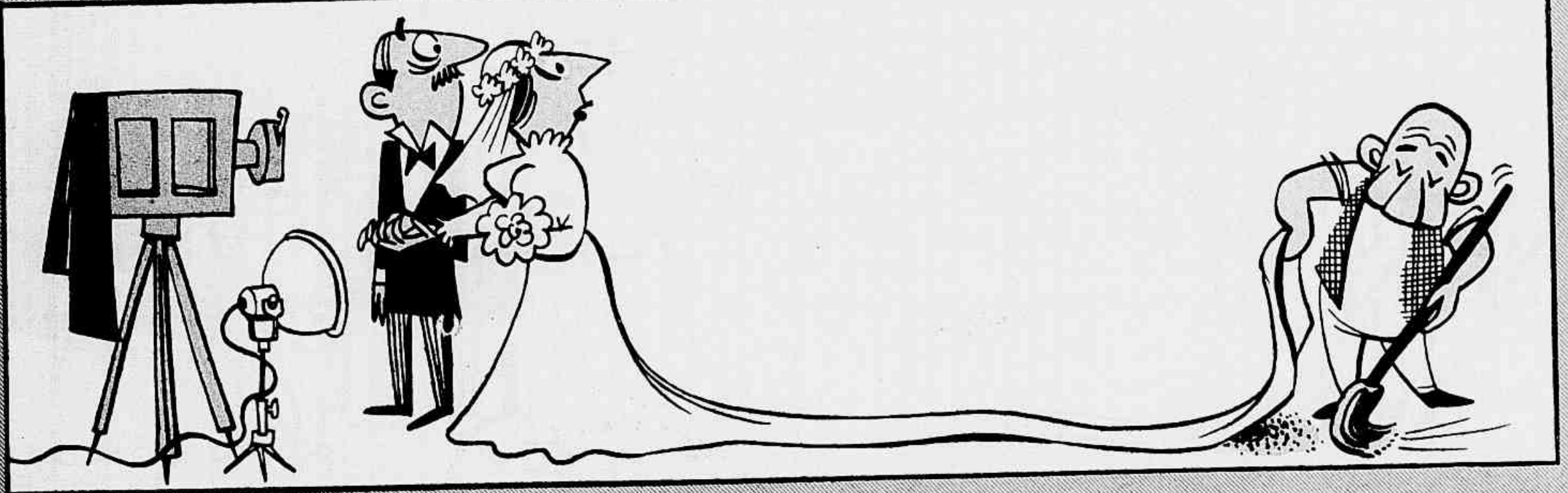
(Continua na página 58)

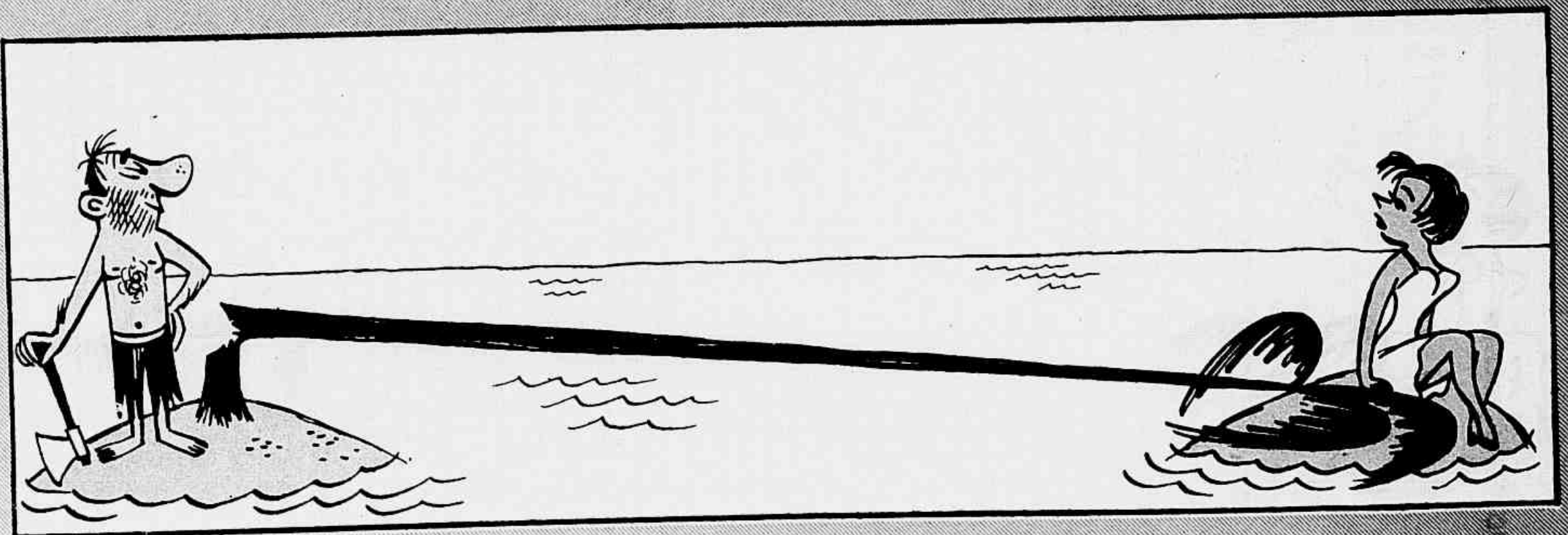
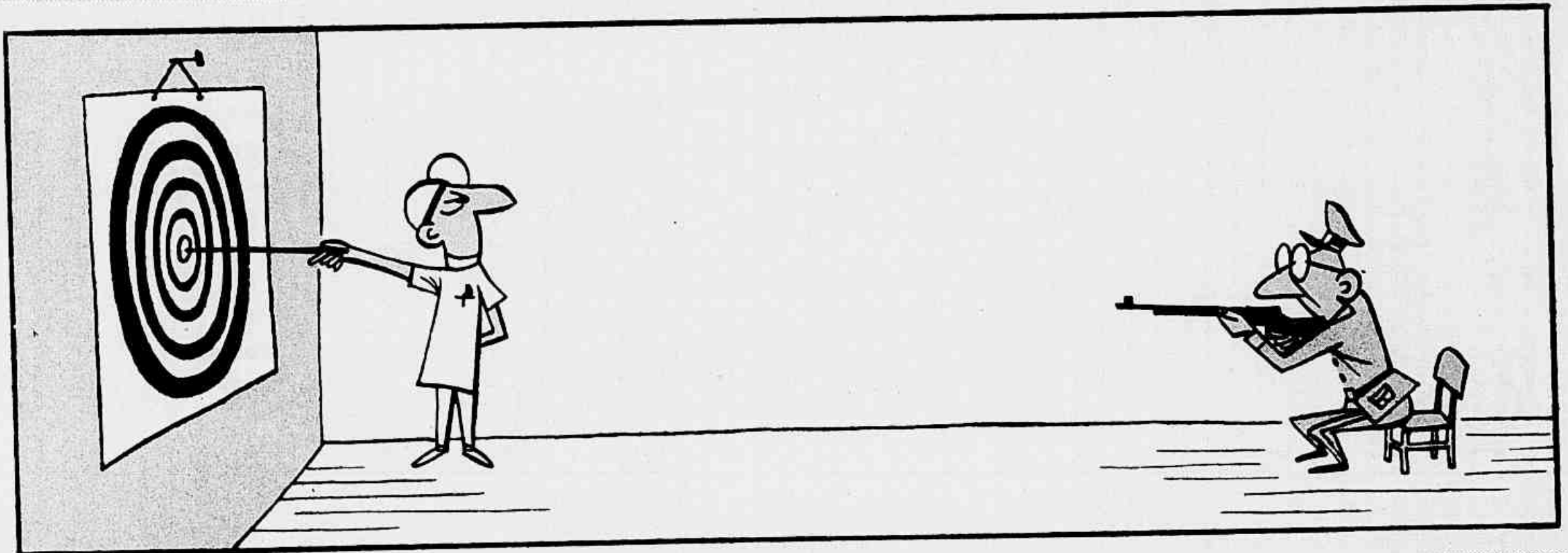
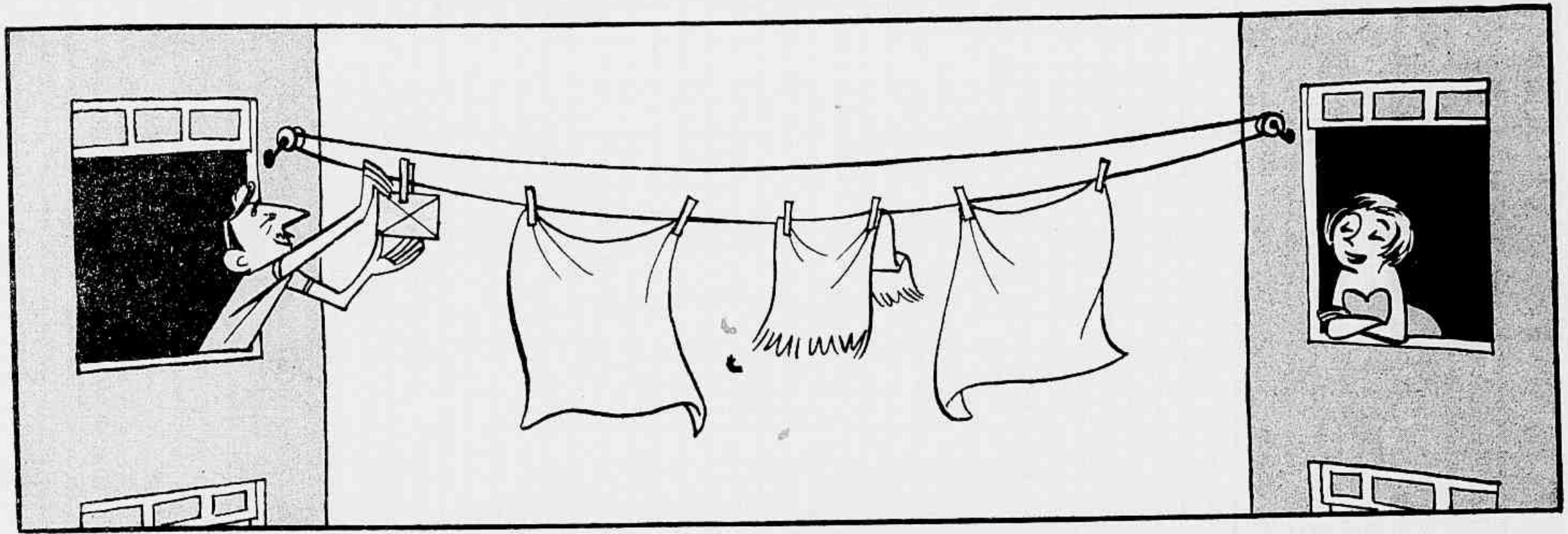
A BOLA DE FUTEBOL



O PRÓPRIO (em tôda a extensão) APRESENTA

FORTUNASCOPE





seja modesta

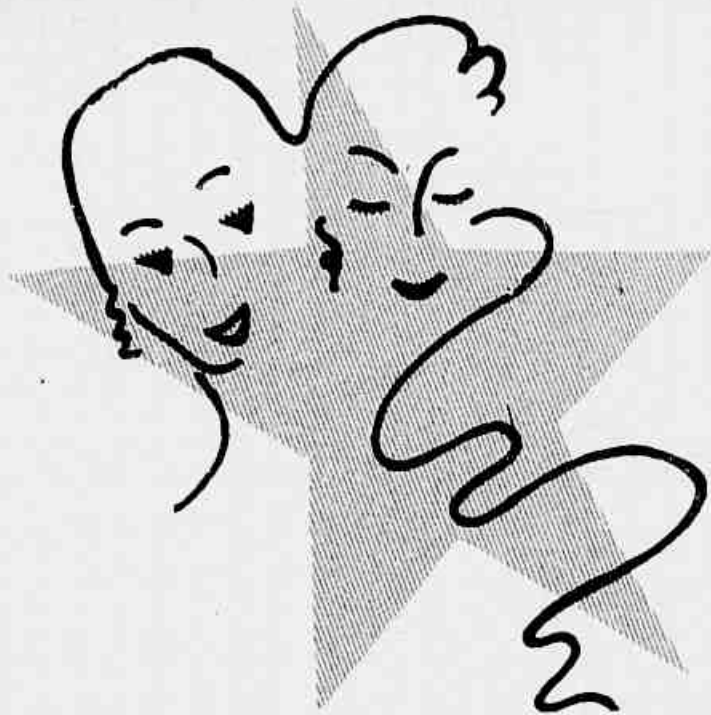
Não banque a heroína a todo instante. Seja simples, em casa, no trabalho ou na escola. Não se julgue sempre protagonista de atos excepcionais, nem destinada a grandes realizações. Se observar melhor à sua volta, verá que o que lhe acontece também sucede a milhares de pessoas que têm o mérito de serem menos presunçosas. Colocar-se um pouco à margem e não no centro de tudo lhe trará maior serenidade e mais felicidade, e, algum dia, a homenagem **espontânea** daqueles que a cercam.

não conte vantagens

«Contar vantagens» é próprio dos temperamentos exibicionistas. Onde as mulheres mais contam suas vantagens é nos salões de cabeleireiros. Observe. Aquela senhora que deixa embasbacada a manicure falando do «Cadillac» que o marido lhe deu como presente de aniversário; a mocinha que mostra à ajudante o anel de brilhante, presente do noivo; aquela outra que descreve sua casa maravilhosa em Petrópolis...

Há ainda um outro tipo: aquela que se gloria de ter muitos pretendentes aos quais nem dá confiança: «Jorge daria tudo por mim; Antônio bebe para me esquecer; Eurico, coitado, ficou doido; Felisberto quer se casar comigo a todo custo; Mário parece um cãozinho fiel...»

Essa é uma forma imprudente de exibicionismo. Haverá alguma amiga e confidente que se incumbirá de informar às vítimas suas opiniões sobre elas, e estas se apressarão em desmentir tudo que você afirmou, mesmo o que fôr verdade. Você ficará muito mal vista e os seus admiradores fugirão.



Como

Boas maneiras

QUANDO VOCÊ está conversando, é justo que queira expor suas próprias idéias e defendê-las. Porém, não é bem educado (além de inútil) querer impor o seu ponto de vista «a todo custo».

x x x

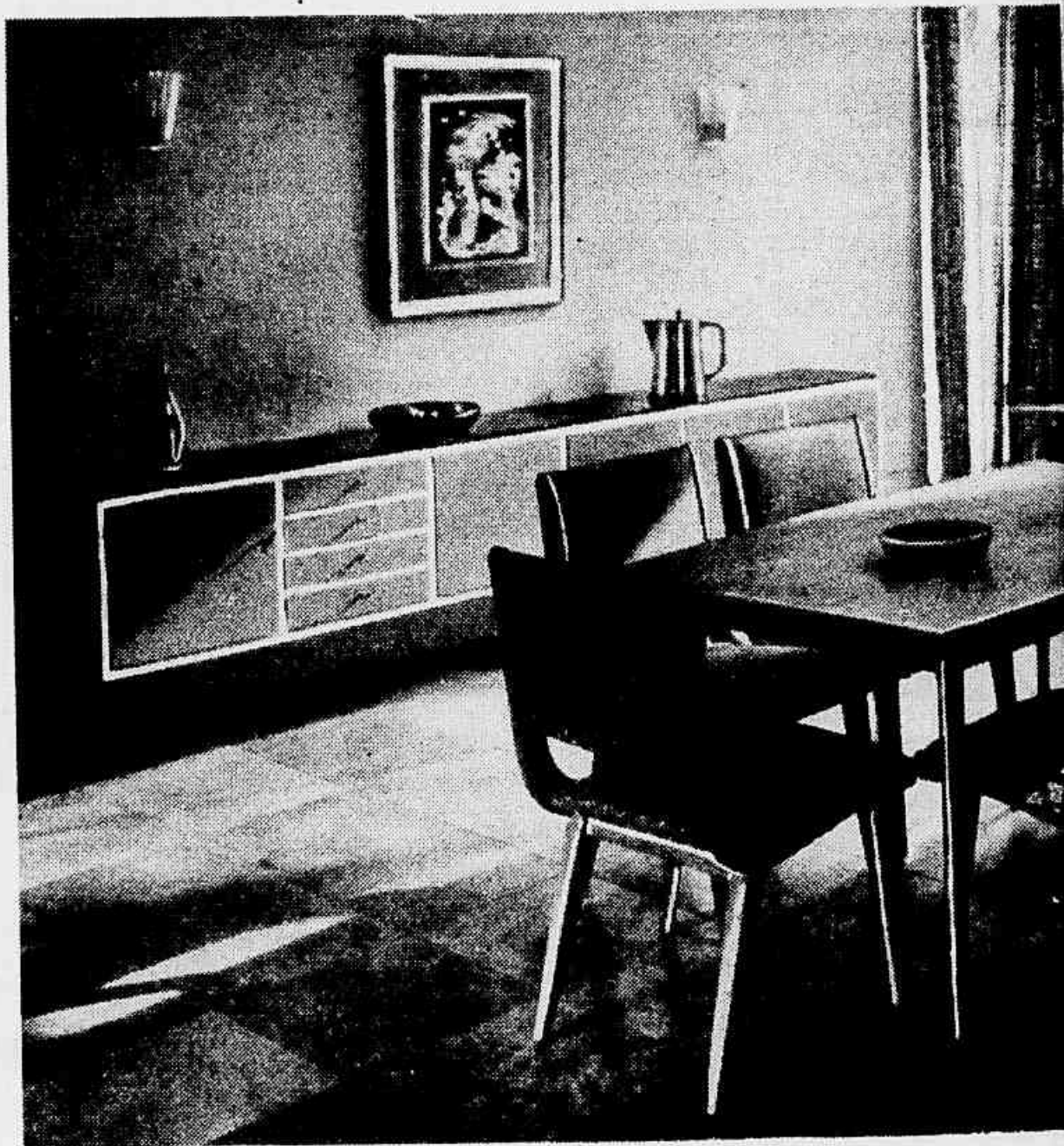
QUANDO VOCÊ está no cinema, no teatro ou assistindo a uma conferência, e chega alguém que deve incomodá-la para sair ou chegar ao seu lugar, seja gentil, facilitando a passagem, nunca proteste nem faça cara de quem está aborrecida por isso.

x x x

NAO EXAGERE no uso de perfumes. Muitas senhoras abusam dos mesmos, sem notarem como isso incomoda os outros, principalmente quando em locais confinados. As vezes um perfume violento incomoda mais que o cheiro de fumo.

x x x

SE NUM ALMOÇO ao qual foi convidada servem um prato que você «não suporta», não o demonstre. Deixe que lhe sirvam e apenas prove-o, ou finja prová-lo. Discretamente entregue-o ao «garçon» quando este estiver retirando os pratos. Por outro lado, não insista com o seu vizinho de mesa para que coma determinada iguaria que você adora; pode ser que ele esteja procedendo como indicado anteriormente, e ficaria em má situação com a sua insistência.



SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Felizmente ainda existem apartamentos amplos em que se pode arrumar um ângulo com a mesa de refeições e suas seis cadeiras indefectíveis. Na ilustração, apenas um reposteiro pe-

Revista de Mulher

LÍGIA JUNQUEIRA
(Desenho de JAIRÓ)

Week-end na cozinha

♦ Quem tem um aparelho de «waffles» está sempre à procura de uma boa receita para a massa. Esta é excepcionalmente saborosa e macia.

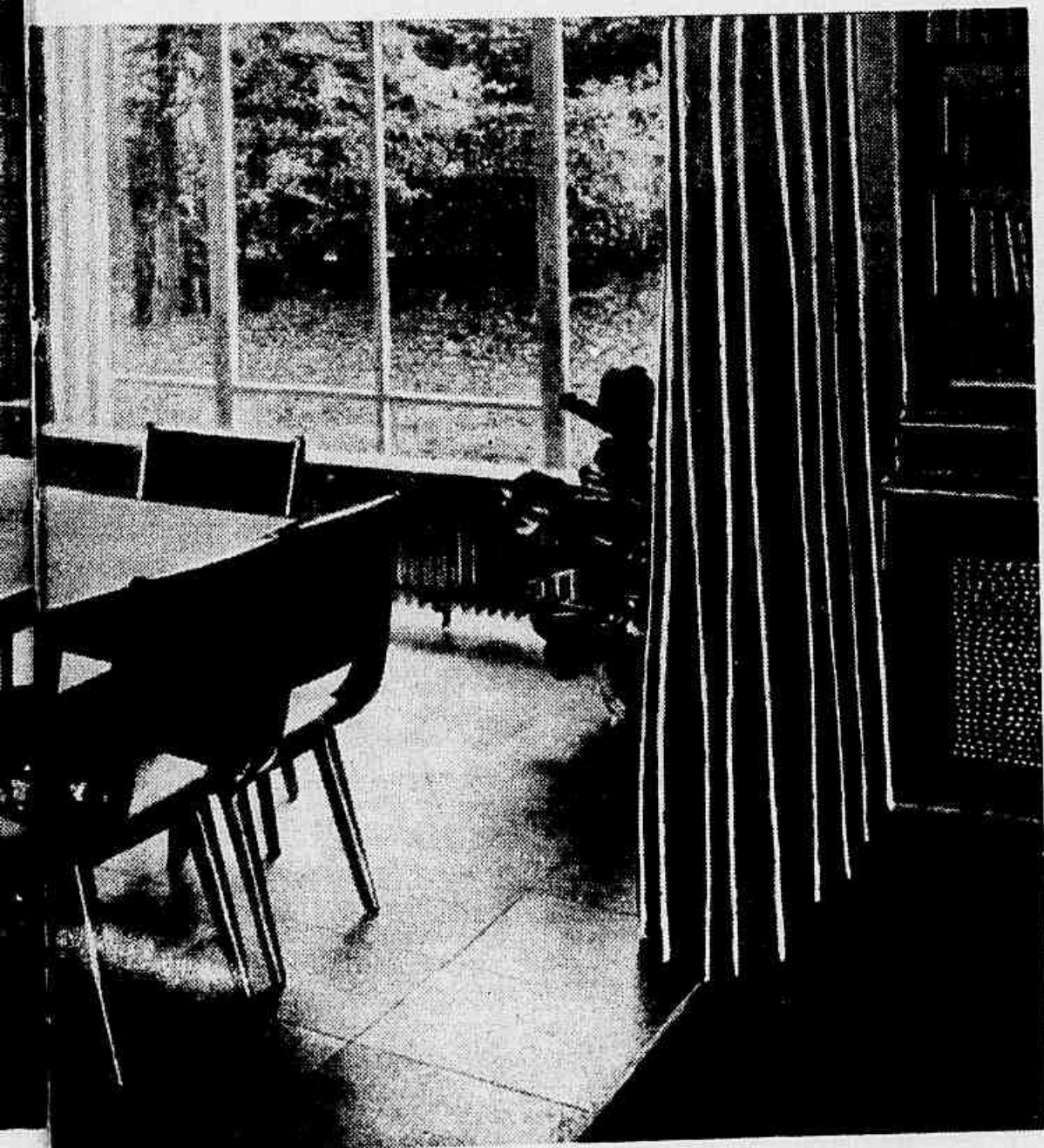
1 — Misture e peneire juntos: 2 xícaras de farinha de trigo, 3 colheres das de chá de fermento em pó, 1 pitadinha de sal.

2 — A parte, bata 2 gemas, junte 1 copo de leite, e acrescente aos ingredientes secos acima. Adicione 3 colheres das de sopa de manteiga derretida e misture tudo bem.

3 — Bata as duas claras, em neve, e junte à massa. Asse no aparelho de «waffles». A receita foi calculada para 6.

x x x

Para acompanhar os «waffles» porque não prepara um «milk-shake» de bananas? A receita para cada um é a seguinte: uma banana, 1 copo de leite mal cheio, uma pitadinha de noz-moscada, açúcar a gosto. Passe tudo pelo liquidificador.



sado separa o ambiente da outra sala. A nota de originalidade é dada pelo bufê suspenso da parede, ou melhor, «semi-embutido». Uma ampla janela, inteiramente envidraçada, proporciona bastante luminosidade. Chão em grandes quadros de borracha sintética, imitando pavimento de mármore.



Quando você sair para um passeio longo, uma boa idéia é levar na bolsa um potinho plástico tendo dentro um algodão embebido em tônico para a pele. Quando renovar a maquilagem passe o tônico na pele para refrescar, antes da nova camada de pó. Não se esqueça de verificar, antes de sair de casa, se não falta nada na bolsa para um ligeiro retoque.

* * *

Se tem as pestanas lisas e espetadas o aparelho apropriado para arqueá-las ainda é o que existe de mais aconselhável para embelezá-las. Passe um pouco de vaselina e use o aparelhinho. Se você repetir o tratamento todas as manhãs verá que os cílios aos poucos se tornarão naturalmente encurvados.

* * *

Um espelho grande, no qual você possa se ver por inteiro, e, preferivelmente, também pelas costas, ajuda muito à sua boa aparência. Antes de sair mire-se nesse espelho e dê os últimos retoques na meia que está com a costura torta, na bainha da anágua que está aparecendo, na blusa que não está bem colocada dentro do cóis da saia.

* * *

Uma ótima base para a maquilagem pode ser preparada por você mesma: num vidro de 250 gramas, ponha álcool até a metade, junte uma colher das de sopa de glicerina, uma outra de benjoim, e acabe de encher com água de rosas. Sacuda bem e passe sempre no rosto antes de aplicar o pó de arroz. Além de base, esse preparado é grandemente benéfico à cutis.



Grand Monde internacional



Porfírio Rubirosa era persistente, segundo declara sua ex-espósa Barbara Hutton

manía pelo cinema. Se vocês não sabiam, o ex-rei decora os diálogos dos filmes a que assiste. ★ Pouca gente sabe que Nancy, filha do consagrado cantor Frank Sinatra, é sua íntima confidente, além da sua mais entusiasmada fã. Na filmagem de «High Society» ela ia assistir diariamente aos ensaios do pai, acompanhando-os nos mínimos detalhes. E dava «snobadas» dos diabolos à famosa (hoje princesa) Grace Kelly e ao célebre Bing Crosby. Como se sabe, Frank Sinatra, antes de mandar gravar os seus discos, consulta primeiro a menina Nancy.

FRANÇOISE SAGAN — A jovem e já célebre escritora francesa Françoise Sagan acaba de terminar seu segundo livro de nome «Un Certain Sôvrire», cujos direitos já foram comprados pelo produtor Buddy Adler, que vai levar a história para ser rodada em Paris. E assim a jovem Françoise terá, muito breve, sua segunda novela no cinema. ★ Lili Damita, ex-espósa de Errol Flynn, prepara-se para tentar mais uma vez a felicidade conjugal, agora com o milionário Gregg McIntosh. ★ A conhecida atriz Vivien Leigh, espósa de Sir Laurence Oliver, aguarda para breve a visita da cegonha. Vivien e Sir Oliver que estão casados há quase 16 anos, somente agora terão um filho. ★ O cantor Dick Haymes, último marido de Rita Hayworth, parece já estar de casamento marcado com Jacky Laughter. Será mesmo? ★ A duquesa de Westminster, Loelia, que escreve para um jornal inglês, acaba de ser destacada para ir à «cortina de ferro» escrever uma série de reportagens, intitulada «A Rússia por dentro». ★ A milionária Barbara Hutton, referindo-se ao seu ex-espóso Porfírio Rubirosa, disse: «Ele era persistente». (Será em matéria de «erva»?) ★ Linda Darnell, que atualmente namora o piloto Robbie Robinson, disse ser Robbie «o grande amor de sua vida». ★ Tyrone Power está agora de romance com uma jornalista americana de nome Mary Roblee. ★ O ex-rei Miguel, da România, que atualmente se encontra em Hollywood, declarou à imprensa local ter verdadeira

★ BODAS DE PRATA DO CASAL JORGE DORIA

Foi comemorado dia 25 no apartamento do simpático casal, com a presença de todo o «high-society» carioca. Seus filhos Jorginho e Marita ajudaram a receber os convidados, que foram muitos. Foi o acontecimento social mais importante da semana que passou.

Gossips

SUBIRAM AO ALTAR no último sábado em Petrópolis a srta. Vera Mota Maia e o sr. José Cabral. O embaixador e sra. Hugo Gouthier foram a Petrópolis nesse dia especialmente para participarem da cerimônia, que me informaram ter sido muito «suspense». ★ Quando pensei que Zaidinha Saldanha estava passando férias na Europa, ela surgiu aqui na piscina do Copa, e disse que estava em Niterói. Pequena diferença, vocês não acham? Mas em matéria de beleza Zaidinha continua muito «suspense». ★ Aconselho a loura Glórinha Drummond a perder de uma vez os ares provincianos trazidos das Alterosas. ★ Uma coisa quero esclarecer aos leitores de «Gossips». Quando este colunista escreve «determinadas pessoas, certas pessoas», etc., sem citar nomes, não há realmente motivos para «alguém se tornar ofendido (a) pelo colunista. Faço questão de que isso fique bem claro, entendido? ★ Ela continua figurando na PRATELEIRA. Até quando? ★ Parece que o romance do elegante Mauro Vasconcelos com uma conhecida ex-«girl» de «shows-business» está ficando «gêlot». ★ Muito bem acompanhada estava a modelo Maria Lúcia Nunes assistindo ao «show» do Beguin numa recente quinta-feira. Lá, o «barman» Rufo preparava um «cocktail» de nome «Sarrafa», que é gostoso prós diabos. ★ Muito «suspense» a beleza de uma nova boneca que viajou para os «States». Aliás, vocês já notaram que há um certo colunista usando essa palavra «boneca», que é lançamento desta coluna? Cuidado, bambino!... ★ Está no Rio a paulista Verinha Cunha Bueno. Verinha está sem namorado. ★ O galante Celmar Padilha, que chegou há dias de Nova York, disse-me não ter acabado seu romance com a jovem gaúcha Léa Pena. ★ Está no Rio o Colunista Roberto Vasconcelos (do «Correio da Manhã»), que no momento reside em Nova York, onde vai casar-se em setembro com a bonita srta. Sinia Camara Cruz. O embaixador e sra. Hugo Gouthier serão os padrinhos de casamento do meu amigo Roberto.



Celmar Padilha diz não ter ficado «gêlot» seu romance com Léa Pena. Furo de «Gossips».

Pequenos Flashes

“COCKTAIL” DA VARIG — Foi no sábado passado que a direção da VARIG do Rio recebeu, para um «cocktail» no «Salão Verde» do Copa, os dirigentes em Nova York dessa conhecida companhia de viação, com a presença de pessoas da sociedade carioca e jornalistas. O sr. Coelho, «public-relations» da Varig, recepcionava os convidados nesse «cocktail» que foi, muito movimentado e concorrido. Entre os componentes da delegação da Varig, estavam: sr. Francisco Medaglia (chefe do escritório de expansão comercial do Brasil em Nova York), mr. Charles Mac Lee, («public-relations») e mr. George Braender («sales promotions»). Além do «cocktail», um grande programa estava organizado para os visitantes. A temporada do cantor Caubi Peixoto no «mid-Night» foi realmente um sucesso muito «suspense». Foi lá que a sra. Divéras comemorou sua «mudança-de-idade» com velinhas e champanhola. Surgirá muito breve na capital paulista uma nova revista, dirigida pelo jornalista Hélio Abreu. A referida revista já foi batizada de «Nova» e promete ser «suspense», segundo me declarou o sr. Cleanto Veiga. O que ainda faz levar público à pequena «boite» do Hotel Excelsior é o quarteto do Zacarias com Fats Elpidio ao piano. Porque o resto é muito «gêlot». A bonita «debutete» Sônia Maria Dellingshausen teve sua «mudança-de-idade» na semana que passou. A menina



No último «cocktail» da Varig no Copa, aparecem os senhores: Ted, Jorge Guinle, Harry Stone e Nelson Quadros.

Sônia é conhecida do Country pelo seu já famoso «rabo de cavalo». Um hotel muito «suspense», mas que pouca gente conhece, é o Ouro Verde, onde funciona um ativo «public-relations» de nome Brand. As noites de sexta-feira no Sacha's, que até bem pouco eram as mais «café-society», estão agora ficando «gêlot». Por que? Depois

que Agnelo Martins assumiu a direção da «boite» Arpège, o negócio passou de «gêlot» para «suspense». O Agnelo entende muito de «boite».

Na semana que passou a sra. Horácio (Mimi) Láfer viajou para Nova York em companhia de sua bonita filha Gray Láfer. O conhecido «barman» Aristides, do Sacha's, disse que vai agora dar umas SNOBADAS numa certa vulgaridade que anda por lá. Muito bem. A jovem sra. J. Fomm espera para muito breve a visita da cegonha. Será o primeiro filho do casal Fomm.

Na noite de sexta-feira, o grande produtor Carlos Machado estreou um «show business» no Golden-Room do Copa, para a temporada do «Sweepstake». Aguardem reportagem para o próximo número. O Clube Comercial realizou com sucesso o seu «Chá Dançante», que esteve muito concorrido, além de ter apresentado bonito «schw». Para surpresa de vocês, o «Chá Dançante» será agora mensal. Bola na rede.

O «maitre» Robert não sabe que o último «strogonoff» que jantei no «Bistrô» me deixou de cama. Em virtude de meus «businesses», e de estar vivendo no momento dias de verdadeiro «suspense» por motivo do meu trabalho como colunista, não me é possível afastar-me do Rio. Por isso cancelei minhas viagens nacionais e internacionais. Até a próxima. O GÊLOT continua em cima e «Sweepstake» na pista.



Um «close-up» da bonita embaixatriz Laiz Gouthier.



Numa pose muito «suspense», a elegantíssima embaixatriz.



Outro «close-up» da jovem embaixatriz para esta coluna.

«CLOSE-UP» INTERNACIONAL

COM A EMBAIXATRIZ LAIZ GOUTHIER

♦ Como já anunciei para vocês, publico aqui no «Social Set» uma conversa-entrevista com a elegantíssima, bonita e muito jovem embaixatriz Laiz Gouthier. Depois que Laiz figurou numa reportagem feita pela revista «Vogue», de Nova York, na qual ela aparece com mais cinco famosas e elegantes mulheres do «grand-monde» internacional, esta é a primeira vez que ela aceita um convite para se deixar fotografar, e aparecer como assunto principal numa reportagem. Mas, como se tratava de um convite deste colunista (que com muita honra é grande amigo do casal Gouthier) a jovem embaixatriz aceitou, coisa que muito nos sensibilizou. Estamos no «salão verde» do Copa, numa conversa muito internacional, da qual transcrevo alguns importantes detalhes aos leitores da REVISTA DA SEMANA. Começando pela revista «Vogue», as cinco mulheres elegantes que figuraram com Laiz, nessa comentada reportagem, eram: Mme. Reinaldo Herrera, da Venezuela; Duquesa de Windsor, americana; Princesa Pallavicini, da Itália; Mrs. John Drexell III, inglesa; Mrs. Basil Goulondris, grega. Esta reportagem foi feita pelo francês Boucher.

Agora minha entrevistada fala sobre a melhor «hostess» de Nova York, Mrs. Cornelius Vanderbilt Whitney; a mulher mais elegante, Mrs. William Pawley; o melhor colunista social, Cholly Knickerbocker; o casal que mais tem relações, Byron e Thelma Foy.

Diz que se veste pelos figurinistas franceses; que a vida do «high-society» é muito intensa, coisa que acontece em todas as grandes capitais do mundo. Finalizando, Laiz me deu um grande «furo» internacional, que é o próximo cruzeiro da colunista Elza Maxwell ao Irã e Egito, no próximo ano. Hugo e Laiz foram os primeiros a serem convidados pela famosa colunista, a participar desse passeio que será muito «suspense», maior que o do ano passado, realizado pela mesma colunista nas Ilhas do Mediterrâneo. «Merci», Laiz.



Laiz conversa com Jeff Thomas sobre o «high-society» de Nova York. À direita: A mais jovem mais bonita e mais elegante do momento posa especialmente para esta coluna.



APARTAMENTO EM PETRÓPOLIS

BEM NO CENTRO DA CIDADE! DE FRENTE, 5º ANDAR.
VENDO, ÓTIMO, 3 QUARTOS, SALA E DEPENDÊNCIAS
Cr\$ 830.000,00.

FACILITO METADE EM 12 MESES. ÓTIMO NEGÓCIO
ESCREVER A CAIXA 3441 — RIO, OU FONE 27-8573.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 705
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

LEIAM

EU SEI TUDO

CR\$ 10,00



Esporte Ilustrado

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

EU E OS ESTADISTAS

(Continuação da página 21)

Acabou a conferência. Despedi-me de todos e parti para Goa. Lá também estive com altas individualidades — prisioneiros políticos. Homens de valor, antigos membros do Parlamento de Delhi, que conduziram os ataques dos "satiaghis" a Goa. Eles reconhecem que distorceram idealismo político em ambições pessoais. Vivem os três numa cela que dá frente para o mar e cujo marulhar lhes traz todas as noites visões de liberdade.

MENDERES, NÃO SABE QUEM É SALAZAR?

De novo por Karachi, o caminho de Teheran, festejava-se no Paquistão o dia da independência e inaugurava-se a República com a posse da presidência pelo antigo governador. O governo convidou-me a passar ainda alguns dias no Paquistão, e a visitar o setor oriental com a comitiva do primeiro ministro da Turquia. Era uma ocasião de conhecer Lahore e Dacca, famosos pelas suas mesquitas. Quando me vi com a comitiva reparei com surpresa que era o único elemento de saias entre os 22. Fui apresentada ao Premier Menderes e ao ministro dos negócios estrangeiros, e embarcamos. Menderes tem sempre entre os lábios um sorriso "côr de limão" e com a maior paciência carregava as todas as condecorações e exibia a sua simpatia à multidão que o aclamava. Em todas as reuniões eu tinha de explicar a minha presença na comitiva, negar o meu matrimônio com o diplomata que eles me atribuíam, e explicar a situação geográfica do Brasil. Não é para admirar, porque em Teheran ao mandar pôr uma carta no correio chegaram a perguntar-me:

— "Onde é isso?"

Continuando o nosso passeio, fomos a Dacca, capital do Paquistão oriental, e que possui mais de 50 por cento da produção mundial de juta.

Nada vos poderei dizer do interesse daqueles cinco dias passados com Menderes e a comitiva turca. São gente simpática, sem nenhuma característica que desperte interesse humano. Na volta, Menderes vinha com um horrível resfriado; vieram pedir-me o meu frasquinho chinês — remédio para todos os males. Fiz-me de desentendida, a droguinha já estava no fim. Mas o Premier, usando o seu irresistível "côr de limão" convenceu-me a pôr-lhe algumas gotas num copo d'água. Enquanto conversávamos quis interrogá-lo sobre o problema de Goa, correlacionando a similaridade do mesmo com a questão de Cachemira.

— Cachemira? — disse ele fingidamente — Existe alguma questão em Cachemira?

— Não! — Eu só quis por à prova a sua ilustração política.

— Muito humor! — retorquiu Menderes.

— Nada que se compare ao de V. Excia.!

— E o seu Salazar? E' o ditador, não é?

— E' o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal há 30 anos.

— Uma linda carreira — ajuntou Menderes.

— Não desfazendo nos méritos de V. Excia., dizem-no um dos maiores estadistas do mundo.

Menderes abanou a cabeça com ar pensativo e ficou-se taciturno.

Quando retornamos a Karachi, estavam presentes várias individualidades que vinham apresentar cumprimentos; inclusive Mikoyan, ministro russo. Um pouco antes tinham andado em "tournée" pelo Oriente os dois camaradas Bulganin e Kruschew; encontrei-os em Burma pela primeira vez. Como tipos do "novo homem" que o socialismo científico está criando, eles assemelham-se extraordinariamente a nós — filhos de Adão!

B & K NA CONFERENCIA DE LONDRES — CAMARADAS DO "LUDIBRIO"!

Voltei a encontrá-los outra vez em Londres, onde por acaso uma tarde, na entrada do Claridge, tive oportunidade de esbarrar com a barbeta de Bulganin. Estive depois na conferência de imprensa que eles deram no Central Hall Westminster; a sala estava atulhada com os 400 representantes da imprensa internacional; só 26, todavia, representando as principais agências, foram autorizados a acompanhar os russos, aquém do cordão policial. Os passes eram concedidos através da Scotland Yard, que nos concedia fichas tão completas quanto às de qualquer implicado num processo criminal.

A chuva caía miúda. Pontualmente às 9,30 o marechal Bulganin e o sr. Kruschew chegaram à plataforma do Central Hall. Começaram com um longo discurso lido em russo pelo marechal, discurso que parecia um concentrado das boas intenções dos chefes soviéticos. A base de tanta propaganda em prol de coexistência pacífica, o marechal e o seu camarada pareciam querer arrancar do auditório uma consagração em manchetes: "os grandes pioneiros da luta pela paz". Parecia que eles nos queriam fazer acreditar que aquele "passeio" pela Ásia foi de puro interesse turístico. O discurso terminou e Bulganin convidou a imprensa a fazer perguntas; pela sala ecoaram gritos de "oral ou escrita?". Em resposta Bulganin mostrou uma folha de papel, apontando, com o lápis, que desejava por escrito. Fizeram-se ouvir novos gritos: "não, não, oral!"

Mas os russos insistiram, e eles lá tinham as suas razões. Foi uma correria de mãos que estendiam papéis rabiscados ao intérprete. Claro está que o que não convinha não era lido. Também a minha pergunta não escapou:

"Poderiam V. Exas. dizer por que o partido comunista está ocupado em manchar a memória do vosso velho camarada Stalin?" Entretanto a conferência terminava e Kruschew dizia:

"Acredito que de nossa visita algo resultará de substancial e que a mesma foi muito valiosa. O principal assunto resolvido é de valor altamente confidencial entre a União Soviética e a Grã-Bretanha".

Quem se esqueceu dos resultados das negociações secretas da conferência de Yalta, em 44? Essa ultrajante venda da Polónia foi trazida a público ano passado pelo governo de Eisenhower.

A conferência chegou ao fim. Bulganin e Kruschew acenaram adeus, e em retribuição aos aplausos, bateram palmas ao auditório dos 400. Por alguns minutos a imprensa mundial deixou-se ludibriar.

Finalmente abandonaram a sala. A chuva tinha parado. A multidão de jornalistas dispersara-se rumo aos telégrafos e postos telefônicos. Em frente ao Central Hall um grande cão de orelhas murchas gania. Alguém, sem querer, pisara-lhe uma pata.

CINÉREO 3-D

NOVO SISTEMA TRIDIMENSIONAL

UM BRASILEIRO INVENTA NOVO SISTEMA, NITIDAMENTE SUPERIOR AOS ATUALMENTE EM USO — MOÇO AINDA, PROFESSOR DE MATEMÁTICA, LEONEL MORO FALA DE SUA ENGENHOSA INVENÇÃO — O PARANÁ AUTORIZOU, POR LEI, A CONSTRUÇÃO DE UM APARELHO NO COLÉGIO DO ESTADO — E O «OSSERVATORE ROMANO», JÁ EM 1954, APREGOAVA AS VANTAGENS DO SISTEMA DE LEONEL MORO

Texto de CLÁUDIO FORNARI

3-D

sion, Hipergonar, Camera SpaceMaster, Processo Ivanov, Vistavision,

A expressão foi encolhendo. O que era «cinematografia tri-dimensional» passou para «terceira dimensão», e hoje o símbolo «3 D» é suficiente para identificar a mais discutida conquista do cinema. Há uma quantidade enorme de nomes complicados como Filmecorelief, Natural Vi-

Poldelvision, Cinerama, Norling Camera, etc., que servem para identificar processos não menos complicados de origem francesa, norte-americana, inglesa, russa e italiana e mesmo — pasmem os que não acreditam na prata da casa! — brasileira.

Antes de passarmos à nossa entrevista com o professor Leonel Moro, vamos percorrer rapidamente, a «vol d'oiseaux», para melhor compreensão do assunto, o capítulo da história do cinema referente à busca do relêvo.

UM POUCO DE HISTÓRIA

● Desde que Lumière, na noite de 28 de dezembro de 1895, estreou no Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris, o seu Cinematógrafo, um sem número de pesquisadores — cientistas e curiosos — de todo o mundo saiu em campo em busca de idéias e de recursos para aperfeiçoar a grande novidade. O ponto de partida foi a adaptação dos aperfeiçoamentos já obtidos nas projeções estáticas e, em seguida, a concepção de novas idéias dirigidas diretamente ao cinema. Não vamos esticar demais esse preâmbulo. Deixemos de lado os aperfeiçoamentos alcançados nas câmaras, nos projetores e nas películas convencionais, bem como a conquista do som e da cor, e vamos ver o que se obteve no terreno das chamadas «três dimensões».

Para não perder tempo com os que ficaram atrás de Lumière — Hiparco, na Grécia antiga, pioneiro da observação dos fenômenos estereoscópicos; François D'Aguillon, que, em 1613, inventou a expressão «estereoscopia» (stéreo: sólido, em grego); e tantos outros — vamos sobrevoar rapidamente o caminho percorrido pelo cinema na trilha da 3 D, partindo de D'Almeida e Ducos Du Hauron, que, na segunda metade do século XIX, respectivamente, inventaram e aperfeiçoaram os «anaglyphes» — projeção estereoscópica bicolor — país do moderno Natural Vision dos irmãos Gunzberg. Continuando a caminhada, passemos por Estenave e Bertier, que conceberam, em 1896, o chamado «princípio das paralelas absorventes», de onde se

originou o atual Processo Ivanov dos soviéticos; por Grimoin-Sanson, inventor, em 1897, o Cinecosmorama; por Karl Juahz, criador do chamado Kinoplastikon (1910); por François Savoye, que patenteou em 1920 um «écran» especial para projeções estereoscópicas sem óculos (processo já visto pelo público francês no Clichy Palace, de Paris); pelo próprio Lumière, que refilmou, por volta de 1932, algumas seqüências do seu primeiro «show» de Cinematógrafo, por um processo seu derivado dos anaglifos; e por mais uma porção de gente boa que, positivamente, não se conformava com as projeções «flats». A despeito dessa procura alucinada, embora uma porção de visionários vivesse e morresse fugando novidades, o cinema, depois de botar a seu serviço o som e a cor, sossegou o pito e não deu mais confiança para os maníacos da «terceira», que se limitavam a extravasar, seu gênio inventivo em filmes experimentais, «shorts» publicitários e «divertissements» sem compromisso.

As telas curvas; as projeções em hélices, em cortinas de fumo e em grades espelhadas; as câmaras xifópagas; os visores coloridos e as lentes revolucionárias, não gozavam da intimidade do grande público e só tinham acolhida nos grupos de amadores, nas escolas de cinema, nos laboratórios de pesquisa e nas feiras de amostras.

Com o advento da televisão a situação mudou bastante. A TV, de-

CINÉREO 3-D — NOVO SISTEMA TRIDIMENSIONAL

envolvendo-se de maneira vertiginosa nos países mais adiantados, começou a representar para o cinema um perigoso concorrente, um implacável desviador de público. Hollywood sentiu na carne a ferroadada da crise e, em meados do segundo semestre de 1952, foram lançados em Nova York três novos processos que visavam tomar o pulso do grande público. Foram eles o Cinerama, o Natural Vision e

o Cinemascope. O primeiro e o terceiro caracteristicamente panorâmicos (falso relêvo), baseados no emprêgo de telas curvas de grande superfície, e o segundo fundamentalmente estereoscópico (relêvo real). As rendas foram fabulosas e o resultado da «tomada de pulso» é o que se sabe: uma verdadeira orgia de processos e sistemas, cada qual querendo chegar mais perto do nariz dos espectadores.

RUA Visconde de Guarapuava, Curitiba, Paraná. É este o endereço de um moço brasileiro, professor e cientista, responsável por uma série de invenções extraordinárias, entre as quais um processo revolucionário para cinema tridimensional.

A nossa reportagem foi buscar o professor Leonel Moro na sua bela Curitiba, para apresentá-lo a vocês. Antes, porém, algumas considerações preliminares.

DE CADETE A PROFESSOR DE FÍSICA

Leonel Moro é um homem moço, vigoroso, entusiasmado, professor de matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Faculdade Católica do Paraná, e catedrático de Física do Colégio Estadual. Seus estudos no campo da cinematografia em três dimensões começaram por volta de 1946, quando Moro era cadete da Academia Militar das Agulhas Ne-

gras. Tão empolgado ficou o rapaz com o problema que abandonou a carreira das armas para dedicar-se exclusivamente à física e às matemáticas, matriculando-se na faculdade oficial paranaense, onde hoje leciona. Os domingos, as horas de lazer, de noite após as aulas e todo e qualquer tempo livre, enfim, do acadêmico era gasto com estudos e experimentos de ótica.

«CINÉREO 3D», A PRIMEIRA ETAPA

O jovem físico da Vila do Pinhalão compreende e não se aborrece com a desconfiança da maioria das pessoas com relação ao seu processo antes de assistir a uma demonstração, pois ele é tão pouco complicado que todos querem «ver para crer». Nós vimos e acreditamos, embora saibamos que Leonel Moro ainda tem um árduo caminho a percorrer até solucionar certos problemas técnicos.

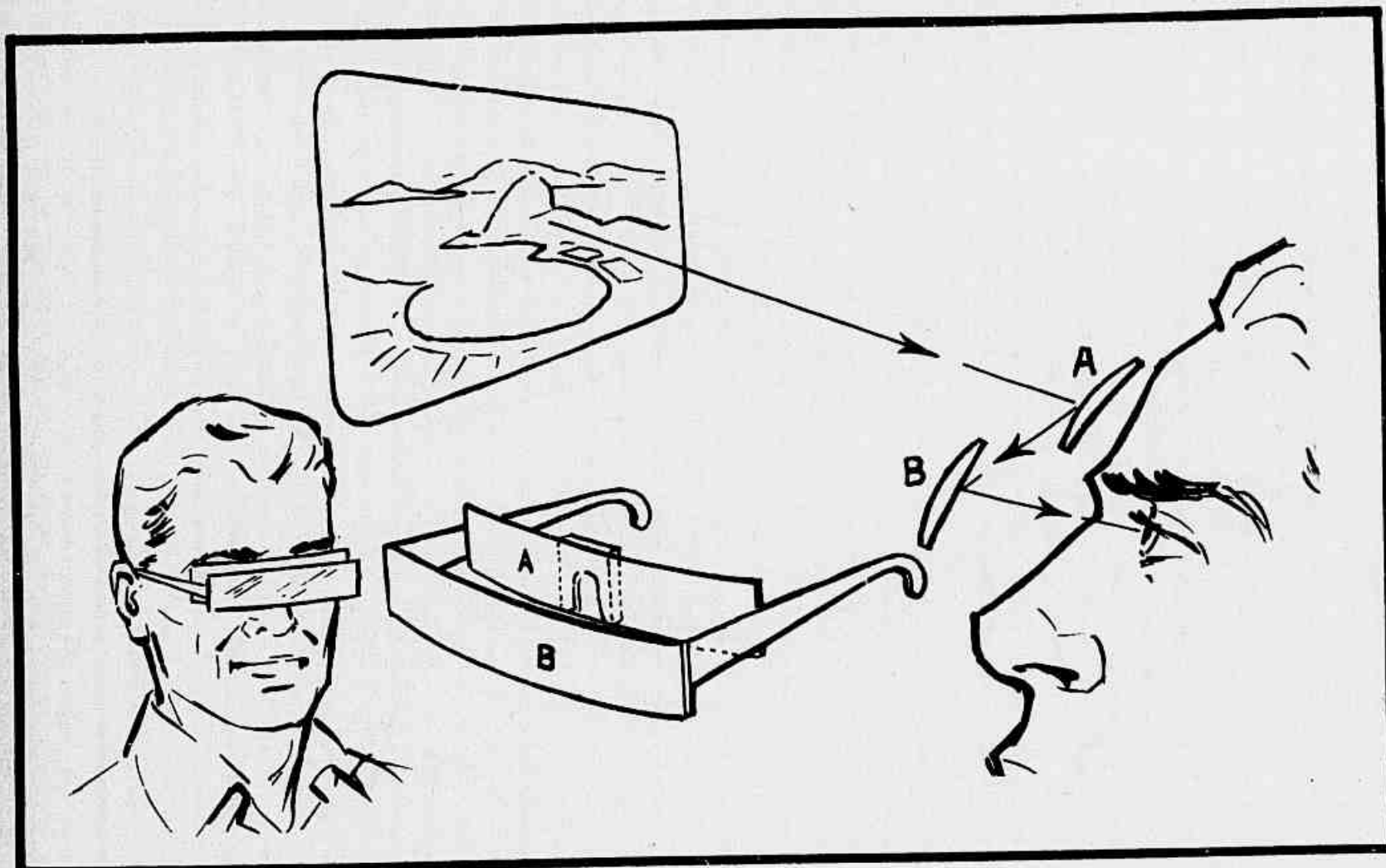
Explicando o seu invento, diz Moro: — «O meu dispositivo ocular para observar imagens planas com efeito de 3-D, é a evolução de uma invenção muito anterior: o «Cinéreo».

— «O Cinéreo — prossegue — é de uma simplicidade incrível e reúne tôdas as vantagens dos chamados processos panorâmicos e dos sistemas estereoscópicos, dispensando o emprêgo de óculos — de se adaptando a qualquer tipo de película. Podemos dizer, definindo, que o Cinéreo 3-D é um processo ótico que produz efeito estéreo-panorâmico. Seu nome é uma abreviação eufônica das palavras gregas cinema (movimento) e stéreo (sólido)».

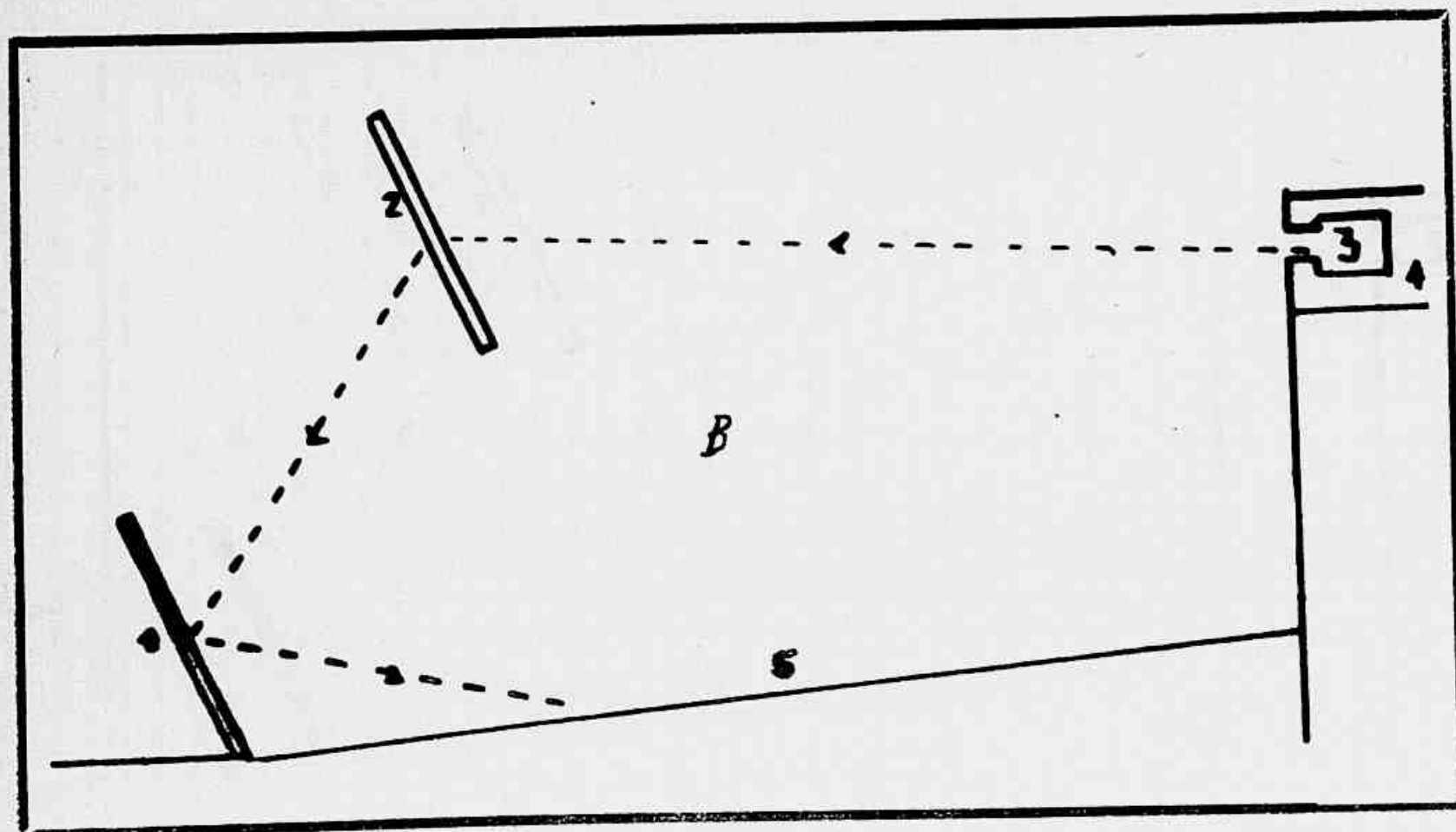
— «Para se compreender o dispositivo ocular é preciso conhecer-se o princípio do Cinéreo, e para se entender este, é necessário que expliquemos inicialmente o que é, em princípio, estereoscopia e em que se baseiam os processos que empregam as telas curvas de grande superfície».

— «A estereoscopia baseia-se no fato de que os objetos vistos pelos olhos produzem em cada retina uma imagem diferente no sentido transversal. A sintetização feita pelo cérebro das duas imagens, que são, como dissemos, iguais mas com uma diferença de angulação, dá sensação de «relêvo». Isto se deve à convergência das linhas visuais».

— «Os chamados processos panorâmicos, como o Cinerama e o CinemaScope, partem do princípio de que os objetos que nos cercam pertencem às superfícies curvas cujo centro aproximado é ocupado pelo observador. O alcance máximo da vida humana é, em graus, de 165° aproximadamente, por 60. Se enchermos uma grande tela com uma imagem que se aproxime destas medidas teremos, senão o relêvo que nos dá a estereoscopia, pelo menos uma sensação bem marcante de profundidade».



ES, ESQUEMATIZADA e simplificada, a invenção de Leonel Moro. 1 — espelho côncavo; 2 — tela convexa transparente; 3 — cabine de projeção; 4 — projetor e filme comuns; 5 — platéia. A imagem chega ao espectador depois de duplamente refletida em um espelho convexo e outro côncavo.



— «O meu Cinéreo, continua o professor, visava incorporar ao espetáculo cinematográfico as vantagens dos dois princípios acima enunciados: efeitos estereoscópicos dentro da visão panorâmica».

Depois de tecer ainda algumas considerações de ordem técnica a respeito dos processos existentes, Leonel Moro falou-nos da colaboração que recebeu do técnico Mário Borelli, que o ajudou na execução das primeiras maquetes e dos equipamentos de prova.

— «Para bem compreender-se o Cinéreo, partamos do binômio Tela-Projeção. Inicialmente temos uma tela curva e convexa, transparente, montada no teto do cinema, que recebe diretamente a imagem emitida pelo projetor, retransmitindo-a em seguida por transparência, a uma segunda tela, que é um espelho, colocada na frente do público. Este espelho, que é maior do que a tela transparente, é curvo e côncavo; o filme projetado é distorcido na tela convexa e transmitido assim para o espelho côncavo que corrige a distorção. Até aqui já temos a visão panorâmica do filme, muito favorecida pelo fato de ser realizada em um espelho, onde a noção de «flat» praticamente não existe. Paralelamente a esta circunstância temos também, perfeitamente caracterizado, o fenômeno estereoscópico, pois a imagem observada pelo espectador, refletida no espelho curvo, favorece a disparidade transversal dos pontos de imagem na retina, isto é, a imagem pelo olho direito difere da imagem vista pelo esquerdo. A superfície côncava produz convergência das linhas visuais que auxiliadas pelas disparidades transversais, provocam imagens estereoscópicas a olho nu».

DISPOSITIVO OCULAR PARA OBSERVAR IMAGENS PLANAS COM EFEITO TRIDIMENSIONAL

— «O atual dispositivo ocular, diz Leonel Moro (privilegio de patente reg. DNPI, MTIC of. n. 1148, proc. 3219156, termo 103, 15º D.R. do Trabalho, Paraná), não é nada mais nada menos que um micro-Cinéreo individual».

— «Dificuldades de ordem técnica (difícil a fabricação de grandes espelhos côncavos); desejo de simplificar economicamente o processo (seria alto o custo da adaptação de uma sala ao seu processo); restrições de ordem ótica (apenas determinado setor de uma sala de espetáculos apresentaria condições de recepção da imagem sem distorções); e a evolução natural dos meus estudos, fizeram com que eu chegasse ao dispositivo ocular».

Esclarece que o princípio é fundamentalmente o mesmo, com a diferença que são usados dois espelhos, em lugar de um espelho e uma tela transparente. Conforme podemos ver na «figura 2», a imagem é recebida por um espelho convexo e retransmitida para um outro côncavo. É neste último que os olhos vão encontrá-la, já com efeito espacial.

O EFEITO ESPACIAL

Explica Moro concluindo:

— «O efeito criado pelos espelhos curvos côncavos é tão impressionante como o efeito estereoscópico, porém difere da visão binocular, porque a sensação tridimensional ocorre, ainda, com o concurso de um único olho. Não se trata de uma ilusão de ótica, uma vez que podemos observar imagens sem cometer erros quantitativos. Outros estudos mostram que este efeito tridimensional procura se aproximar das funções normais da visão, pois a imagem que se destaca, quando concentramos a vista sobre a mes-



EXTREMAMENTE moço, o prof. Leonel Moro teve a idéia de inventar um novo sistema de projeção tridimensional. Pesquisando e calculando, chegou ao Cinéreo 3-D, que entusiasma os engenheiros estrangeiros que com ele travam conhecimento. O «L'Osservatore Romano» dedicou-lhe longo estudo

ma, surge distinguida das outras imagens existentes no plano da figura observada. Evidencia-se, então, o concurso de três causas à percepção visual: fisiológica, física e psicológica. E chamamos este efeito de espacial».

UM «RECORD» NA CÂMARA ESTADUAL DO PARANÁ

É sabido que o Brasil não é o paraíso dos inventores. Santos Dumont teve que ir para a França a fim de concretizar sua loucura sublime de querer voar, e o incrível padre Landel de Moura, indiscutível inventor da telegrafia sem fio muito antes de Marconi, continua a ser um dos muitos ilustres desconhecidos da nossa história.

Mas parece que o professor Leonel Moro conseguiu quebrar a tradição bem brasileira de que no Brasil não se inventa nada e que o dinheiro gasto com pesquisa científica é dinheiro

pôsto fora. Quase desconhecido no Brasil, fora de sua cidade natal, embora tenha inventado um sistema absolutamente revolucionário para cinema tridimensional, sistema este comentado em tópico no «L'Osservatore Romano», o inventor paranaense recebeu dos cofres públicos do seu estado um quarto de milhão para prosseguir seus estudos e aperfeiçoar o invento. (Lei 1.914 de 21-5-1954).

O deputado Antônio Constâncio de Souza, autor do projeto que concedeu o auxílio ao inventor, afirmou à nossa reportagem ter visto muito poucas vezes em sua vida um projeto transitar com tanta rapidez naquela casa do Legislativo.

— «Em cerca de 8 dias apenas o projeto percorreu todas as comissões da Câmara. Não decorreu um mês completo entre a apresentação do mesmo e a sua assinatura pelo governador do Estado».



◆ Em sua rápida permanência aqui no Rio, o general Pedro Aramburu, Presidente da República Argentina, suportou a investida de algumas dezenas de repórteres cada qual mais bisbilhoteiro e assanhado... E teve ocasião de confirmar o que em número anterior foi publicado pela REVISTA DA SEMANA, sobre o corpo de Eva Perón. Ele não foi incinerado nem suas cinzas foram jogadas ao rio da Prata, como se noticiou. Com a responsabilidade de um Chefe de Estado, o general Aramburu positivou que, pelo contrário, o corpo da esposa de Perón foi entregue à sua progenitora e está sepultado em um túmulo simples em Buenos Aires. Outras das declarações interessantes do presidente argentino, foi a que se prendia às relações comerciais do seu país com a Rússia: «Comerciamos com a Rússia — esclareceu — porque achamos que as relações dessa espécie são parte dos fatores políticos mas tal comércio não tem grande expressão e importância». Por fim, o general Aramburu desmentiu que o nome de alguma figura destacada da administração brasileira pudesse estar comprometida na documentação apreendida sobre pessoas e organizações ligadas ao peronismo, nas Américas. (Foto A. FERREIRA).

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cr. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

REVISTA DA SEMANA

Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — Nº 31 — Rio de Janeiro — 4-8-1956

Propriedade da Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

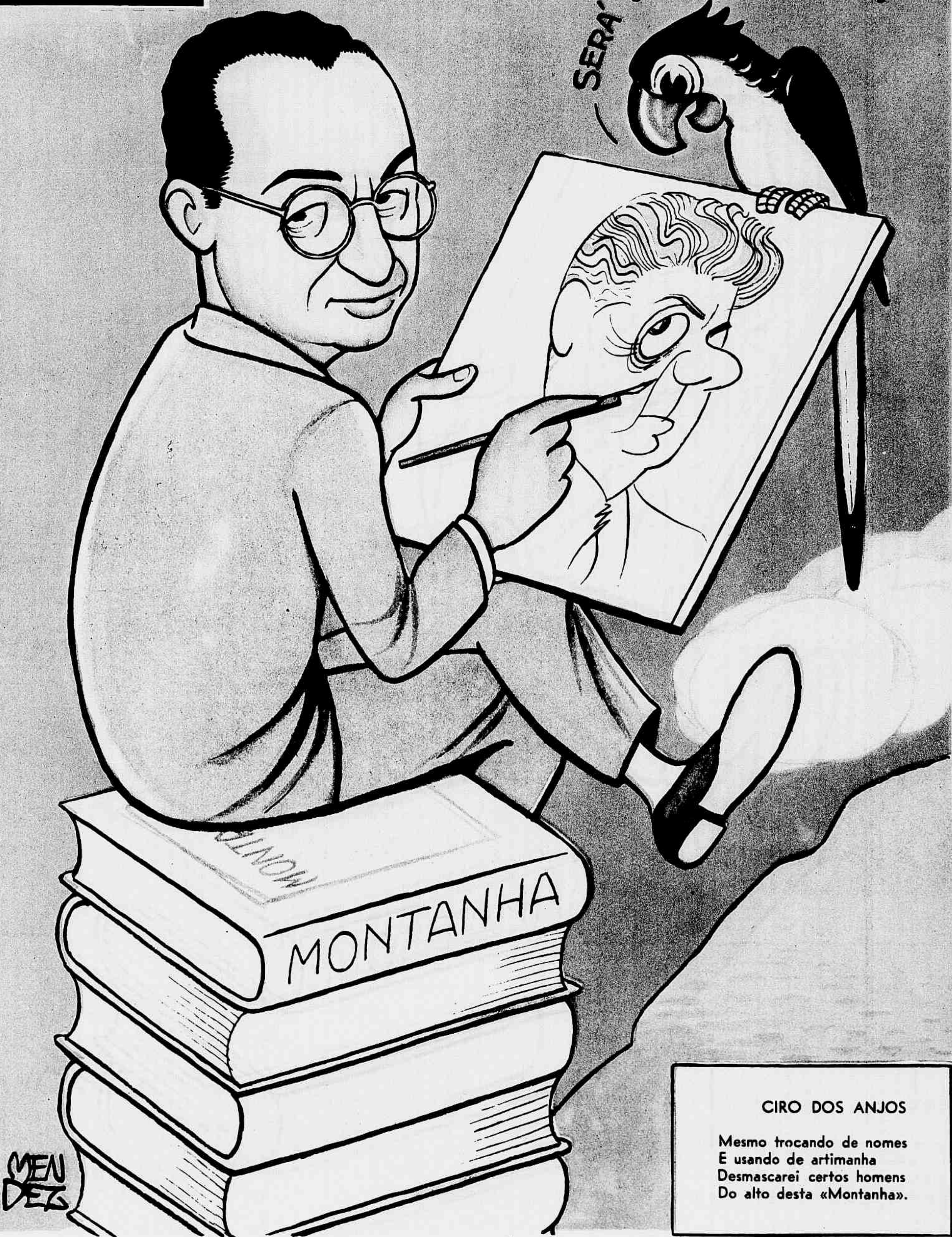
Parte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

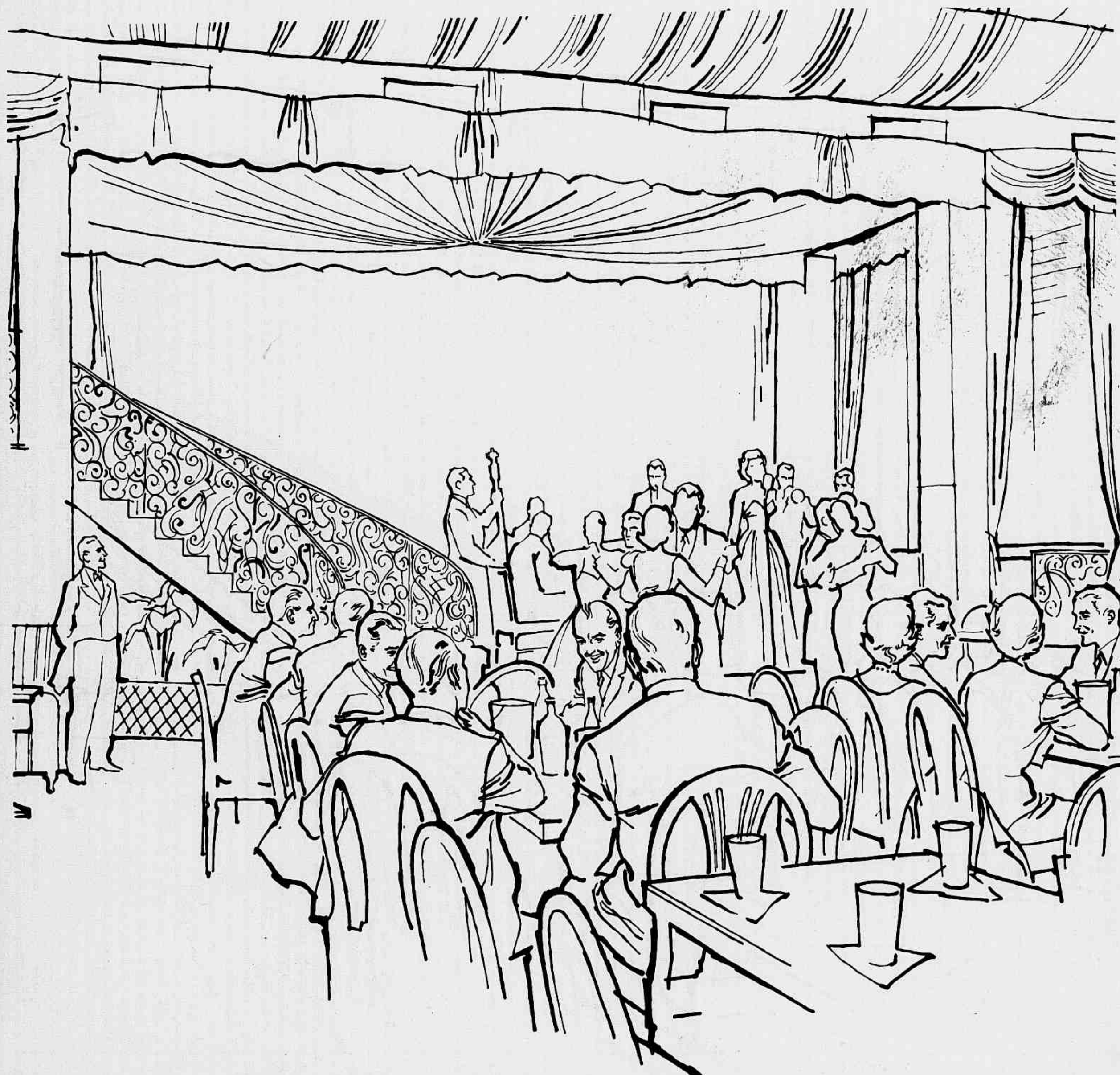
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



CIRO DOS ANJOS

Mesmo trocando de nomes
E usando de artimanha
Desmascarei certos homens
Do alto desta «Montanha».



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood

uma tradição de bom gosto

